



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS – UFSCar

Felipe André Padilha

**O SEGREDO É A ALMA DO NEGÓCIO: MÍDIAS DIGITAIS MÓVEIS E A GESTÃO
DA VISIBILIDADE DO DESEJO HOMOERÓTICO ENTRE HOMENS NA REGIÃO
DE SÃO CARLOS**

**São Carlos
2015**



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS – UFSCar

Felipe André Padilha

**O SEGREDO É A ALMA DO NEGÓCIO: MÍDIAS DIGITAIS MÓVEIS E A GESTÃO
DA VISIBILIDADE DO DESEJO HOMOERÓTICO ENTRE HOMENS NA REGIÃO
DE SÃO CARLOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia, da Universidade Federal de São Carlos, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. Richard Miskolci Escudeiro.

**São Carlos
2015**

Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da Biblioteca Comunitária UFSCar
Processamento Técnico
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

P123s Padilha, Felipe André
O segredo é a alma do negócio : mídias digitais
móveis e a gestão da visibilidade do desejo
homoerótico entre homens na região de São Carlos /
Felipe André Padilha. -- São Carlos : UFSCar, 2015.
121 p.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal de
São Carlos, 2015.

1. Mídias digitais. 2. Regimes de visibilidade. 3.
Homossexualidades masculinas. 4. Segredo. I. Título.



Universidade Federal de São Carlos
Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Sociologia
Rodovia Washington Luís, Km 235 – Cx. Postal 676
13565-905 São Carlos-SP - Fone/Fax: (16) 3351.8673
www.ppgs.ufscar.br - Endereço eletrônico: ppgs@ufscar.br

FELIPE ANDRÉ PADILHA

Dissertação de Mestrado em Sociologia apresentada à Universidade Federal de São Carlos, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Aprovada em 10 de março de 2015

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Richard Miskolci Escudeiro
Orientador(a) e Presidente
Programa de Pós-Graduação em Sociologia/UFSCar

Profª Dra. Iara Aparecida Beleli
Universidade Estadual de Campinas

Prof. Dr. Jorge Leite Júnior
Universidade Federal de São Carlos

Para uso da CPG

Homologado na 54.ª Reunião da CPG-
Sociologia, realizada em 09/04/15

Profª Dra. Jacqueline Sinhoretto
Coordenadora do PPGS

Para o meu amigo Renato e todos aqueles que não suportaram.

AGRADECIMENTOS

Acredito que uma pesquisa é sempre o efeito de um conjunto de relações e de experiências que nos empolgam, nos desafiam e nos inquietam. Muitas pessoas foram importantes para mim durante este processo. Elas fizeram desse conjunto uma constelação de encontros afortunados.

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer aos meus interlocutores pela confiança e disposição em abrir para mim parte das suas vidas. Em especial, aos queridos Cleber, Marcos, Rogério e Saulo, muito obrigado. Eu não sei se sou capaz de expressar com palavras a minha gratidão.

Ao meu orientador, Professor Dr. Richard Miskolci, por ter confiado no meu trabalho, muito obrigado. Sou grato pela prontidão, por ter sido sempre acessível, generosamente compartilhando comigo suas reflexões, que tanto me desassossegaram.

Igualmente, meus agradecimentos se estendem aos/as colegas membrxs do Quereres – Núcleo de Pesquisa em Diferenças, Gênero e Sexualidade. Nossos encontros e discussões entusiasmadas, em parte, estão aqui. Espero tê-las transmitido com a mesma intensidade com que me impactaram.

Agradeço à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP pela concessão da bolsa de pesquisa, sem a qual este trabalho seria impossível.

Obrigado à minha mãe e ao meu pai, por terem sempre me apoiado na difícil empreitada da vida de cientista social. Obrigado à minha família e à minha avó, Maria Luiza, pelo carinho e por acreditar em mim. À minha avó Cida (*in memoriam*), a minha gratidão misturada com a terna lembrança das tardes de contação de histórias, que me apresentaram as delícias da leitura.

Também gostaria de expressar minha gratidão por três pessoas que marcaram profundamente a minha formação: a professora Dr.^a Leila S. Jeolás, o professor Dr. Flávio B. Wiik e a minha querida professora Dr.^a Martha Ramirez Galvez. Muito obrigado por me apresentarem “o mundo das ciências sociais” de maneira tão encantadora e apaixonada.

Aos/às amigxs, colegas, professorxs e funcionárixs do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar, muitíssimo obrigado pelos dias felizes e por terem compartilhado comigo tantos momentos de aprendizado.

Em especial, ao Professor Dr. Gabriel Feltran, o meu sincero agradecimento pelas valiosas sugestões durante o exame de qualificação, assim como ao Prof. Dr. Jorge Leite Jr., a quem agradeço pela presença na banca final e pelos sorrisos. À professora Dr.^a Iara Beleli,

muito obrigado por ter aceitado participar da banca de defesa e por ter sido sempre tão atenta desde quando formulei o projeto.

Por fim, não posso deixar de agradecer aos/às amigxs que, como as borboletas e os veados saltitantes, tanto colorem e alegam a minha vida: Ju do Prado, Keith Kurashige, Lara Facioli, Luiz Henrique Miguel, Rodrigo Melhado e Maria Isabel, vocês são as melhores companhias que eu poderia abichar nessa jornada.

Letícia e João Paulo, vocês são amizades preciosas. À Anna Paula Vencato e à Carolina Ribeiro, o meu sincero agradecimento pelas sugestões virtualmente contrabandeadas. À Juliana Justa, minha gratidão pela revisão cuidadosa e atenta.

Patrícia Braga, Bruno Dio, Rafaella, Dedo, Malú, Calabrez, Lilian, Vinicius, Ana Karina, Thais e Batata, muito obrigado por fazerem parte da minha vida. Mesmo longe, estamos perto.

Ao meu querido Clever, meu muito obrigado por ser a força, o ombro amigo e a reserva de afeto e carinho que eu tanto precisava. Eu avisei que não seria fácil.

Ao meu amigo Renato (*in memorian*), a quem dedico este trabalho, obrigado pelas lembranças das manhãs divertidíssimas na escola. Sigo daqui com a expectativa de que consigamos viver, sob normas sociais menos sufocantes, dias mais felizes...

Não se deve fazer divisão binária entre o que se diz e o que não se diz; é preciso tentar determinar as diferentes maneiras de não dizer, como são distribuídos os que podem e os que não podem falar, que tipo de discurso é autorizado ou que forma de discricção é exigida a uns e outros.

Michel Foucault

O que causa o problema não é o desejo homossexual, é o medo da homossexualidade.

Guy Hocquenghem

O desejo do macho, explicitado neste circuito, permite iluminar obscuros entramados que dispõem a produção e reprodução, a recriação, de um modo de dominação sociossexual.

Néstor Perlongher

RESUMO

O segredo é a alma do negócio: mídias digitais móveis e a gestão da visibilidade do desejo homoerótico entre homens na região de São Carlos

Esta dissertação deseja compreender o uso estratégico que homens do interior de São Paulo fazem das mídias digitais móveis visando criar relações com outros homens em segredo. Meu campo toma como base a cidade de São Carlos, localizada na região central do Estado, e foca no uso de aplicativos de busca para parceiros amorosos e sexuais por homens com idade entre 18 e 60 anos. Em diálogo com a Teoria Queer, os estudos brasileiros sobre sexualidade e outras pesquisas sobre mídias digitais, parto da hipótese de que a dinâmica do segredo que envolve as relações homoeróticas nessa região tem como objetivo manter a segurança nos espaços da família e do trabalho. Associando o trabalho etnográfico às entrevistas, aos dados quantitativos e às fontes sobre o uso das mídias digitais, procuro compreender como o segredo se liga ao acesso à mobilidade interurbana, à localização geográfica, ao estilo de vida, à educação, à renda, à profissão. Considerando o contexto sociotécnico de recepção das mídias, analiso quais deslocamentos e rearranjos no repertório para qualificar o desejo foram possíveis mediante o fluxo de convenções e códigos digitalmente mediados.

Palavras-chave: Mídias Digitais. Regimes de Visibilidade. Homossexualidades Masculinas. Segredo.

ABSTRACT

The secret is the key of business: digital medias and the management of homoerotic desire's visibility between men in São Carlos's area.

This dissertation wish to comprehend the strategic use of digital and mobile medias by men from countryside of São Paulo state that search for secret relations between men. My field has its base on Sao Carlos's city, located in the central area of the state, and focus on the use of seeking applications for loving and sexual men partners between 18 and 60 ages. Considering Queer Theory, Brazilian studies of sexuality and other searches about digital medias, I take as hypothesis that the dynamic of secret that involves the homoerotic relations in this area has the objective to preserve the security in spaces such as family and work. Associating the ethnography work to the interviews, quantitative data and sources about use of digital medias, I look for understanding how the secret is connected to the interurban mobility, geographic location, life's style, education, income and profession. Taking into consideration the social and technical context of medias reception, I analyze which displacements and repertory's rearrangements to qualify the desire have been possible by means of the conventions and codes flow digitally mediated.

Keywords: Digital Medias. Visibility Regimes. Male Homosexuality. Secret.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa da região com as cidades dos interlocutores.....	33
Figura 2 - <i>Site</i> do aplicativo Grindr© na <i>web</i>	39
Figura 3 - <i>Site</i> do aplicativo Scruff© na <i>web</i>	40
Figura 4 - <i>Site</i> do aplicativo Hornet© na <i>web</i>	41
Figura 5 - Imagem da interface de “exploração”. Hornet© à esquerda e Scruff© à direita.....	42
Figura 6 - Interface do Grindr© para a construção do perfil.....	44
Figura 7 - Grindr© - Grade de busca.....	50
Figura 8 - Interface do Scruff© para a construção do perfil.....	51
Figura 9 - Scruff© - Interface de busca.....	52
Figura 10 - Interface do Hornet© para construção do perfil.....	52
Figura 11 - Hornet© - Interface de busca.....	53
Figura 12 - Informações e recomendações sobre o status sorológico.....	55

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Proporção geral da faixa etária autodeclarada pelos interlocutores.....	60
Gráfico 2 - Proporção de rostos a mostra nos perfis dos interlocutores da pesquisa.....	61
Gráfico 3 - Proporção das faixas etárias autodeclaradas nos perfis dos usuários que mostram o rosto.....	63
Gráfico 4 - Proporção das faixas etárias autodeclaradas nos perfis dos usuários que não mostram o rosto.....	63
Gráfico 5 - Proporção de forclusões textualmente expressas nos perfis dos os usuários que mostram o rosto.....	71
Gráfico 6 - Proporção de forclusões textualmente expressas nos perfis dos os usuários que não mostram o rosto.....	71
Gráfico 7 - Proporção entre os usuários que não mostram o rosto e que se autodescrevem com referência à masculinidade.....	77
Gráfico 8 - Proporção entre os usuários que mostram o rosto e que se autodescrevem com referência à masculinidade.....	78
Gráfico 9 - Proporção entre as preferências sexuais autodeclaradas pelos usuários que mostram o rosto no perfil.....	85
Gráfico 10 - Proporção entre as preferências sexuais autodeclaradas pelos usuários que não mostram o rosto no perfil.....	85

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
O objeto.....	12
O negócio dos aplicativos.....	18
Os aplicativos como tecnologias de gênero	20
Sobre a negociação do segredo	21
1 PERCURSOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS: POR QUE E COMO PESQUISAR A PARTIR DOS APLICATIVOS?.....	26
1.1 Os aplicativos como ferramentas de pesquisa.....	27
1.2 Sobre o trabalho de campo e a sistematização dos dados.....	29
1.3 Sobre a amplitude territorial e os deslocamentos entre as cidades.....	31
1.4 Sobre as observações livres e encontros.....	34
2 SOBRE OS APLICATIVOS	37
2.1 Notas sobre a criação e publicidade dos aplicativos	37
2.2 Como converter-se em um perfil?: sobre as categorias que interpelam, decompõem e (re)constroem os sujeitos nos perfis	43
2.3 Desejo, política e sexualidade: o fantasma do HIV e a tecnologia do controle.....	53
2.4 Sobre as normas que regulamentam e controlam o uso	58
3 O DESEJO NA PALMA DA MÃO: SOBRE A CIRCULAÇÃO DOS PERFIS.....	60
3.1 Separando “homens maduros como eu” das “bichinhas dos aplicativos”.....	64
3.2 Forclusões em série: afinal, o que tanto incomoda a masculinidade?	70
3.3 Masculinidades que ostentam: fujam para as colinas, a “bicha” vem aí!	72
3.4 Notas sobre a dimensão performativa da masculinidade	78
3.5 “Os paranoicos da tríade sigilo-discrrição-macho”: segredo, efeminofobia, passividade sexual e estigma	81
4 O DESEJO DA METRÓPOLE: SOBRE COMO DAR CONTA DE SI MESMO.....	89
Cleber	90
Marcos.....	96
Rogério.....	101
Saulo	106
5 O SEGREDO É A ALMA DO NEGÓCIO – CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	115
REFERÊNCIAS.....	119

INTRODUÇÃO

O objeto

Cansado da palhaçada desse *app* [aplicativo] e das frequentes perguntas medíocres que me são feitas. Então, pra poupar o trabalho de 90% de vocês, aí vai: não, não sou sarado. Sim, sou assumido. Sim, frequento a academia, mas só pra manter o peso. Sim, estou concluindo o meu curso superior. Então, se você é divertido, bonito (aos meus olhos), sabe falar português e conversar sobre assuntos variados, escreva-me. Agora, se você procura um cara “macho e discreto”, faça-me um favor: reveja seus conceitos, reflita sobre suas condições e engula suas frustrações, por que homem que deita com outro homem é viado e pronto.
4 km, 23 anos.

A apresentação acima foi textualizada por Henrique, estudante de engenharia, em seu perfil no aplicativo Scruff©. Os elementos por ele mencionados apontam diretamente para o conjunto de questões que abordarei ao longo desta dissertação. Esta pesquisa deseja compreender o uso estratégico que homens do interior de São Paulo fazem das mídias digitais móveis¹ visando criar relações homoeróticas em segredo.

A hipótese central que conduz esta investigação é a de que a busca “discreta” e em “segredo” tem como objetivo primeiro manter uma heterossexualidade presumida no espaço do trabalho e da família, tornando viável a manutenção dos vínculos de respeito e afeto. Dito de outro modo, as mídias digitais constituem uma saída tecnológica e provisória que possibilita o arranjo estratégico de relações homoeróticas ao abrigo do olhar público. Interessa compreender não apenas as convenções que regem a busca, a apresentação e a gramática erótica que conduz a sedução para aqueles que buscam em segredo, mais também analisá-las levando em consideração as apresentações contestatórias desses ideais.

Os aplicativos em questão funcionam em *tablets* e *smartphones*², são anunciados pelas propagandas como produtos voltados ao público “gay” e permitem a constituição de redes sociais com base em georreferenciamento. Nomeadamente, tratam-se de redes geossociais que

¹ Por mídias digitais me refiro ao conjunto articulado de tecnologias da informação e seus suportes que englobam, inclusive, os dispositivos tecnológicos que permitem o acesso à internet, tais como computadores, *smartphones* e *tablets*.

² *Tablets* são dispositivos pessoais em formato de prancheta com tela sensível ao toque (*touchscreen*) com pelo menos sete polegadas. Se popularizaram com o iPad® da Apple© em 2010 por possuírem telas maiores que a de *smartphones* e realizarem operações em multitarefa o que facilita seu uso para trabalho. *Tablets* são mais leves comparados aos *notebooks* e *PC's*. Os *tablets* possuem acesso à internet por meio de *hotspots* WiFi ou, se suportado, por redes móveis. *Smartphones* possuem as mesmas capacidades, com tela reduzida e propriedades específicas de telefones. Funcionalidades adicionais podem ser inseridas a partir das necessidades do usuário pelas lojas de aplicativos (*app*) do sistema operacional dos aparelhos.

apresentam em sua interface uma grade de perfis dispostos lado a lado com base no posicionamento geográfico do usuário.

Atualmente, cerca de quinze aplicativos similares estão disponíveis no mercado virtual. Alguns deles, inclusive, são destinados a segmentos particulares desse público, como é caso do Growlr, voltado especificamente para *bears* ou ursos³. Frente à variedade de aplicativos similares, pela própria viabilidade da pesquisa, optei por delimitar o campo circunscrevendo os usuários das três redes que possuem o maior número de perfis na região, são elas: Grindr®, Scruff® e Hornet®. Os três possuem grandes semelhanças na interface e no funcionamento, mantendo apenas pequenas variações em relação ao *design* e aos recursos oferecidos em suas versões gratuitas.

Portanto, minha entrada se deu através destes aplicativos, sempre tomando como base a cidade de São Carlos, na região central do Estado de São Paulo. A partir de onde, ao longo de dezessete meses, contatei centro e trinta e nove homens com idade entre 18 e 60 anos, distribuídos em vinte e quatro cidades localizadas em um raio de aproximadamente 100 quilômetros de distância.

Logo que comecei o trabalho de campo, em maio de 2013, percebi que um número significativo de usuários, se não a maioria, não exibia o rosto nas imagens e apresentava em destaque no perfil a rejeição por homens efeminados e, por vezes, àqueles “assumidos”. Em contrapartida, também ficou patente a preferência por parceiros “discretos”, “fora do meio” e “com jeito de homem”. Provisoriamente, a partir dessa incursão prévia, entendi que os elementos que orientavam a busca em segredo, para estes homens, estavam relacionados, de alguma maneira, ao desejo por parceiros com os quais pudessem ser submetidos ao escrutínio público sem serem reconhecidos como homossexuais.

A partir das interações em campo, passei a aventar a hipótese de que havia uma dinâmica de visibilidade e ocultamento nas relações homoeróticas no interior de São Paulo. Nessa dinâmica, as evitações em torno dos homens efeminados se articulavam em um jogo de “visibilidade” e “invisibilidade”. O “efeminamento”, entendido como uma performance “escandalosa”, era de maneira recorrente por eles apontado como um elemento capaz de “denunciar” o desejo.

Mais adiante, notei que, entre os objetivos visados por meus interlocutores, estava o desejo por manter a segurança nos espaços do trabalho e da família, evitando os estigmas

³ *Bear* ou urso é uma categoria identitária que remete a uma comunidade com códigos, práticas e uma estética específica em relação à cultura *gay* masculina. Em linhas gerais, os homens que se identificam como ursos tendem a ter o corpo mais robusto, peludo e usam barba.

convencionalmente atribuídos à homossexualidade. Em contrapartida, uma vez presumidos como heterossexuais, estes homens conseguiam garantir o acesso aos privilégios concedidos publicamente à heterossexualidade.

Desta maneira, me pareceu fundamental desenvolver uma compreensão sobre a relação entre os ideais de masculinidade, o caráter público da heterossexualidade e o espectro fantasmático convencionalmente atribuído àqueles homens “assumidos” e “efeminados”. Do mesmo modo, também me pareceu necessário considerar o contexto de insegurança social brasileiro vivido por aquelas pessoas que demonstram publicamente a não conformidade com a ordem heterossexual e que ganha diversas especificidades quando circunscrito ao imaginário das sexualidades no interior paulista.

Diferente do que se passa em contextos metropolitanos, ser reconhecido/a como homossexual, no interior, pode ganhar contornos estigmáticos (GOFFMAN, 1988) que tensionam a moralidade local, podendo resultar em represálias, ameaças, rechaço e violências simbólicas ou físicas. Conversando com meus interlocutores, percebi que a expressão “homem de verdade” era empregada recorrentemente tanto para avaliar a suficiência ou não da masculinidade desempenhada por outrem, quanto para se referir ao perfil do parceiro desejado.

Mais à frente, compreendi que a busca pelo “homem de verdade” pressupunha que, por trás das diferenças visíveis entre os homens, (re)existia a ideia de uma “masculinidade original” ou uma espécie de “essência verdadeira do masculino”. Em geral, assertivas desse tipo eram sustentadas sobre a percepção de que a masculinidade é, desde sempre, uma característica inerente aos homens heterossexuais. Dito de modo mais simples, um “homem de verdade” é um homem indiscutivelmente heterossexual e dele são extraídas as preposições modelares para a “verdadeira masculinidade”.

Mauro, um rapaz com quem mantive contato durante a pesquisa, apresentou-me uma assertiva irônica e, ao mesmo tempo, reveladora a esse respeito. Durante nossa conversa, ele se queixava da escassez de “homens de verdade” na cidade, afirmando que conhecia boa parte dos que usavam o aplicativo e que a maioria dissimulava suas preferências sexuais. Segundo ele:

– Na internet [referindo-se ao bate-papo] ou nos aplicativos todo mundo sempre mente e, às vezes, até acaba conseguindo enganar. A coisa é assim: aquele cara que diz ser flex [versátil] na verdade é passivo e provavelmente tem vergonha de dizer. Aquele que diz ser ativo na verdade está com tesão e quer encontrar alguém rápido para transar, mas, se você for com jeitinho, consegue comer porque na verdade ele é versátil. Já aquele cara que

logo diz que é passivo, esse você pode esquecer porque ele não vai te comer nem com uma metralhadora apontada pra cabeça.

Diante da fórmula apresentada, questioneei onde estariam, então, os homens que gostam de ser “ativos” na relação sexual, já que eles não apareciam na classificação. Prontamente, expressando um sorriso jocoso, ele me respondeu:

– Meu amigo, o homem que é homem mesmo, de verdade, esse está em casa comendo a mulher ou caçando alguma na rua. Homem que é homem não procura em aplicativo, come qualquer coisa onde aparecer.

Mais do que evidenciar as convenções e fantasias sobre o caráter predatório desses “homens de verdade” sob a fórmula – homem-heterossexual-másculo-ativo –, a fala de Mauro apontava para a ligação entre a masculinidade “verdadeira” e o desejo predatório como características inerentes à heterossexualidade. À sua maneira, ele tornava visível o paradoxo que enreda a busca nos aplicativos – em especial aquela que acontece em segredo: “o desejo é homo-orientado, mas que tem que parecer hétero” (MISKOLCI; PELÚCIO, 2008, p.13).

Inspirado pel’ *O negócio do michê*, uma referência incontornável nos estudos sobre sexualidade no Brasil, escrito pelo antropólogo e poeta argentino Néstor Perlongher (2008), passei, então, a explorar a busca por parceiros a partir do desejo compreendido como um mecanismo regulador que marca normas de gênero, cria padrões estéticos e que sustenta uma “gramática erótica”, nos termos de Miskolci (2013).

Perlongher me ofereceu um caminho analítico e metodológico profícuo ao tomar de maneira crítica o desejo pelo “homem de verdade” como o índice que guiava o negócio dos michês na região central da cidade de São Paulo. A partir do conceito de “região moral”, cunhado pelo sociólogo Robert Park, ele acompanha a deriva dos michês e da própria moralidade, convertendo-a em código-território, nos termos de Deleuze, para mostrar como os códigos internos produziam possibilidades outras de subjetivação.

Hoje em dia, poderíamos dizer que as restrições seguidas por esta pesquisa poderiam ser abarcadas sob o conceito de heteronormatividade capaz de sintetizar “o conjunto de normas prescritas, mesmo que não explicitadas, que marcam toda a ordem social” (MISKOLCI; PELÚCIO, 2008, p. 17).

Embora os códigos negociados pelos michês paulistanos apresentados na etnografia de Perlongher não sejam exatamente os mesmos que os que circulam pelos aplicativos, muitos funcionam ainda em continuidade, assim como a masculinidade permanece no centro das

demandas. Tal como entre os michês, para parte significativa dos meus interlocutores o “homem de verdade” é construído à imagem e semelhança do “homem heterossexual”.

No entanto, “no ambiente anárquico e difuso da *web* velhos códigos se reinventam para falar do negócio do desejo” (MISKOLCI; PELÚCIO, 2008, p. 17). A internet produziu uma dimensão relacional de caráter interativo que permitiu uma expansão do código para outras áreas que não apenas os grandes centros urbanos. Por assim dizer, o tráfego de informações da internet possibilitou o tráfico de vocabulários, experiências e tecnologias que engendraram outras possibilidades para pensar o desejo.

O sociólogo Scott Mcquire (2011, p. 57) aponta como as mídias digitais constituíram um “espaço relacional” que afetou a antiga estabilidade territorial, gerando novas apropriações e sobreposições do espaço. As mídias digitais permitiram a constituição de redes que se sobrepõem e conectam diferentes pessoas e sistemas, facilitando as antigas e produzindo novas interações.

Dito isto, algumas questões podem ser estabelecidas: em que medida as mídias ampliaram também as segmentações que anteriormente estavam presentes no espaço público, transpondo-as, em continuidade, para o espaço relacional? Em que medida o espaço público heterocentrado se replica sob restrições postas desde as bases em que as pessoas interagem? De modo mais simples, ao construírem redes específicas para “gays” ou “*gay-friendly*”, as mídias digitais reproduzem a heteronormatividade que permeia o espaço público também no âmbito do espaço relacional?

Considero que as plataformas de relacionamento na *web* e os aplicativos (re)produzem no espaço relacional das mídias digitais mais do que meros ambientes homossociais. Se os aplicativos arquitetam redes segmentadas fundadas sob uma taxinomia das identidades sexuais (gays, homens que curtem homens, “g0ys”, bissexuais, ursos, fetichistas), à revelia, eles também sustentam o repertório, a visibilidade, a inteligibilidade e, conseqüentemente, a legitimidade destes códigos, amparando e mantendo intocados os privilégios concedidos à heterossexualidade.

O sexo impessoal entre homens é, há muito tempo, uma estratégia empregada para burlar as pressões de uma cultura homofóbica. Laud Humphreys (1976), sociólogo da Escola de Chicago, foi um dos pioneiros na abordagem sociológica sobre o tema ao descrever e analisar as práticas e as forças sociais que rotulavam em termos de “desvio” a busca pelo sexo anônimo e impessoal.

Humphreys percebe que, embora os homens que frequentassem as *salas de chá* – saunas e banheiros públicos que abrigavam os encontros – fossem alvo constante de

acusações, a moral pública mantinha certa condescendência e tolerância com esta prática. Com uma invejável criatividade metodológica, ele apresenta uma descrição acurada sobre o jogo invisível de encontros ao acaso nos banheiros públicos de uma cidade, não identificada, localizada nos Estados Unidos da América.

A conclusão à qual Humphreys chega é, ao mesmo tempo, simples e desafiadora: a sala de chá enredava uma incongruência entre desejos individuais e expectativas coletivas, mas, de qualquer maneira, estas práticas eram inofensivas e não representavam “perigo” algum aos homens heterossexuais. Portanto, os “encouraçados da justiça” que rotulavam os frequentadores eram nada mais que “empreendedores morais” buscando rotular os frequentadores das salas de chá de maneira “desacreditada”.

A conclusão de Humphreys poderia figurar lado a lado com a sintética formulação a partir da qual Guy Hocquenghem (2009, p. 21) inicia sua reflexão crítica sobre o desejo homossexual: “o que causa o problema não é o desejo homossexual, é o medo da homossexualidade”. Para este autor, o próprio termo “desejo homossexual” só pode existir em uma sociedade que se funda no reino da paranoia anti-homossexual (p. 87). Em consequência, o “desejo homossexual” só pode ser vivido em grupos restritos, já que suas expressões estão proibidas por toda a sociedade (p. 89).

Perlongher (2008), observando o contexto paulistano, sugere que a rua é um espaço de errância sexual por onde os sujeitos à deriva se abrem ao novo durante a procura. Para este autor, “A *paquera* homossexual constitui, no fundamental uma estratégia de procura de parceiro sexual, adaptada às condições históricas de marginalização e clandestinidade dos contatos homossexuais” (PERLONGHER, 2008, p. 166). Daí o papel decisivo desempenhado pelo segredo e pelo grupo.

Observando o que se passa atualmente com a busca digitalmente mediada em San Francisco, ou “*hook-up*”, em termos êmicos, Miskolci (2014a, p. 281) aponta que

[...] os aplicativos higienizaram o *cruising*⁴, incentivaram formas de segmentação, seleção de parceiros e até mesmo graus diversos de “envolvimento” em um espectro que engloba o sexo anônimo e sem compromisso.

Miskolci apresenta San Francisco como um contexto no qual considera que exista uma nova economia do desejo em ação que possui bases materiais e restritivas. A partir do

⁴ “*Cruising*” designa os contatos anônimos e impessoais entre homens gays nas áreas públicas dos centros urbanos e comerciais ao abrigo do olhar público. O termo foi popularizado na literatura sociológica em meados da década de 1980. Em geral, esses contatos e interações eram estabelecidos em banheiros, cinemas, praças e outros espaços por onde os códigos da deriva são territorializados.

trabalho etnográfico combinado com análises teóricas, ele interpreta estas mudanças como efeitos de um conjunto de transformações de ordens tecnológica e econômica. Miskolci (2014a, p. 294) demonstra como, para os homens que trabalham em contextos heterossexistas, os aplicativos funcionam como uma solução sociotécnica provisória e imperfeita “para lidar com as expectativas sociais que ainda restringem seu horizonte amoroso”.

No tocante às relações homoeróticas masculinas, historicamente enlaçadas ao segredo, em termos tecnológicos, a internet comportou uma profusão de sítios, plataformas e aplicativos especializados na busca por parceiros sexuais e/ou amorosos. Esse espaço relacional intensificou as trocas simbólicas e colocou em circulação vocabulários e estilos de vida que expandiram os horizontes aspiracionais, permitindo rearranjos nas significações pré-existentes.

Esta circulação não é estabelecida apenas pelos usuários. As imagens, as propagandas e os comentários na mídia a respeito dos aplicativos vendem como “novas” estratégias, estéticas e um repertório para qualificar e viver o desejo. Outro repertório é colocado em transação, assim como outras estéticas ganham visibilidade. Daí a gramática erótica de que fala Miskolci (2013).

Sharif Mowlabocus (2010) aponta que as mídias permitiram a constituição de redes que possibilitaram falar sobre o desejo, assim como intensificaram a troca de “imagens” outras sobre a “homossexualidade” e sobre “como ser gay” em escala global. Nos contextos de recepção, estas mídias descentram os predicados empregados para qualificar o desejo homossexual, permitindo posições contestatórias diante das suas expressões hegemônicas.

Para este autor, na medida em que ampliam o contato e a interação entre as pessoas, as mídias digitais trouxeram um aspecto positivo: elas colocam em circulação um novo vocabulário para lidar com o desejo homoerótico mais vinculado à “identidade” do que vincado sob os tropos da “patologia” e da “vergonha”.

No entanto, ao reservarem ambientes virtuais especificamente voltados para não heterossexuais, como é o caso dos aplicativos, as mídias acabam funcionando como um prolongamento dos banheiros, saunas e outros espaços destinados à pegação e, com isso, mantêm intocada a percepção heteronormativa sobre o espaço público.

O negócio dos aplicativos

Tendo em vista este cenário, algo parece ter permanecido em comum desde a pesquisa de Perlongher até os nossos dias: a busca ainda é guiada pelo desejo do “homem de verdade”.

Em outras palavras, a masculinidade é ainda o fetiche que guia tanto quem busca quanto quem se apresenta. Os aplicativos criaram um espaço para a publicidade de si e ali, onde todos se anunciam. Tal como os michês de Perlongher, todos também precisam se haver com o desejo pela masculinidade de quem busca. A grande demanda por corpos másculos, construídos à base de exercícios físicos e expostos em fotos eróticas, parece ter borrado as fronteiras visíveis que antes permitiam diferenciar aqueles que vendem daqueles que compram.

Se antes os códigos eram deslocados marcando territórios simbólicos dispostos pela cidade, agora os códigos são retraduzidos enquanto trafegam pelo espaço relacional das mídias digitais. Embora os contextos locais recodifiquem a linguagem, ao compor um perfil no aplicativo, o usuário se vê irremediavelmente preso a uma entrevista que, embora não seja mais a do cliente, ainda considera fundamental extrair dele informações sobre sua corporalidade, métrica e prosa.

Ao se decompor em medidas, preferências e ilustrado por uma imagem atrativa, o usuário se apresenta como se fosse um produto que, entre tantos outros, precisa soar atrativo aos olhos de quem consome. Nos depoimentos e nas descrições dos perfis, não são raras as ocasiões em que os usuários mencionam a “sensação” compartilhada de que estão em disputa em um “mercado”. Alguns, de maneira mais crítica, ironizam a concorrência e a construção dos perfis como produtos que esperam até serem consumidos.

É assim que, ironicamente, Henrique, apresentado no início, antecipava o roteiro de questões para “poupar o trabalho” dos possíveis interessados e o seu próprio em ter que os responder.

Perlongher (2008) nos mostra como os anúncios delineados na carne sintetizavam os componentes que eram valorizados na busca. A corporificação do desejo, como mostra este autor, acontecia na entrevista que situava o michê sob o escrutínio do cliente com suas demandas. Nesse caso, a “masculinidade viril” (p. 255) era a mercadoria que estabelecia o valor na negociação e, principalmente, o que despertava o interesse do cliente sobre o michê.

Como sintetizam Miskolci e Pelúcio (2008, p. 19), no diálogo via internet, a antiga “entrevista” foi abreviada pela velocidade das interações virtuais, mas, do mesmo modo, se manteve o desejo pelo “homem de verdade” no centro das demandas. Em continuidade com estas análises, é possível sugerir que a internet disseminou o protocolo da entrevista como prática corrente na busca por parceiros e que, em linhas gerais, a linguagem do mercado foi estendida tanto entre as relações hétero quanto homoeróticas (MISKOLCI, 2014a).

A internet e as mídias digitais possibilitaram a formação de redes propícias à “recreação erótica visual” (LEAL-GUERRERO, 2013, p. 121) que, com frequência, se confunde com a própria busca. Nesse arranjo sociotécnico, seja ou não paga, a busca por encontros e por sexo recreativo e impessoal persiste na internet, gerando a cada dia mais conteúdo.

Os aplicativos como tecnologias de gênero

Apresentar-se em um aplicativo implica estar aberto a uma inescapável negociação que envolve o desejo, a possibilidade de aceitação e de rejeição. As interfaces dos aplicativos constituem um ponto de mediação entre a representação de si e a visão que o Outro tem sobre ela.

Nesse sentido, as redes geossociais são mais do que um mero desdobramento da tecnologia da informação ou um simples efeito mercadológico decorrente da ampla disseminação no consumo dos dispositivos e do acesso à internet. Considero que os aplicativos são “tecnologias do gênero”, no sentido proposto pela feminista Teresa de Lauretis (1996), na medida em que são regulados por uma economia política que arranja suas práticas e os seus usos em torno de convenções correntes.

O desejo, como parte do que anima o gênero, é um artefato culturalmente modelado pelos incentivos, pelas recompensas, mas, também, pela violência social e pelo medo da exclusão (HOCQUENGHEM, 2009). Seguindo essa trilha, este é um estudo que versa sobre as convenções que dividem aquelas formas de expressão do desejo consideradas aceitáveis daquelas tidas como imorais.

Reconhecendo a centralidade da heterossexualidade na definição dos ideais, vocabulários e fantasias que estabelecem o desejo homossexual como seu exterior constitutivo, esse trabalho não pretende ser um estudo sobre uma “comunidade”, “identidade” ou um “grupo” específico. Esta é uma abordagem em torno das práticas que circundam, incitam e constroem o desejo – como no caso do segredo – e as pessoas que as sustentam em uma cultura heteronormativa.

O gênero é uma relação social constantemente refeita por meio de várias tecnologias e discursos institucionais que disputam o controle dos campos de significação social para então produzir, promover e implantar determinadas formas inteligíveis de representar o próprio gênero. Lauretis (1996, p. 15) nos demonstra que a construção do gênero é tanto o produto

quanto o processo da sua própria representação, ou melhor, “a construção do gênero é o produto e o processo de ambas, da representação e da auto-representação”.

Assim, trata-se de uma relação social central que organiza à sua volta práticas simbólicas cujas marcas se estendem para além das vidas individuais e que se constituem como um eixo de produção de desigualdades e diferenças (CONNELL, 2003). Mas, dizer que o gênero é uma relação social implica também em assumir que as convenções de gênero são variáveis e, portanto, relativas aos contextos históricos, políticos e culturais que as fomentam. Os aplicativos criam redes vivas e vibrantes ao abrigo do olhar público que permitem a essas pessoas vivenciarem relações, desejos, fantasias e encontros face a face de maneira impensável em um contexto anterior à difusão das mídias.

Os aplicativos não constituem apenas uma nova tecnologia da comunicação. Antes, são tecnologias de gênero que servem como uma amostra sobre restrições mais amplas presentes em nossa sociedade e que são capazes de nos comunicar sobre política, desejo, lutas, protesto, afetos, sexualidade, economia, entre outros temas tão caros à pesquisa sociológica e antropológica. Vistos pelo avesso, os perfis construídos nos aplicativos apontam para os fantasmas que assediam alguns ideais públicos da masculinidade heterossexual cristalizados em nossa sociedade.

Sobre a negociação do segredo

O segredo é a alma do negócio toma como pano de fundo a hipótese de que, entre a maioria dos meus interlocutores, os usos dos aplicativos são marcados pelas negociações em torno do segredo. Dito de outro modo, o que guia o jogo de negociação e sedução nas redes constituídas a partir dos aplicativos é a busca por aqueles homens que sustentam – e, em alguns casos, ostentam – uma apresentação considerada discreta e enfática com relação àqueles atributos considerados masculinos. O “segredo” e a “discrição” combinam com uma imagem viril na medida em que apontam para sujeitos capazes de resistir ao escrutínio público e “passar por” hétero, indo de encontro ao centro das demandas expressas nos perfis.

Ao falar em negócio e negociação, não me refiro especificamente à troca monetária, mas a um tipo de negociação entre termos simbólicos, algo como uma “gramática relacional” que rege as relações homoeróticas (MISKOLCI, 2012). Pretendo com isso reter o caráter de transação ou troca multilateral trabalhosa e que envolve o desejo, assim como as fantasias, aceitações, rejeições, ofertas, forclusões e demandas que entram em jogo.

Entretanto, mesmo desvinculado do seu caráter de transação monetária, a negociação evoca a noção de uma economia política. Como nos ensina Gayle Rubin (1986), toda economia é também política na medida em que serve como terreno para a disputa acerca dos valores atribuídos, da circulação e distribuição de determinados bens simbólicos.

Enquanto uma dinâmica que se baseia em “valores” ajustados em um dado contexto, todo negócio considera uma multiplicidade de índices cambiantes que são organizados por meio dessa economia política (RUBIN, 1986). Na medida em que integra o negócio do desejo, o segredo, enquanto um valor, deve ser entendido como o arranjo e o investimento em uma “economia da informação” (SIMMEL, 2011, p.92).

Como objeto de investimento, o segredo é o resultado de informações trabalhadas, cindidas, acrescidas, desviadas e modificadas. Esse é o lado do segredo que exerce uma espécie de sedução, um tipo de fascínio pela sua dimensão oculta. Por outro, no caso daquele que oculta uma informação tal como um estigma, o segredo pode transformá-lo numa espécie de proletário da informação. Seu “trabalho”, nesse caso, consiste em retrabalhar a informação sobre um contexto prévio no qual está contida a sua circulação. Esse trabalho poderia ser definido como o acréscimo permanente de “mais-informação” visando desviar a atenção pública e, assim, resguardar o segredo.

Por exemplo, aquele pai que se desterritorializa dos códigos da família se negociando como “passivo obediente” nas redes, precisa, a todo custo, retrabalhar a informação sobre si em outros territórios em que estes códigos adquirem outro sentido, como na família, para sua esposa, seus filhos, os colegas do escritório e assim por diante. Ele precisará, na maioria das vezes, produzir informações cruzadas sobre si mesmo que permitam seu deslocamento seguro ao abrigo da exposição pública e, portanto, secreto. Onde estava? Com quem estava? Qual será o “Plano B”? Todas essas são questões previamente consideradas, em maior ou menor medida, por quem administra uma vida dupla. Omissão, mentiras e segredos, afastados de seu conteúdo moral, apenas sinalizam quais informações e enunciados, por questões morais, terão que circular de maneira restrita.

Em diálogo com George Simmel, considero o segredo como um elemento sociológico que desempenha uma função técnica nas interações sociais e que pressupõe o arranjo de uma economia da informação que marca sujeitos incluídos e excluídos do conhecimento sobre aquilo que se pretende ocultar. Trata-se de “uma forma sociológica geral em situação de neutralidade, acima do valor e das funções de seus conteúdos” (SIMMEL, 2011, p. 92).

Mediante o arranjo das informações, por motivos óbvios, o estigmático tende a ser ocultado se tornando também o signo da revelação (GOFFMAN, 1985). Em uma cidade com

as proporções de São Carlos, ou em outros casos ainda menores, encontrar com alguém “conhecido” que desmantele o arranjo revelando o segredo pode ser considerado um “risco” iminente para aqueles homens que temem ser publicamente identificados ou reconhecidos como homossexuais. Apresentar-se como homem gay ou homossexual nos perfis é uma afirmação identitária performativa que cola os sujeitos a uma identidade de gênero (homem) e sexual (gay/homossexual) que aciona um imaginário estético e ético sobre “como ser gay”.

Raewyn Connell (2003, p. 199), analisando as relações entre as masculinidades, explica que:

A cultura patriarcal interpreta os homens gay de forma muito simples: são homens para os quais falta masculinidade. Essa ideia se expressa em uma extraordinária variedade de formas que (in)concluem desde velhos chistes sobre, por exemplo, a cintura ou a roupa que utilizam, até investigações psiquiátricas sofisticadas sobre a "etiologia" da homossexualidade na infância. A interpretação se relaciona evidentemente com a suposição comum em nossa cultura de que existe um mistério na sexualidade: o de que os opostos se atraem.

Ao falar em masculinidades, não se trata de simplesmente reconhecer o seu caráter múltiplo, mas de reconhecer também as relações estabelecidas entre as formas distintas sob as quais se apresentam. Estas relações, quer assumam a forma de aliança, domínio ou subordinação, são forjadas em diferentes níveis por práticas que excluem e incluem, que intimidam e exploram homens e mulheres em função de uma política de gênero que coloca no topo a masculinidade hegemônica (CONNELL, 2003, p .61).

O texto de apresentação de Henrique, com o qual iniciei esta exposição, é um exemplo de enunciado que resiste tensionando as representações do discurso hegemônico presente nos aplicativos e, justamente por isso, ocupa um lugar importante nesse espaço de construção cotidiana do gênero. Seus efeitos políticos começam pelo nível da subjetividade e da autorrepresentação e culminam no ataque à política empreendida pela masculinidade hegemônica. Com acidez, ele afronta o expressivo número de usuários do aplicativo que explicitamente busca “caras discretos”, “com jeito de homem”, “no sigilo”, “não efeminados”, “ másculo”, “ativo”, “com voz de homem”, “com corpo legal”, “fora do meio” e “disposto a curtir um lance entre machos em segredo”. Sua postura crítica explicita a centralidade ocupada pela masculinidade heterossexual como modelar, assim como o roteiro convencional pelo qual se iniciam as interações e as primeiras perguntas.

Em diálogo com a Teoria Queer, os estudos sobre sexualidade e outras pesquisas sobre mídias digitais, procuro desenvolver uma compreensão que associa o uso das mídias digitais

móveis à produção de uma gramática erótica e de uma economia visual que privilegia as expressões capazes de sustentar uma heterossexualidade presumida.

Assumir-se “homossexual”, além de um projeto com marcas de classe que remetem aos segmentos mais abastados da sociedade brasileira, implica (ainda!), em diversos contextos, em riscos de várias ordens. Entre meus interlocutores, as demandas e pressões pela heterossexualidade com as quais se confrontam na vida cotidiana, seja de maneira direta ou indireta, enredam o jogo de visibilidade e negociação.

Como aponta Miskolci (2014a), a busca “discreta” não se resume ao duo segredo-revelação. Nas relações digitalmente mediadas, “negociação e cautela são termos que marcam essa dinâmica que gira em torno de manter os laços familiares, os quais são claramente marcados pelo interesse de ambas as partes em manter a unidade familiar” (p. 19).

A Teoria Queer demonstra a articulação que constrói algumas expressões da homossexualidade e das dissidências de gênero a partir da excrescência. Esta articulação é também a porta de entrada para descrever e analisar o modo pelo qual se confere centralidade à heterossexualidade, investindo-a com a aura de naturalidade que torna invisíveis sua centralidade e capacidade normativa. Nesse sentido, esta pesquisa comunica sobre como os homens com quem mantive contato encontram maneiras socialmente sancionadas de lidar, por um lado, com as pressões coletivas e, por outro, com seus desejos que as contradizem. Essa corda-bamba que divide a normalização da abjeção permite que eles conciliem, ao invés de romper, com as expectativas da vida familiar e as demandas do mundo do trabalho.

Ao longo da primeira seção, descrevo o percurso que me levou a tomar a busca digitalmente mediada e, mais especificamente, as relações construídas a partir dos aplicativos como objeto de estudo. Descrevo o modo como sistematizei os dados e como se deu o trabalho de depuração que gerou as hipóteses em torno do segredo.

Na segunda seção, busco situar o contexto de criação dos aplicativos nos Estados Unidos da América, dando atenção como são anunciados ao restante do mundo através das propagandas nos *sites* oficiais dos aplicativos na *web*. Apresento como é constituída a dimensão arquitetural dos aplicativos ou, de outro modo, como funcionam, quais são as possibilidades e os limites desta tecnologia. Acredito que esse seja um passo importante para tornar a pesquisa inteligível às pessoas menos afeitas com essas mídias.

Dou ênfase às categorias convencionalmente empregadas pelas comunidades gays que são oferecidas aos usuários para que se classifiquem nos perfis. Com isso, busquei apontar para as diferenças entre os contextos de produção e de recepção dos aplicativos, assim como às expectativas por parte das pessoas com relação aos usos. Pretendi tornar mais visível o

modo como os perfis são apresentações performativas produzidas pelos usuários diante de categorias pré-formatadas que elicitam a descrição da corporalidade e uma textualização da subjetividade. Considero este aspecto fundamental para aclarar o modo como essas apresentações circulam, ganham visibilidade e legibilidade, como são forcluídas, desejadas e consumidas.

Na terceira seção, analiso os perfis mantidos pelos interlocutores nos aplicativos articulando inferências quantitativas à etnografia. Esse recurso permitiu cruzar dados com relação à ênfase na descrição, na exibição dos rostos nas fotografias, as informações sobre preferências sexuais, as referências à masculinidade, as faixas etárias e tornou possível compreensões mais gerais sobre a amostra. Essa estratégia metodológica permitiu apontar para um conjunto de questões que envolvem a retórica das masculinidades nos aplicativos e a economia da busca.

Por fim, na quarta seção apresento e analiso as narrativas de quatro interlocutores sobre suas histórias de vida. Elas tornam visíveis os elementos de convergência e divergência em torno dos ideais públicos de masculinidade e as estratégias empregadas para viver o desejo. Ao recompor a narrativa feita por estes homens, pretendo tornar explícito o modo como o desejo é socialmente incitado, premiado, punido e constrangido em diferentes contextos.

Essas narrativas não são e nem se pretendem como representativas no sentido estatístico. Eu procurei compreendê-las como tentativas de “dar conta de si mesmo”, no sentido proposto por Judith Butler (2009). Elas demonstram em que contextos se passam as estratégias para lidar com a rejeição e o apreço das normas sociais. De modo mais simples, são narrativas que nos mostram como os desejos e as práticas são compreendidos a partir das normas e quais são os fantasmas e conflitos iminentes que rondam a revelação do segredo. Do mesmo modo, comunicam sobre a busca por independência, autonomia e o desejo de afastamento geográfico como condição de proximidade e manutenção simbólicas dos vínculos afetivos e familiares. A busca por relações através do aplicativo é o pano de fundo sobre o qual essas relações se desdobram.

1. PERCURSOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS: POR QUE E COMO PESQUISAR A PARTIR DOS APLICATIVOS?

Meu interesse pelas masculinidades começou ainda no curso de Ciências Sociais, na Universidade Estadual de Londrina. Após uma constelação de acasos afortunados que possibilitou que eu desenvolvesse o trabalho de campo no presídio, passei a me interessar mais especificamente sobre as convenções que se relacionavam com a masculinidade no contexto prisional. A partir desta experiência, pude concluir duas iniciações científicas que, posteriormente, resultaram no meu trabalho de conclusão de curso, sob a orientação da Professora Dr.^a Martha Ramirez. Nesse período, pude também participar das atividades do grupo de pesquisa *Corpos e Tecno/Máquinas*.

Ainda nessa época, em contato com as temáticas do grupo e com a Professora Martha Ramirez, passei a me interessar também pelas relações teóricas e empíricas entre os feminismos, tecnologia, gênero e sexualidade. Eu, como um usuário obcecado pela internet, vi nas mídias digitais a sedutora oportunidade de pensar como essa tecnologia alterava nossas relações e permitia que as convenções sobre a sexualidade fossem reinventadas a partir dos contatos estabelecidos através da rede.

Em 2012 sabendo do interesse do meu atual orientador Professor Dr. Richard Miskolci, pelas mídias digitais, no processo seletivo para o ingresso no curso de mestrado apresentei um projeto de pesquisa interessado no sítio <www.g0ys.org>. Naquele momento, parecia-me interessante pensar algo como o modo como a “identidade” G0y era recebida no contexto brasileiro.

No entanto, após ter sido aprovado no Programa, depois de ter adquirido um *smartphone*, descobri os aplicativos. Embora eu já tivesse ouvido comentários prodigiosos que iam desde elogios às facilidades do “radar gay” até a decepcionante busca no interior, foi a partir de março de 2013 que eu tive o primeiro contato com estas mídias como usuário. Conversando com meu orientador, me pareceu tentadora a possibilidade de tomar as relações estabelecidas pelos usuários dos aplicativos na região de São Carlos como objeto de reflexão.

Em 2014, durante o primeiro semestre, encorajado pelo Professor Richard Miskolci e pelos diálogos com xs colegas membros do *Quereres*, desenvolvi o projeto que guiou a pesquisa e que obteve a concessão da bolsa de pesquisa da FAPESP. Desde o início, me chamava a atenção o número significativo de perfis que não exibia o rosto em fotografias e que mencionava, de alguma maneira, a preferência por homens “masculinos” e “discretos”. O título da pesquisa foi resultado de um desses diálogos bem-humorados em que eu

ironicamente joguei com o adágio popular dizendo ao meu orientador: nesses aplicativos “*o segredo é a alma do negócio*”. Naquele momento, eu havia começado a interagir com os interlocutores e percebia a resistência por parte de diversos deles em veicular quaisquer informações que pudessem identificá-los.

Após algumas conversas pelas redes, eu procurava, no momento julgado oportuno, negociar o consentimento expondo as condições e objetivos da pesquisa. Todas as interações com interlocutores foram iniciadas nos aplicativos e, posteriormente, foram estendidas por meio de outras mídias até alcançar interações face a face. Em todos os casos, os interlocutores foram informados sobre a pesquisa antes do primeiro encontro presencial. Com isso, pretendia, além da garantia prévia de alguma possibilidade de negociar com sucesso o consentimento, evitar situações constrangedoras, já que meu interesse era outro que não estabelecer relações eróticas.

Após explicitar os objetivos da pesquisa e obter o consentimento, eu anotava os telefones em uma lista à parte na memória interna do meu *smartphone* intitulada “contatos de pesquisa”. Essa lista permitiu que eu mantivesse controle sobre o número de pessoas com quem interagi, além de garantir o meu acesso ao histórico dessas conversas. Do mesmo modo, os perfis de todos esses usuários foram fotografados e armazenados em um banco de dados à parte ao qual apenas eu tive acesso. Portanto, por razões éticas, estas imagens não foram e não serão divulgadas. Sempre que recorro aos perfis, o faço transcrevendo o texto e descrevendo os elementos necessários.

1.1. Os aplicativos como ferramentas de pesquisa

Desde o início, notei que “trocar Whatsapp®” era uma prática comum entre os usuários dos aplicativos. De maneira geral, é corriqueiro que a interação comece no aplicativo e, depois de algum tempo, se bem-sucedida, migre para este aplicativo de mensagens instantâneas. Diferente dos aplicativos de busca, o Whatsapp® funciona através da linha telefônica. Por meio dele, é possível trocar mensagens de texto, voz, vídeo e imagens/fotografias.

Comprado pela rede social Facebook® em meados de fevereiro de 2014, atualmente o Whatsapp® contabiliza mais de meio bilhão de usuárixs cadastradxs. Como é possível notar, trata-se de uma ferramenta extremamente popular entre os usuários de *smartphones*, razão pela qual este aplicativo passou a ser utilizado por mim também como uma ferramenta de pesquisa.

Como já foi dito, a interação nas redes tem a característica de ser prolongável, uma vez que os contatos estabelecidos dentro de um aplicativo ou *site* tendem a se estender para outras mídias como, por exemplo, Whatsapp®, Skype® e Facebook®. Em geral, os interlocutores preferiam que eu passasse o meu número de telefone antes. Com isso, pude observar que trocar o “Whatsapp®” era mais uma estratégia utilizada como precaução por aqueles homens que buscavam em segredo.

Já que depende do número de telefone para vincular o contato entre dois usuários, esse aplicativo permitia que os interlocutores estabelecessem uma leitura prévia capaz de situar em um contexto de relações a pessoa com quem estavam interagindo. Vale destacar que, em uma cidade com as proporções de São Carlos, ou em outros casos ainda menores, encontrar com alguém “conhecido” é algo bastante provável e até mesmo esperado.

Ser descoberto por um primo, ou por algum “conhecido”, através de um desses aplicativos, para quem pretende esconder, significa colocar em circulação um tipo de “informação destrutiva” (GOFFMAN, 1985) que ameaçaria determinadas transações da vida cotidiana. Sobretudo, quando a contragosto, a circulação da informação pode inserir um terceiro na rede de informados e excluídos. Daí a preferência e insistência para que o outro passe o contato primeiro. Estratégias como essa integram a lógica mediante a qual desconhecidos são buscados sob o manto do anonimato.

Pelo seu caráter mais dinâmico, o Skype® também viabilizou parte significativa das interações nesta pesquisa, principalmente porque permitiu uma maior aproximação dos interlocutores no período em que estavam *on-line*. Por possibilitar a comunicação em tempo real e de maneira gratuita por meio de texto ou voz e vídeo, este programa possibilitou interações em horários variados e diferentes dias da semana.

Além disso, uma vez conectado ao Skype®, o *status* exibido pelo usuário – disponível, ocupado, ausente, trabalhando, estudando – dava uma dimensão prévia da disponibilidade para a interação, evitando, assim, contatos em momentos inoportunos.

Também tive acesso à página pessoal no Facebook® de mais de uma centena de homens com quem conversei. Sempre que fui convidado a integrar a rede, não hesitei em aceitar a solicitação, mas procurei não enviar solicitações de contato com o receio de me tornar inconveniente. Nesta rede social, nossas páginas pessoais se revelam verdadeiros diários públicos que permitem acompanhar as oscilações da cotidianidade, os humores, os acontecimentos banais, as festas, as opiniões, gostos, fotos, vídeos e ideias dos interlocutores.

Além disso, esta rede social, no decorrer da pesquisa, igualmente se converteu em uma fonte útil para tornar visíveis as relações entre os interlocutores. Em primeiro lugar, porque o

Facebook progressivamente tem servindo também como uma plataforma que viabiliza conversas instantâneas. Soma-se a isso o fato de que a rede social permite que os usuários vejam os “amigos” que as pessoas possuem em comum. Desse modo, na medida em que eu ampliava a minha rede de contatos, as relações que os interlocutores estabeleciam uns com os outros foram progressivamente tornadas visíveis. Por razões éticas, não exporei o conteúdo dessas páginas, mas não poderia deixar de mencionar o seu valor do ponto de vista heurístico e metodológico para a investigação.

1.2. Sobre o trabalho de campo e a sistematização dos dados

O período pelo qual se estendeu o trabalho de campo foi o suficiente para que eu estabelecesse contato com um considerável número de pessoas, tendo em vista os limites de uma pesquisa qualitativa e etnográfica exequível no contexto de um mestrado. Posso dizer que não encontrei grandes dificuldades para estabelecer contatos de pesquisa. A velocidade das interações digitalmente mediadas e a minha disposição para conversar indiscriminadamente com todas as pessoas que me procuravam foram elementos que colaboraram para um crescente número de interações.

No entanto, trabalhar de modo qualitativo com mais de uma centena de pessoas é algo impensável para alguém com a minha experiência, considerando o tempo hábil que eu dispunha e a metodologia empregada. Mesmo coletando dados sobre a maioria dessas interações, decidi extrair desse quadro – que considere mais geral e que serviu como fator de controle – um conjunto de categorias recorrentes que poderia funcionar como indicador capaz de guiar a análise dos elementos mais gerais até as narrativas individuais.

Desse modo, não quer dizer que eu tenha trabalhado de maneira qualitativa com mais de uma centena de homens, mas que interagi e dialoguei com eles e isso permitiu extrair recorrências sobre as convenções em torno do desejo, da negociação, da masculinidade e do segredo vistos a partir dos aplicativos.

Durante a pesquisa, tive a oportunidade de me aproximar com mais intensidade de quatro usuários. Generosamente, estas pessoas – a quem sou grato – consentiram que eu “invadissem” suas vidas, compartilhando comigo parte de suas histórias, reflexões e momentos memoráveis. Esses quatro interlocutores me permitiram acompanhá-los em atividades diárias e corriqueiras como, por exemplo, ir ao supermercado, almoçar durante a semana no intervalo do trabalho, caminhar ou beber algumas cervejas no final da tarde, rir e desfrutar da sua companhia. Estas quatro narrativas, expostas ao longo do trabalho, permitem compreender

como são articulados na vida cotidiana tropos como segredo, discrição, família, segurança, trabalho, masculinidade e homossexualidade e mobilidade.

Os dados obtidos nas relações com os interlocutores foram sistematizados e depurados da seguinte maneira: dezoito usuários com quem mantive contato por um maior período de tempo, especialmente *on-line*, viabilizaram a produção de fichas individuais com informações levantadas em entrevistas e em conversas informais, tais como dados biográficos e anotações sobre interações, avaliações, percepções, formulações e encontros. Orientei os dados por uma linha cronológica seguida por uma breve descrição etnográfica que os situava e também sobre as minhas interações e diálogos com cada um deles.

Foram possíveis trinta e uma interações via Skype®, sobre as quais não foram autorizadas gravações. Procurei, na medida do possível, logo após o término destas conversas, reconstruir partes desses diálogos no caderno de campo. Em média, esses diálogos não passaram de trinta minutos. Sete desses contatos se repetiram por mais de duas vezes e com quatro deles pude me encontrar face a face.

No total, ao longo da pesquisa aconteceram quarenta e dois encontros face a face. Nas situações em que o gravador se tornou inconveniente, compreendi que, para alguns homens, em especial os casados, permitir que eu gravasse a entrevista seria o equivalente a gerar provas concretas contra si mesmo. Desse modo, até quando foi possível, posteriormente reconstruí esses encontros também sob a forma de descrições no caderno de campo.

Dez entrevistas com mais de duas horas de duração foram gravadas e, posteriormente, transcritas. Todas foram previamente agendadas e se passaram na casa de interlocutores ou em espaços públicos, tais como o centro da cidade, bares, praças e nas universidades (USP e UFSCar). Entre elas, estão incluídas as gravações das entrevistas com os quatro interlocutores centrais e aquelas realizadas em outras cidades.

Ainda no começo da pesquisa, resolvi fotografar e armazenar em um banco de dados à parte cento e trinta e nove perfis dos homens com quem conversei e que consentiram colaborar com a pesquisa. Os usuários estão distribuídos entre os três aplicativos e localizados em vinte e quatro diferentes cidades. Apresentar todos aqui seria inviável e considero que tornaria o trabalho por demais repetitivo. Os perfis registrados permitiram, mais tarde, inferências numéricas sobre a amostra dos contatos que eu havia estabelecido.

Na depuração dos dados, os perfis foram divididos em duas classes mediante o critério que separava i) os usuários que deixavam o rosto à mostra na fotografia; e ii) os que ocultavam o rosto nas imagens do perfil. Daí em diante, foi possível inferir questões gerais

como, por exemplo, a proporção de usuários contida na amostra que mostrava ou não o rosto, assim como as faixas etárias que concentravam o maior número de interlocutores da pesquisa.

Em cada um dos dois grupos, os dados informados por todos os perfis foram cruzados e permitiram informações, em termos quantitativos, sobre aqueles que buscavam em segredo e aqueles que buscavam abertamente. Com isso, foi possível também contabilizar a proporção etária dos usuários, a proporção de perfis que se descreviam com referência à masculinidade, a proporção das forclusões expressas nos perfis, bem como as proporções entre as preferências sexuais autodeclaradas pelos usuários em cada um dos grupos. A análise deste material é apresentada e esmiuçada ao longo do quarto capítulo. Os dados quantitativos são articulados às informações de cunho qualitativo e etnográfico com o intuito de apontar a fluidez e a dinâmica do próprio campo.

1.3. Sobre a amplitude territorial e os deslocamentos entre as cidades

Como dito, ao longo da pesquisa identifiquei usuários em vinte e duas cidades da região. São elas: Araraquara (35 km)⁵, Matão (73 km), Ibitinga (112 km), Rio Claro (66 km), Ribeirão Preto (103 km), Piracicaba (102 km), Torrinha (86 km), Santa Cruz das Palmeiras (86 km), Santa Rita do Passa Quatro (82 km), Porto Ferreira (60 km), Boa Esperança do Sul (70 km), Pirassununga (80 km), Corumbataí (55 km), Itirapina (39 km), Américo Brasiliense (56 km), Santa Lúcia (63 km), Rincão (62km), Ibaté (19 km), Ribeirão Bonito (47 km), Dourado (60 km), Descalvado (44 km), Analândia (49 km), além de São Carlos, base da pesquisa. Existem ainda usuários contatados que residem em áreas mais afastadas do centro de São Carlos, como é o caso dos que moram nos subdistritos de Água Vermelha (8 km) e Santa Eudóxia (35 km), ambas localizadas em áreas que integram a chamada zona rural da cidade.

A cidade de São Carlos, fica localizada na região central do Estado de São Paulo e pode ser descrita como uma das cidades em que são perceptíveis os efeitos do intenso processo de urbanização iniciado no Sudeste desde 1950. Nesse período, o surgimento de centros de pesquisa ligados à Universidade de São Paulo (USP) e à Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) rendeu parcerias com a Embrapa e o Parque de Tecnologia. Nessa época, corporações industriais, como Volkswagen, Eletrolux e Faber Castell, também foram atraídas para a região.

⁵ A notação da quilometragem entre parênteses indica a distância de cada cidade em relação a São Carlos, cidade base da pesquisa.

O tripé transportes, atividades industriais e núcleos urbanos deu a tônica do desenvolvimento desta região. Em meados da década de 1970, o inchaço urbano da Capital Paulista, o alto preço dos solos urbanos e a deterioração das condições de vida em São Paulo resultaram no que autorxs como Sposito (2007) têm classificado como um fenômeno de “desconcentração”.

As dificuldades administrativas decorrentes do inchaço urbano, a formação de bolsões de pobreza, a poluição e a precarização do pagamento da mão de obra são apontados por Sposito (2007) como elementos que atuam em conjunto intensificando o fluxo de migração da capital para o interior nas décadas seguintes de 1980 e 1990.

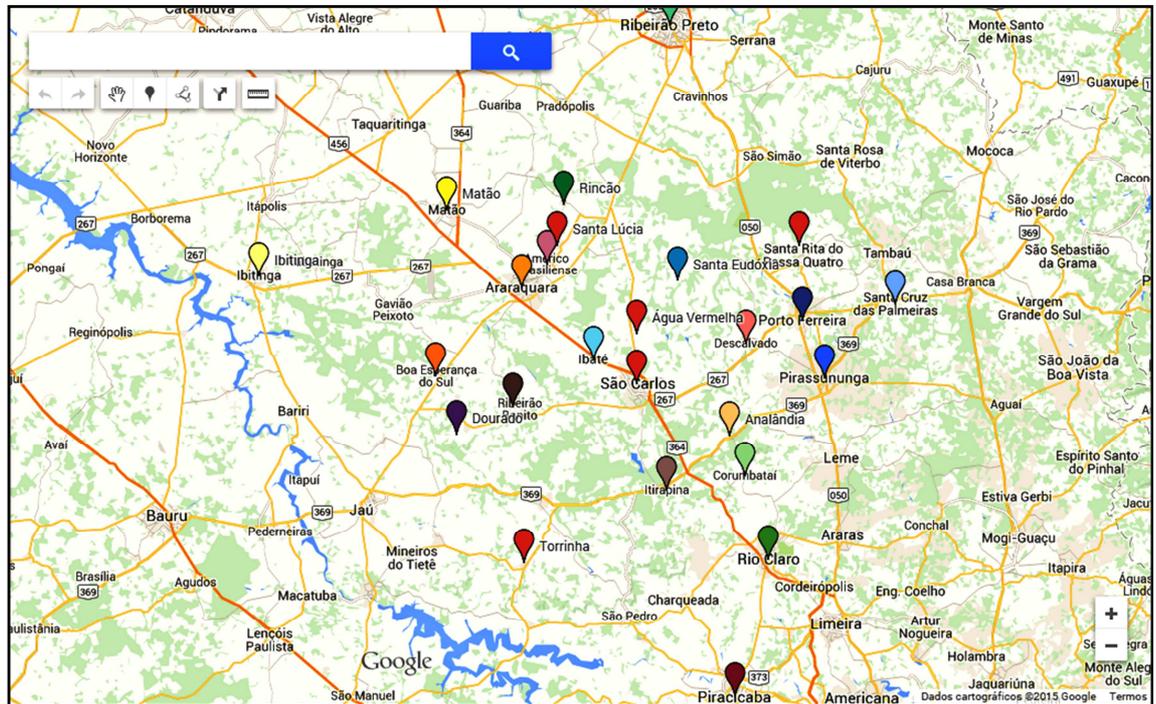
Nesse período, pessoas que viviam na capital se deslocaram em direção às cidades menores do interior, caracterizadas pela “melhor qualidade de vida”, tranquilidade e segurança. A partir da desconcentração industrial, as cidades médias passam a ocupar novas posições na rede urbana paulista, que antes era reservada apenas à cidade de São Paulo. De acordo com Lencioni (1994), o interior paulista assume uma importância industrial que o eleva ao segundo espaço industrial do país, atrás somente das regiões metropolitanas de São Paulo.

O que essas pesquisas descrevem e analisam são os processos de expansão das cidades por intermédio da oferta de trabalho na indústria o que incentivou processos migratórios. Graças à malha viária desenvolvida pela demanda decorrente do crescimento das indústrias na região, atualmente pessoas conseguem se deslocar diariamente entre uma cidade e outra. Por assim dizer, a malha viária e a arquitetura urbana conectam algumas destas cidades, como é o caso de São Carlos, Ibaté e Araraquara, de maneira que incentivam os deslocamentos e o trânsito cotidiano de pessoas pelas mais diversas razões.

As vinte e quatro cidades abarcadas no recorte da pesquisa estão distribuídas em um raio de aproximadamente 100 quilômetros de distância da cidade de São Carlos. Entre elas, muitas pessoas viajam em função do trabalho, do estudo, em busca de lazer ou pelas variadas razões como, por exemplo, fazer compras. Em cerca de uma hora ou, em alguns casos, alguns minutos, é possível se deslocar de uma cidade a outra.

A densidade variada entre as cidades, assim como as restrições em torno dos serviços locais e aqueles oferecidos em cidades maiores, também atua como incentivo no deslocamento interurbano e na composição de um circuito de serviços, lazer e trabalho. Para fornecer parâmetros quanto ao tamanho das cidades compreendidas no recorte da pesquisa, a maior delas, Ribeirão Preto tem aproximadamente 650 mil habitantes, enquanto a menor, o município de Analândia, tem a sua população estimada em menos de 5 mil habitantes.

Figura 1 - Mapa da região com as cidades dos interlocutores



Fonte: Google Maps

As transformações econômicas, sociais e políticas ocorridas desde a década de noventa refletem no arranjo sociotécnico que situa a pesquisa. Considero que essa reestruturação produtiva no território paulista gerou uma ampliação não apenas demográfica das cidades, mas também intensificou, nos últimos anos, a relação entre os núcleos urbanos dessa região. Desse modo, não quer dizer que as pessoas se desloquem pela região apenas à procura de parceiros, mas que o deslocamento é uma prática corrente e que, para algumas pessoas, é intensificado diante da fácil mobilidade entre as cidades.

Acompanhando a definição do sociólogo Louis Wirth (2001), entendo que o grau de “urbanidade”, com o qual podemos caracterizar uma cidade, não se mede totalmente pela sua dimensão territorial tampouco pela sua densidade demográfica. Para este autor, raramente as cidades são capazes de eliminar completamente os traços de sua forma anterior. De outro modo, Wirth (2001, p. 45) sintetiza as cidades como um “agregado relativamente extenso, denso e estável de indivíduos socialmente heterogêneos”, de modo que os traços do mundo rural permanecem presentes nos núcleos urbanos e nas vidas dos seus habitantes.

Durante o trabalho de campo, encontrei-me face a face com dezessete interlocutores distribuídos em onze destas cidades da região. Nessas cidades, o estilo de vida e os níveis de predominância das características rurais e urbanas são bastante variáveis. A saber, encontrei

um interlocutor em Ribeirão Bonito, dois em Ibaté, cinco em Araraquara, dois em Ribeirão Preto, um em Brotas, um em Matão, um em Descalvado, um em Ibitinga, um em Sertãozinho, um no Distrito de Água Vermelha e um no Distrito de Santa Eudóxia. Como dito, todos estes encontros foram previamente agendados e precedidos por conversas via Skype®, Whatsapp® e, em alguns casos, por Facebook®.

Em geral, os encontros ocorreram em praças ou enquanto caminhávamos pelo centro da cidade. Como não conhecia alguns dos municípios mencionados, especialmente aqueles interlocutores que tinham carro fizeram questão de apresentar parte da cidade, o que permitiu também conhecer alguns lugares por onde esses homens circulam e algumas preferências que revelavam sobre o estilo de vida.

Os outros vinte e cinco encontros ocorreram em São Carlos, cidade onde resido atualmente. Destes, onze aconteceram na UFSCar ou na USP, durante o dia ou ao final dele e, nesses casos, se tratavam de estudantes. Oito foram no centro da cidade – dois na Catedral, um no Mercado Municipal, dois na quadra esportiva próxima dali e três na rodoviária. A duração média das conversas foi de uma hora e meia.

Mantive, ainda, contatos esporádicos com outros sessenta e seis homens através do Whatsapp® e, em alguns casos, também através do Skype®. Embora estes dados tenham ficado à parte, considero importante mencioná-los, pois de alguma maneira eles também se dispuseram a participar da pesquisa e eu não disponho de recursos que permitam uma mensura sobre o tempo que duraram essas interações.

No total, durante todo o período em que realizei o trabalho de campo, estabeleci contato com um total de cento e trinta e nove homens que, informados sob as condições da pesquisa, consentiram em colaborar com essa investigação. Os perfis destes homens foram fotografados e armazenados em um banco de dados que permitiu, mais tarde, estabelecer algumas inferências quantitativas sobre a amostra.

1.4. Sobre as observações livres e encontros

Vivendo em São Carlos, cidade de médio porte com pouco mais de duzentos mil habitantes e base da pesquisa, foram frequentes encontros não planejados em meio às atividades cotidianas. Muitos aconteceram em locais como a fila do banco, shopping, lanchonetes, restaurantes, cinemas, bares, festas, no centro da cidade e, especialmente, no caso daqueles interlocutores que estudavam na UFSCar ou na USP, nos espaços de convivência das Universidades. Ocasões assim permitiram observações livres e tornaram

possível a coleta de impressões sobre cenas, afirmações e situações que também alimentaram o caderno de campo.

O grande número de estudantes universitários presente no aplicativo foi um facilitador, pois o reconhecimento prévio por meio da universidade, em alguns casos, viabilizou uma aproximação mais amistosa. No entanto, essa não foi uma regra. Em outras situações, avalio que as redes permitiram contatar pessoas que eu comumente não encontraria na vida *off-line*. Os aplicativos me permitiram conhecer não apenas pessoas de cidades que eu nem sequer sabia que existiam, mas também pessoas que viviam em regiões afastadas do centro em que vivo e com as quais dificilmente eu cruzaria nos espaços de sociabilidade cotidiana. São Carlos, em especial, é uma cidade com uma considerável segregação do espaço social urbano e, nos últimos anos, essa situação tem sido intensificada.

Os encontros face a face ocorreram em variados horários e dias da semana. Encontrei pessoas durante o dia, no final da tarde após o expediente de trabalho, no horário do almoço, no meio da tarde e algumas vezes na madrugada em festas e bares. Usualmente, eu procurava deixar os interlocutores à vontade para que sugerissem os locais e horários dos encontros. As escolhas variavam e mudavam de acordo com cada um. Fui desde sorveterias e praças até à casa dos próprios informantes e bares. Conforme o combinado, eu chegava no horário estipulado e ia trocando mensagens para que nos achássemos. Em nenhuma das ocasiões eu sofri qualquer tipo de hostilidade.

Embora eu prezasse pelos encontros face a face, nem sempre consegui viabilizá-los. Mas, ainda que algumas pessoas evitassem o encontro presencial, isso não deixou que a interação virtual fosse comprometida. Um caso exemplar foi um rapaz com quem mantive contato por mais de seis meses e conversei sobre uma grande variedade de assuntos e que trouxe dados que também contribuíram para o trabalho. Nesse período, interagimos quase diariamente, mas sua obsessão pela preservação do anonimato fez com que ele não permitisse, em nenhum momento, que eu visse o seu rosto. Todas as vezes em que conversamos através da *webcam*, cuidadosamente ele manteve o enquadramento restrito à região do tórax, deixando perceptível o corpo marcado pelos exercícios físicos e dietas.

Gunter, como o chamarei, seguindo a profissão do pai, resolveu estudar engenharia. Ele é branco, tem vinte e quatro anos e, em seu perfil, procura “caras discretos” dispostos a curtir algo no “sigilo”. Ele se descreve como sendo do “tipo macho, com jeito e pinta de homem”. Sua busca é exclusivamente por “caras semelhantes” e “que cuidem do corpo”, denotando sua preferência exclusiva homens comprometidos com exercícios regulares e que exibam um corpo “sarado”. Em seu perfil, destarte, é possível ler a *headline* “não curto

efeminados”. Apesar de residir com sua família no centro da cidade, o fato de possuir carro permitia suas saídas escondidas, inclusive da garota com quem namora há dois anos.

Devido ao grande número de contatos que estabeleci durante o período em que realizei o trabalho de campo, percebi que eu assistia a uma mudança em curso. Se no início o grande número de pessoas que, como Guinter, busca em segredo havia chamado minha atenção, com o passar do tempo acompanhei uma transição mediante a chegada de usuários mais jovens e que não se descreviam a partir do mesmo vocabulário e nem valorizavam da mesma forma a masculinidade. Algo faltava para que eu conseguisse comprovar minha hipótese de que os usuários mais jovens estavam colocando em circulação outras imagens sobre a sexualidade, e eu o encontrei na quantificação dos perfis da minha amostra.

2. SOBRE OS APLICATIVOS

2.1. Notas sobre a criação e publicidade dos aplicativos

“Você sabe, eu não tinha planos de mudar uma cultura. Apenas eu fiz uma coisa que eu queria para mim”, disse Joel Simkhai, criador do Grindr®, em entrevista publicada pelo jornal *The New York Times* no dia 12 de dezembro de 2014⁶. Na ocasião, Simkhai se referia ao desenvolvimento do aplicativo e ao sucesso meteórico alcançado em um curto período. Segundo ele, a ideia de criar o aplicativo teria surgido sem grandes pretensões mercadológicas, contando com um investimento inicial de pouco mais de dois mil dólares e com a generosa ajuda de um programador escandinavo de quem ele havia se tornado amigo pela internet.

Em 2007, com o lançamento da segunda geração de iPhones® da Apple®, estava dado o suporte tecnológico necessário para o desenvolvimento do projeto. A partir desse ano, progressivamente, *smartphones* e *tablets* passaram a contar com sistema GPS acoplado aos aparelhos como um acessório básico. Assim, em 2009, a primeira versão do Grindr® chegou ao mercado. Pouco mais de cinco anos depois, o aplicativo já havia atingido a marca de cinco milhões de usuários espalhados por cento e noventa e dois países. A empresa estima que no Brasil, em 2013, havia mais de cento e trinta mil usuários dispersos por todas as regiões do país⁷.

Este aplicativo aposta na simplicidade e na sensação de autonomia que confere ao usuário. Em certo ponto da entrevista, Simkhal conta que um dos seus objetivos era avançar em relação aos *sites* especializados na busca de parceiros, deixando de lado o tedioso ritual de responder questionários exigidos.

Abolindo questionários e algoritmos especializados em cálculos probabilísticos sobre as afinidades para apontar possíveis parceiros, a tecnologia permitiu uma intensificação da interação e da sensação de autonomia entre os usuários. Construindo a rede por meio do georreferenciamento, os aplicativos caíram no gosto popular e jogaram de escanteio os *sites* mais populares entre gays. Plataformas como *Gaydar.com*®, *Disponivel.com*® e *Manhunt.net*®, apenas para citar três das mais conhecidas entre os usuários brasileiros,

⁶ “You know, I never had any master plan to shift a culture. I made something because I wanted it for myself”. A entrevista completa está disponível em: <<http://www.nytimes.com/2014/12/14/fashion/the-sex-education-of-grindr-joel-simkhai.html>>.

⁷ Informação disponível no *site* do próprio aplicativo. Ver: <www.grindr.com>.

passaram também a produzir suas próprias versões em aplicativos, embora não com o mesmo sucesso da concorrência já estabelecida.

Embora pareça bastante original, a criação de Simkhal pode ser vista como um aperfeiçoamento dos *sites* de busca de parceiros. Foi a partir dessas “listas de classificados *online*” que Johnny Skandros também imaginou o seu próprio aplicativo. Como uma crítica à maioria dos usuários do Grindr© e um efeito da segmentação do mercado, Skandros lançou em 2011 o aplicativo Scruff©. Segundo suas entrevistas, um dos seus objetivos naquele momento era apresentar uma possibilidade para os caras mais velhos que, assim como ele, não se reconheciam no Grindr©. Traduzido, o termo *Scruff* pode ser entendido como “desleixado” ou “largado”, perfil que seu criador atribui a si e ao que buscava para um possível encontro naquele momento.

Em termos de recursos, este aplicativo trouxe algumas novidades. A primeira delas foi permitir interações iniciadas não somente a partir de mensagens de texto, mas por sinais, chamados de *woof*⁸, sinalizando interesse. Foi disponibilizada ao usuário a lista de perfis visitantes e a vinculação do perfil de um parceiro ao do usuário também foi liberada, facilitando a busca por casais. Além disso, foi permitida a publicação de mais de uma fotografia, assim como o texto descritivo foi alongado. Por fim, a função “*check-in*” possibilitou deixar marcas pelos lugares onde os usuários transitam, tais como bares, boates, entre outros.

As disputas entre os aplicativos se passam, principalmente, no nível das propagandas que os anunciam como “diferentes” e capazes de proporcionar uma “nova experiência”. O antropólogo Roy Wagner (2010, p. 112) nos mostra como, para “funcionar”, a propaganda precisa “refazer constantemente o significado e a experiência da vida para a sua audiência”. De modo simplificado, o autor aponta que “a propaganda vende seus produtos ‘vendendo’ sua objetificação dos produtos, sua imagem de uma vida que os inclui” (ibidem, p.111).

Nas propagandas veiculadas pela *web*, os dois aplicativos são apresentados como concorrentes e, ao mesmo tempo, voltados para públicos reconhecidos como distintos. As imagens utilizadas nos anúncios permitem destacar que o consumo dos aplicativos como mercadorias apresenta um componente estético que é indissociável do seu uso.

Analisando a formação do discurso publicitário, Felip Vidal Auladell (2014, p. 180) aponta que:

⁸ O termo “woof” em inglês significa pegada e é utilizado para deixar uma espécie de marca nos perfis visitados notificando o proprietário. Isso pode servir não apenas para chamar a atenção, mas também gerar um bate-papo.

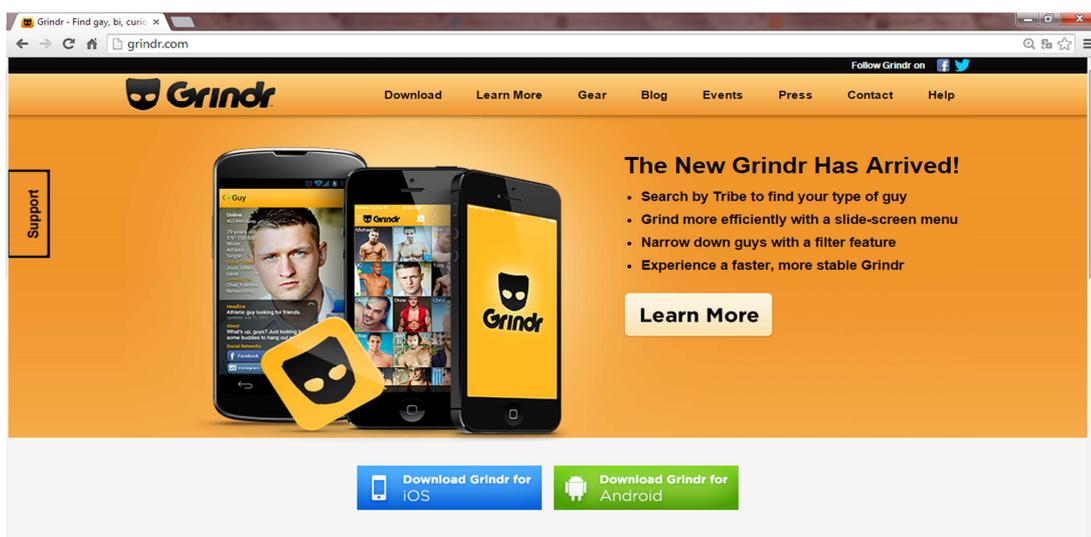
[...] o consumo de mercadorias, mediante sua imagem, alcança todas as esferas da vida cotidiana de tal modo que a comercialização de experiências congrega ou, quando menos, persegue uma expansão do cultural diante da colonização de toda a vivência.

A reflexão de Auladell sugere relações entre o discurso publicitário e a construção narrativa das identidades. Segundo ele:

No contexto de uma cultura de consumo para a qual os valores emocionais e experienciais de si mesmo têm adquirido uma importância capital, o design, a publicidade, a mídia de massas e a moda são agentes cruciais como mediadores e fornecedores de materiais a partir dos quais se leva a cabo uma "auto-constituição" da identidade. É através da criação de espaços, imagens, objetos ou outros artefatos e de como os anunciantes e designers estão dialeticamente relacionados ao ambiente social e cultural, conformando valores, interesses, expectativas e estilos de vida que representam o em torno que habitamos que, por vezes, se constitui o marco sob o qual se dão as condições de possibilidade e os recursos simbólicos e discursivos para a construção narrativa das identidades. (AULADELL, 2014, p. 189)

Nesse sentido, Mowlabocus (2010) aponta que as mídias voltadas especificamente para consumidores gays convidam esses homens a construírem representações de si em um espaço onde a homossexualidade – e não a heterossexualidade – é o padrão, a menos que uma afirmação performativa diga o contrário. Segundo ele, estas plataformas, *sites* e aplicativos podem também funcionar como ambientes que permitam um projeto de re-identificação com imagens mais positivas sobre a homossexualidade (MOWLABOCUS, 2010, p. 89).

Figura 2 - Site do aplicativo Grindr© na *web*.



Fonte: Disponível em: <www.Grindr.com>.

Como é possível notar, nos anúncios no *site* do aplicativo na *web* figuram rapazes jovens, loiros, com olhos claros, tez branca, alguns exibindo corpos esculpidos e depilados

que denotam os exercícios físicos e um estilo tipicamente considerado saudável segundo o padrão estadunidense.

O *site* descreve o aplicativo como “diferente” e “feito para ajudar os usuários a conhecer pessoas enquanto estão em movimento”, sem deixar de ressaltar que “não se trata de um site de namoro com complexos questionários psicológicos e invasivos para construir perfis”. De outro modo, o aplicativo aposta na proximidade geográfica entre as pessoas. Ainda segundo a apresentação do *site*, *Grindr* é um estado de espírito que promove encontros a partir de uma nova experiência”. Soma-se a isso “uma das missões do aplicativo que consiste em materializar *offline* a pessoa com quem você ainda há pouco estava conversando”⁹.

Por sua vez, no site <www.Scruff.com> o foco recai sobre a imagem convencional do gay-urso, ou *bear*, contendo imagens de homens fortes, fisicamente robustos, vestindo trajes em couro ou *jeans*, com mais de trinta anos e peludos, mas sem fechar espaço para outros públicos, como é possível ver na figura abaixo.

Figura 3 - Site do aplicativo Scruff© na web.



Fonte: Disponível em: <www.Scruff.com/pt>.

Os *sites* oficiais dos aplicativos revelam uma única e simples funcionalidade: fazer com que o usuário se interesse e baixe o aplicativo sob a promessa de estabelecer contatos

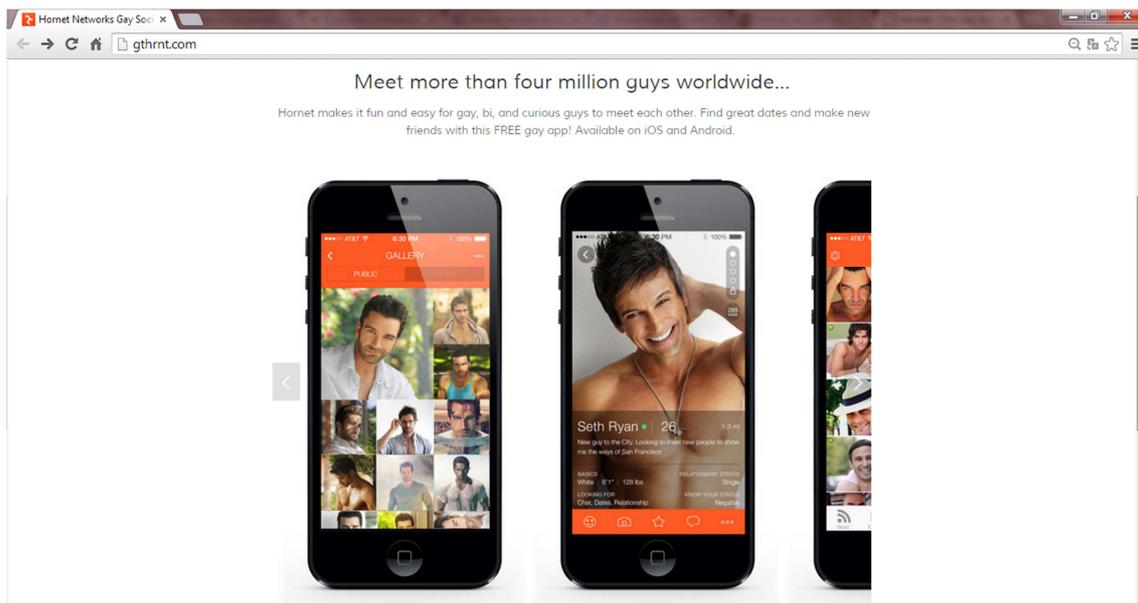
⁹ “Grindr’s different because it’s uncomplicated and meant to help you meet guys while you’re on the go. It’s not your average dating site -- you know, the ones that make you sit in front of a faraway computer filling out complex, detailed profiles and answering invasive psychological questions. We’d rather you were zero feet away. With Grindr, “0 Feet Away” isn’t just a cute slogan we print on our T-shirts. It’s a state of mind, a way of life -- a new kind of dating experience. Turning Grindr off and being there in-person with that guy you were chatting with is the final goal of using the app. Being 0 feet away is our mission for you”. Disponível em: <www.grindr.com>.

com outros usuários desejáveis que estão nas proximidades. Os *sites*, de modo geral, não oferecem informações em profundidade, tampouco vídeos ou um detalhado histórico de criação. Apenas poucas instruções básicas sobre as regras de uso como, por exemplo, a proibição sobre a exposição de órgãos genitais, discurso de ódio, pedofilia e violência possuem seções específicas.

No ano de 2011, já com um grande número de usuários afeitos à tecnologia, outros aplicativos, a exemplo do Hornet®, incrementaram a concorrência entre os produtos¹⁰. Durante toda a pesquisa, não encontrei nenhuma referência à história da sua criação. O *site* oficial <<http://www.gthrnt.com>> disponibiliza apenas informações de suporte e ajuda, além de informações sobre a prevenção de Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST) com ênfase no HIV, cujas razões serão expostas mais adiante.

Abaixo, apresento a interface do site do aplicativo Hornet®.

Figura 4 - *Site* do aplicativo Hornet® na *web*.



Fonte: Disponível em: <www.gthmt.com>.

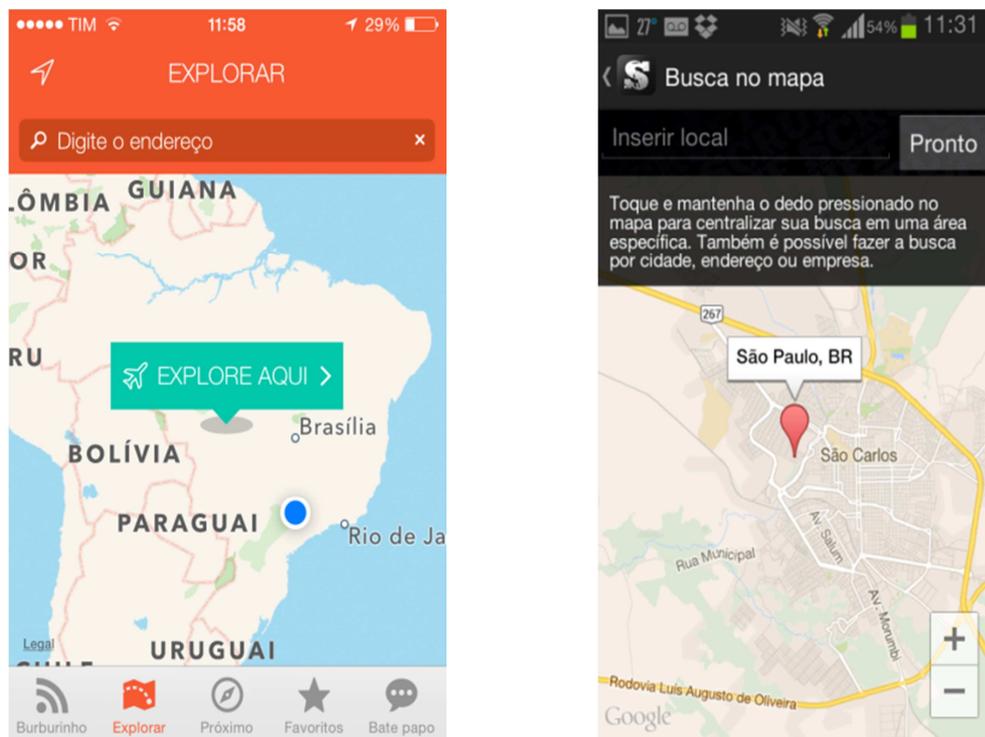
Na disputa entre os aplicativos pela preferência dos usuários, a ampliação de recursos oferecidos de maneira gratuita é o principal atrativo. No caso do Hornet®, por exemplo, é provável que sua popularidade se deva às melhorias e às ampliações concedidas na versão gratuita. Este aplicativo trouxe a novidade de permitir que o usuário procurasse novos

¹⁰ Durante a pesquisa, identifiquei outros dezesseis aplicativos com funções similares aos três abarcados pelo recorte, são eles: GuySpy®, Badoo®, Growlr®, BoyAhoy®, Bender®, Jack'd®, Gaydar®, Disponível.com®, Recon®, PlanetRomeo®, u4Bear®, Gay.com®, Maleforce®, Manhunt.net®, Daddyhunt®, Gfinder®, HardLine®. Durante algum tempo mantive as redes no meu *smartphone*, mas percebi que nestes aplicativos o número de usuários era muito pequeno e que quase todos mantinham perfis também em uma das três redes que eu estudava.

contatos em qualquer região do mundo apenas localizando o endereço na barra “explorar”. Além do que, o álbum de fotografias expandido, contendo até oito quadros, passou a suportar imagens com uma melhor resolução.

Em pouco tempo, o Scruff© redefiniu as funções concedidas na versão gratuita adotando também este recurso. Já o Grindr©, por outro lado, se manteve tradicionalmente fiel à simplicidade de sua primeira versão. Na versão *Xtra*, o usuário pode apenas filtrar a busca segundo determinadas características físicas, como acima ou abaixo de certa idade, altura, peso etc.

Figura 5 - Imagem da interface de “exploração”. Hornet© à esquerda e Scruff© à direita.



Fonte: Hornet© e Scruff©

Em suas versões básicas, todos os aplicativos podem ser baixados de maneira gratuita através da loja virtual e, do mesmo modo, todos possuem versões expandidas com outros recursos que só podem ser acessados mediante o pagamento. Durante a pesquisa, eu utilizei apenas as versões gratuitas.

Meu intuito com essa breve apresentação sobre a criação e a apresentação dos aplicativos em publicidades na *web* é marcar o fato de que os aplicativos vendem as mesmas promessas de experiências, os mesmos corpos saudáveis e veiculam as mesmas mensagens ideológicas.

Sharif Mowlabocus (2010) aclara que as mídias voltadas para homens gays mantêm uma forte ressonância com as narrativas produzidas por outras mídias como o cinema, a

pornografia e a propaganda publicitária. Isso mostra o caráter multidimensional dessas tecnologias e o modo como são constituídas em permanente contato.

Como parte das tecnologias de gênero, faz sentido uma breve exploração sobre as propagandas, já que elas apresentam uma recriação de um espaço possível de ser habitado e desejado pelos olhos de quem as consome. As propagandas são ferramentas poderosas na medida em que fornecem de antemão um contato primário do usuário com um repertório e uma retórica visual dos aplicativos. Desse modo, o anúncio municia previamente o usuário com uma linguagem e uma noção de legibilidade dos corpos apresentados nos perfis, além de uma noção arquitetural de suas funcionalidades.

2.2. Como converter-se em um perfil? Sobre as categorias que interpelam, decompõem e (re)constróem os sujeitos nos perfis

Se, por um lado, as redes são arquitetadas pela tecnologia de georreferenciamento que situa os usuários, por outro lado, a corporalidade nos aplicativos se constitui mediante um conjunto articulado de interpelações que elicitam dos sujeitos uma categorização de si. Dito de outro modo, a confecção de um perfil interpela o usuário por meio de categorias pré-formatadas, provocando uma decomposição em medidas e uma textualização de sua subjetividade em descrições de gostos, desejos e preferências.

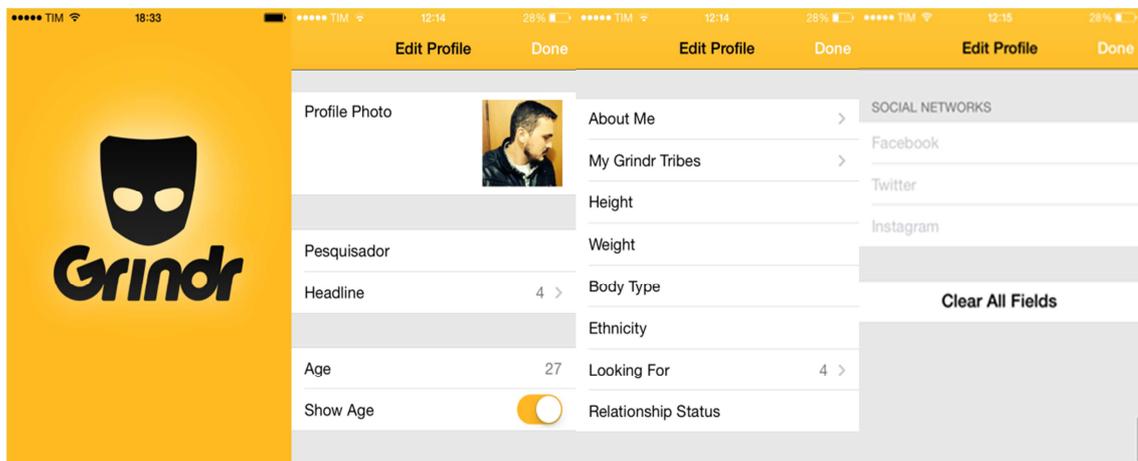
Neste tópico, apresento o modo como os perfis são construídos em cada um dos três aplicativos circunscritos no recorte da pesquisa. Ilustrativamente, utilizarei como exemplo o meu próprio perfil de pesquisa com o objetivo de tornar visível o processo de manufatura e a interface de cada um dos aplicativos. Em seguida, descrevo e analiso as categorias acionadas na produção do perfil. Com isso, pretendo explorar o modo como os aplicativos são construídos, como circulam e como são consumidos nas redes.

O Grindr© adota uma máscara preta sobreposta a uma tela amarela (Figura 6, na página seguinte). Segundo conta o criador durante uma entrevista para um portal de internet¹¹, o sentido da máscara foi pensado colocando a comunidade gay em analogia com uma tribo, ou melhor, como uma “comunidade de tribos unificadas”. Segundo ele, as pesquisas de mercado que orientaram a produção da logomarca do produto identificaram na máscara uma suposta representatividade simbólica que permitiria unificar as “diferentes tribos que compõem a comunidade gay”.

¹¹ Disponível em: <<http://gonline.uol.com.br/2011/blog/2012/12/04/graos-de-amor-2/>>.

Interpretando de outra maneira, a máscara pode aludir à ideia de que o aplicativo permite ao usuário mascarar-se e construir performativamente uma imagem de si de acordo como deseja ser visualizado, mantendo controlada a “informação social” (GOFFMAN, 1988, p. 101). O fato de homossexuais desenvolverem técnicas e estratégias para ocultar seus desejos e suas práticas possui razões históricas. Os diversos discursos que estigmatizaram a homossexualidade ao longo do tempo fizeram do segredo a principal estratégia empregada pelas pessoas que buscavam controlar a circulação de “informações destrutivas” (GOFFMAN, 1988, p. 104). As máscaras ou as reuniões em sociedades (ou tribos) secretas são, nesse sentido, práticas reatualizadas que se passam agora no contexto das mídias digitais.

Figura 6 - Interface do Grindr© para a construção do perfil.



Fonte: Grindr©

A escolha pela fotografia, passo seguinte após o cadastro e a criação da senha, também não se faz despregada das preocupações com a circulação das informações. A começar pela produção da fotografia – enquadramento, ângulo e iluminação – passando pela seleção de uma dentre várias imagens, até o tratamento e recortes finais – por programas ou filtros especializados – são decisões que passam pelas mãos de quem constrói um perfil.

Suzan Sontag (1986, p. 15) dizia que “as fotografias são uma gramática e, sobretudo, uma ética da visão”. Segundo esta autora, as fotografias constituem meios de acesso à experiência que têm como principal efeito a ilusão de participação: “Como cada fotografia é apenas um fragmento, o seu peso moral e emocional depende do conjunto em que se insere. Uma fotografia muda em função do contexto em que é vista” (ibidem p. 13). De outro modo, a própria realidade é “redefinida como um objeto para a exposição, como um registro para um exame minucioso, como um alvo para vigilância” (ibidem, p. 4).

Ao ensinar-nos um novo código visual, as fotografias transformam e ampliam as noções do que vale a pena olhar e do que pode ser observado. São uma gramática e, mais importante ainda, uma ética da visão. Por fim, o resultado mais significativo da atividade fotográfica é dar-nos a sensação de que nossa cabeça pode conter todo o mundo – como uma antologia de imagens. (ibidem, p.1).

Sontag entende as fotografias como experiências capturadas e a câmera como o instrumento ideal da consciência na sua atitude aquisitiva. Nesse sentido, a disseminação das câmeras fotográficas acopladas às mídias digitais amplificou essa consciência de maneira jamais vista.

Embora a fotografia não seja obrigatória, perfis sem imagens convincentes tendem a ser desacreditados e previamente rejeitados por *slogans* tais como: “sem foto nem me escreva” ou “sem foto, sem papo”. A fotografia e, mais especificamente, aquela que revela o rosto do usuário no perfil, por um lado, tende a ser lida como “mais autêntica” e, conseqüentemente, tem maiores chances de receber mensagens, especialmente daquelas pessoas que buscam abertamente. Por outro lado, ter o rosto exposto no perfil pode afastar certos usuários comprometidos com o sigilo. Em síntese, para mostrar ou para ocultar, “fotos são fundamentais” para criar interações críveis.

Após a seleção de uma imagem, o usuário deve elaborar um “nome situacional” que pode ou não coincidir com o nome real. Com frequência, esses nomes são compostos por uma hibridação entre o nome e alguma característica autodescritiva como, por exemplo, a idade, o tamanho do pênis ou a preferência sexual. Nomes como “Tiago30”, “40tão”, “PAULOAMIGO22cm” e “C@ioPassivo” são exemplos ilustrativos a esse respeito¹².

Logo abaixo, é possível acrescentar uma *headline* (cabeçalho) e, na sequência, uma descrição de si, “*about me*”, e do perfil de parceiro desejado. No perfil que mantive neste aplicativo, optei pela seguinte apresentação: “procurando conhecer pessoas interessantes. Fotos são fundamentais”. Deliberadamente, optei por não expor no perfil os objetivos da pesquisa, mas negociá-los com as pessoas na medida em que a interação se desenvolvesse.

Apesar de não ter adicionado ao perfil nenhuma frase ou foto que me erotizasse, sem muita reflexão, acrescentei dados como idade, altura, peso, profissão e nome, sempre reais. Ser alto foi um fato que incidentalmente favoreceu minha entrada na gramática erótica do aplicativo. Nesse contexto, a altura parece funcionar como um atributo associado à masculinidade, talvez por isso, em diversas ocasiões, os usuários me procuravam para confirmar se eu realmente era alto.

¹² Todos são nomes fictícios que foram por mim modificados seguindo a lógica dos usuários com o objetivo ilustrativo.

Como aponta a socióloga Eva Illouz, a produção de um perfil incita que os sujeitos construam uma “textualização da sua subjetividade”. Dito de outro modo, as mídias convidam as pessoas a se descreverem de forma objetiva e essa operação requer, simultaneamente, um refinamento de suas fantasias e de seus ideais (ILLOUZ, 2011, p.113).

Para esta autora, uma das novidades da internet é produzir um paradoxo que posiciona os sujeitos de maneira contraditória em um processo que é simultaneamente a conjunção de um “subjetivismo intenso” – que se expressa na descrição de características psicológicas – e a intensiva *objetificação do encontro* – “como é a pessoa que desejo?” – mediada pela tecnologia (p. 114, grifos meus).

Illouz está interessada naquelas plataformas de relacionamento que cruzam dados de usuárixs através de algoritmos que calculam estatisticamente, através de questionários, as probabilidades de haver afinidade entre um casal. No entanto, no caso dos aplicativos, como mostra a fala de Simkhal – anteriormente mencionada – e a publicidade do Grindr©, não se trata do mesmo funcionamento e nem da mesma lógica o que regem as interações em *sites* e plataformas de relacionamento.

Sharif Mowlabocus (2010), analisando as relações que os britânicos estabeleciam a partir do *site Gaydar.com*, aponta que a construção de um perfil é uma operação complexa que envolve vários níveis e inclui tanto uma dimensão subjetiva (“como quero ser visto?”) quanto uma dimensão objetiva (conhecer as funcionalidades da tecnologia). Dito de outro modo, olhar um perfil é também avaliar o outro sob o seu próprio ponto de vista e essa relação converte o perfil num ponto de mediação da autopercepção do sujeito com a realidade externa.

Os aplicativos que operam com base em georreferenciamento dependem fundamentalmente do interesse de um usuário sobre o outro para que se iniciem interações. Nesse contexto, formular uma apresentação de si atraente é fundamental para atrair o interesse dos outros usuários e iniciar novas interações. Além disso, as categorias pré-formatadas oferecidas no aplicativo para que o usuário se autodescreva podem (se assim desejar) ser convertidas em “filtros de busca”, atuando como um mecanismo prévio de seleção.

O aplicativo Grindr© oferece uma classificação que divide os homens em doze “tribos” que compõe a “comunidade gay”. Esta classificação, no entanto, não é produzida num vácuo cultural. Mowlabocus (2010) observa que as categorias oferecidas pelos aplicativos para que os sujeitos representem a si mesmos são forjadas em continuidade com as convenções do universo da pornografia gay e do mercado. É mediante esse discurso,

disseminado principalmente na *web*, mas não somente, que os homens são avaliados. Nesse sentido, os perfis se convertem em um espaço de reconhecimento mútuo sob tais categorias.

A classificação das tribos se divide da seguinte maneira: *bear*/urso, *clean-cut*/bem-cuidado/limpo, *daddy*/papai, *discreet*/discreto, *geek*/nerd, *jock*/atleta, *leather*/couro, *otter*/lontra, *Poz*/HIV+, *rugged*/rústico, *trans*/transexual, *twink*/jovem sem pêlos no corpo.

Este aplicativo não possui tradução, portanto, embora eu tenha conduzido uma tradução que julgasse equivalente em língua portuguesa, pode ser que, para x leitorx não familiarizado com o universo gay, algumas explicações se façam necessárias. Em primeiro lugar, é preciso notar que estas categorias são forjadas mediante convenções estadunidenses e que, portanto, desde sua criação, são tributárias desses ideários culturais.

Mowlabocus (2010), centrado no europeu, observa que essas taxinomias preexistiam às mídias digitais. Trata-se de convenções forjadas e compartilhadas no universo da subcultura gay e que estão relacionadas com uma técnica de classificação de tipos corporais, faixas etárias e fetiches. Os aplicativos reinventaram essa linguagem de uma forma específica que agora se converte em mecanismos de busca e filtragem.

Abaixo, apresento uma breve descrição dos elementos que correspondem a cada uma das tribos.

- *Bear* ou “urso” são homens grandes e peludos, em geral, com mais de 30 anos;
- *Clean-cut* são homens com pouca ou nenhuma pilosidade corporal;
- *Daddy* ou “papai/paizão” são homens mais velhos que, em geral, desejam garotos ou homens semelhantes;
- *Discreet* ou “discreto” são homens capazes de circular sem chamar atenção ou serem prontamente identificados como homossexuais;
- *Geek* é uma expressão anglófona equivalente ao “nerd” ou ao “CDF”¹³;
- *Jock* são atletas, em geral universitários, ligados ao esporte;
- *Leather* designa a comunidade dos homens que adotam acessórios de couro e pode ou não ser relacionado ao universo do *bondage* – técnica que consiste em amarrar o parceiro – e do sadomasoquismo;
- *Otter* ou “lontra” se refere a uma condição intermediária na classificação dos ursos. De modo geral, quando comparados, lontra é um homem com pilosidade e peso inferior ao urso;
- *Poz* designa um usuário soropositivo;

¹³ A sigla CDF significa “cu de ferro” e convencionalmente funciona como uma categoria acusatória entre adolescentes no contexto escolar.

- *Rugged*, livremente traduzido como “rústico”, corresponde ao perfil de um homem másculo, *sexy* e um tanto bruto;
- *Trans* se refere a transexuais; categoria que menos aparece nos aplicativos em todos os lugares do mundo;
- Por fim, *twink*, são rapazes jovens e sem pilosidade corporal. Em certo sentido, esta categoria vai de encontro à demanda do *Daddy* e vice-versa.

Para Mowlabocus (2010), a pornografia gay funciona como um metadiscurso que oferece códigos de identificação para homens gays. Ele explica que os aplicativos, com seus mecanismos de filtragem, elevam essa operação de identificação e as funcionalidades destes códigos a outros níveis na medida em que transpõem os corpos em termos de legibilidade, reconhecimento e inteligibilidade a partir dessas convenções do universo pornográfico.

Sherry Turkle, professora de estudos sociais e pesquisadora do MIT (Massachusetts Institute of Technology), tem se dedicado a entender como as relações que estabelecemos com a tecnologia, os computadores e as interfaces virtuais têm afetado nossa vida cotidiana, nossa filosofia e as maneiras como fazemos nossas pesquisas. Turkle mostra como *A vida no ecrã* (1997) converteu-se num laboratório que nos permite jogar e testar diversas experiências com a nossa própria identidade. Segundo ela, estas tecnologias produziram novos espaços de encenação, mas, em contrapartida, também engendram novas formas de exclusão e vigilância.

Turkle, se aproximando de Judith Butler, mostra como mantemos com nossos avatares e perfis virtuais uma relação performativa. Tomando de maneira crítica a separação artificial entre as dimensões *on/off-line*, ela afirma que as identidades constituídas *on-line* são indissociáveis daquelas que constituímos *off-line*. O que o chamado “mundo virtual” produz é uma ampliação em torno das possibilidades de atuação, encenação, apresentação e representação de si, permitindo que fantasias e desejos sejam acessados e vividos em um ambiente percebido como de suspensão da realidade (TURKLE, 1997).

Em diálogo com Turkle e Mowlabocus, é possível sugerir que, se os aplicativos incitam uma ampliação das possibilidades e experiências com as identidades, o fazem acionando de um conjunto de interpelações pré-formatadas que colocam no centro da apresentação de si a fotografia e a corporalidade decomposta em um sistema classificatório reinventado a partir das taxonomias da pornografia gay.

Na arquitetura dos perfis, são reservados espaços para informações como altura e peso. Na sequência, o usuário pode, se assim desejar, enquadrar-se em uma taxinomia que informa a partir de seis classes sobre a estrutura corporal:

- *toned*/torneado;
- *average*/normal;
- *large*/grande;
- *muscular*/musculoso;
- *slim*/magro;
- *stocky*/gordo;

O mesmo se passa com relação às características étnico-raciais. Nesse caso, são nove classes possíveis:

- *asian*/asiático;
- *black*/negro;
- latino;
- *middle eastern*/orientes médio;
- *mixed*/mestiço;
- *native american*/nativo americano;
- *white*/branco;
- *other*/outros; e
- *south asian*/sul asiático.

É possível também informar o objetivo da busca, a partir das seguintes categorias:

- *chat*/conversa;
- *dates*/encontros;
- *friends*/amigos;
- *networking*/contatos;
- *relationship*/relacionamento;
- *right now*/pegação.

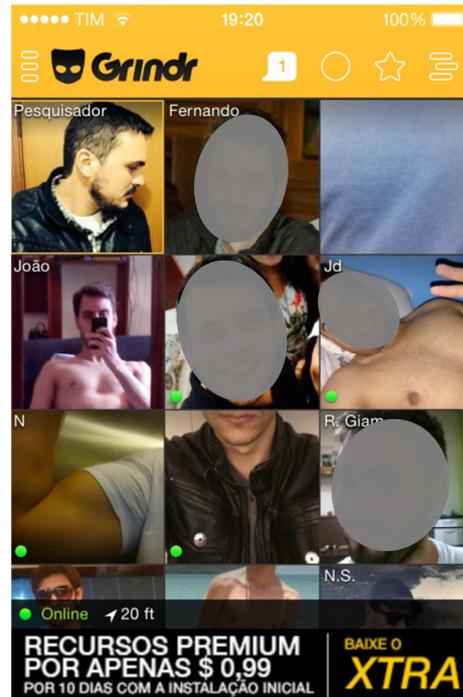
Por fim, o usuário pode ou não informar sobre o seu *status* de relacionamento. As categorias disponibilizadas são:

- *single*: solteiro;
- *dating*: namoro;
- *exclusive*: corresponde ao estado de ter um relacionamento oficial sem mais ninguém envolvido;
- *committed*: corresponde um relacionamento monogâmico, mas flexível;
- *partnered*: um relacionamento sério;
- *engaged*: noivo,

- *married*: casado;
- *open relationship*: relação aberta.

Deste ponto em diante, é possível acessar os perfis distribuídos a partir da sua localização. A busca é apresentada através de uma interface razoavelmente simples: uma grade de imagens é exibida tornando possível visualizar os perfis lado a lado, organizados a partir do mais próximo até o mais distante, como na figura seguinte.

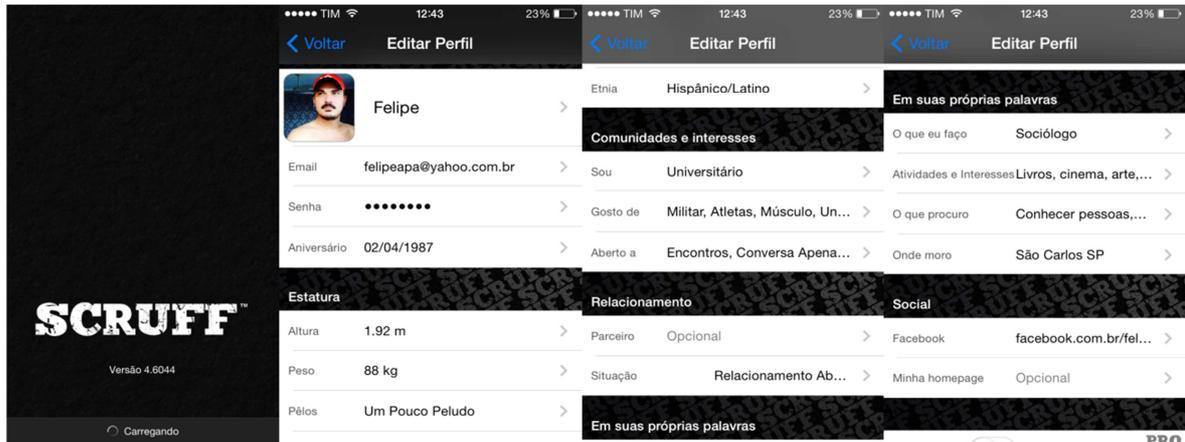
Figura 7 – Grindr© - Grade de busca.



Fonte: Grindr©.

O processo de construção dos perfis é similar nos três aplicativos. Embora diferente dos outros dois, este aplicativo não dispunha de uma interface traduzida para a língua portuguesa. Devido à simplicidade da interface e às semelhanças entre todos eles, o questionário pode ser intuitivamente preenchido mesmo por aqueles usuários que não dominam o inglês. Abaixo, apresento a interface de construção do perfil no Scruff©. Devido às paridades no processo, exporei detalhadamente apenas aquelas características que o diferenciam do seu concorrente.

Figura 8 – Interface do Scruff© para a construção do perfil.

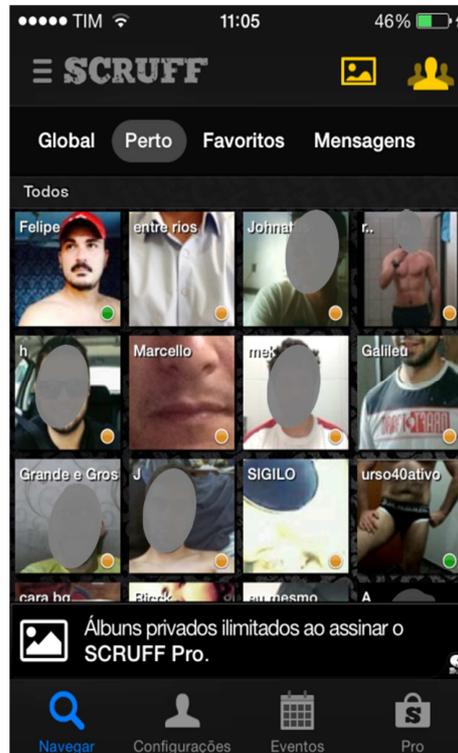


Fonte: Scruff©

Contando com uma versão traduzida para língua portuguesa, o questionário do Scruff© foi simplificado e suas categorias foram aproximadas da realidade brasileira. De modo geral, o usuário segue o mesmo roteiro: a criação de uma senha de acesso, um nome situacional, informa idade, altura, peso, pilosidade corporal (liso, um pouco peludo, peludo, muito peludo), etnia (asiático, branco, hispânico/latino, indiano, mestiço, nativo americano, negro, das ilhas do pacífico, do oriente médio), identifica suas comunidades e a de seus interesses (sou/procuro – urso, músculo, atleta, garoto, coroa, universitário, nerd, militar, discreto, HIV+, em busca de coroas, em busca de ursos, transexual, couro) e a sua disponibilidade (para – amizades, relacionamentos, encontro casual, encontros, conversa apenas ou contatos).

As demais seções devem ser preenchidas textualmente e contêm informações sobre a busca, os interesses e a localização geográfica - cidade/Estado/país. Este aplicativo disponibiliza a função “modo viagem” para pessoas em trânsito e permite vincular ao perfil *links* de acesso para perfis em outras redes sociais como, por exemplo, Instagram© e Facebook©. Feito isso, a grade de busca é apresentada, como na imagem abaixo:

Figura 9 - Scruff© - Interface de busca.



Fonte: Scruff©

A mesma lógica se aplica à construção do perfil no Hornet© (Figura 10, na página seguinte), com poucas variações:

Figura 10 - Interface do Hornet© para construção do perfil.

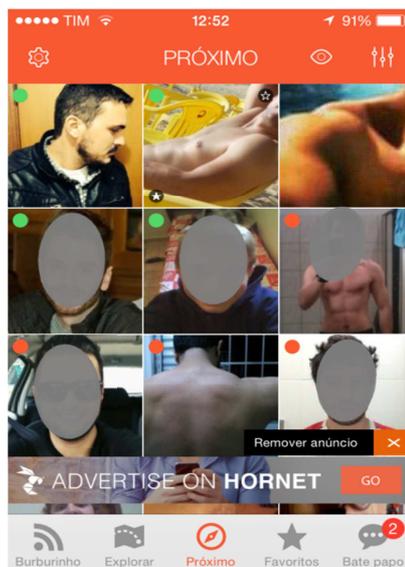


Fonte: Hornet©

Acompanhando o significado da palavra *hornet*, na língua inglesa, a logomarca do aplicativo consiste em uma “vespa” formada por um tangram¹⁴. A imagem talvez se torne mais ilustrativa se levarmos em consideração que este aplicativo inovou ao permitir que os usuários explorassem os perfis dispersos em outros lugares a partir da ferramenta de “exploração”. A “vespa”, nesse caso, aludiria a associações com a noção de velocidade e o recurso de deslocamento aliado à invisibilidade permitida pelo aplicativo.

Após inserir a fotografia e o nome social, é possível escolher um título para o perfil elaborando, em seguida, uma breve descrição de si que pode conter informações sobre a pessoa ou sobre preferências. Dados como idade, peso, altura, etnia (asiático, negro, latino, árabe, pardo, nativo americano, asiático do sul, branco ou outro), relacionamento (solteiro, enrolado, numa relação aberta, namorando), o que procuro (conversar, encontros, amigos, *networking*, namoro) são as categorias pré-formatadas e oferecidas pelo aplicativo. Apresento a interface de busca do Hornet.

Figura 11 - Hornet - Interface de busca.



Fonte: Hornet©

2.3. Desejo, política e sexualidade: o fantasma do HIV e a tecnologia do controle

Uma singularidade do aplicativo Hornet© é que ele confere grande visibilidade ao *status* sorológico dos usuários. Essa informação, como todas as outras, posteriormente pode ser convertida em mais uma filtragem na busca de parceiros. As opções autodescritivas disponibilizadas sobre o *status* sorológico são: “não mostrar”, “não sei”, “negativo”, “positivo”, “negativo em PrEP” ou “positivo indetectável”.

¹⁴ “Tangram” é o nome dado a um tipo de quebra-cabeça chinês composto de sete peças recortadas em formas geométricas com as quais, sem sobreposição, é possível formar uma variedade de figuras.

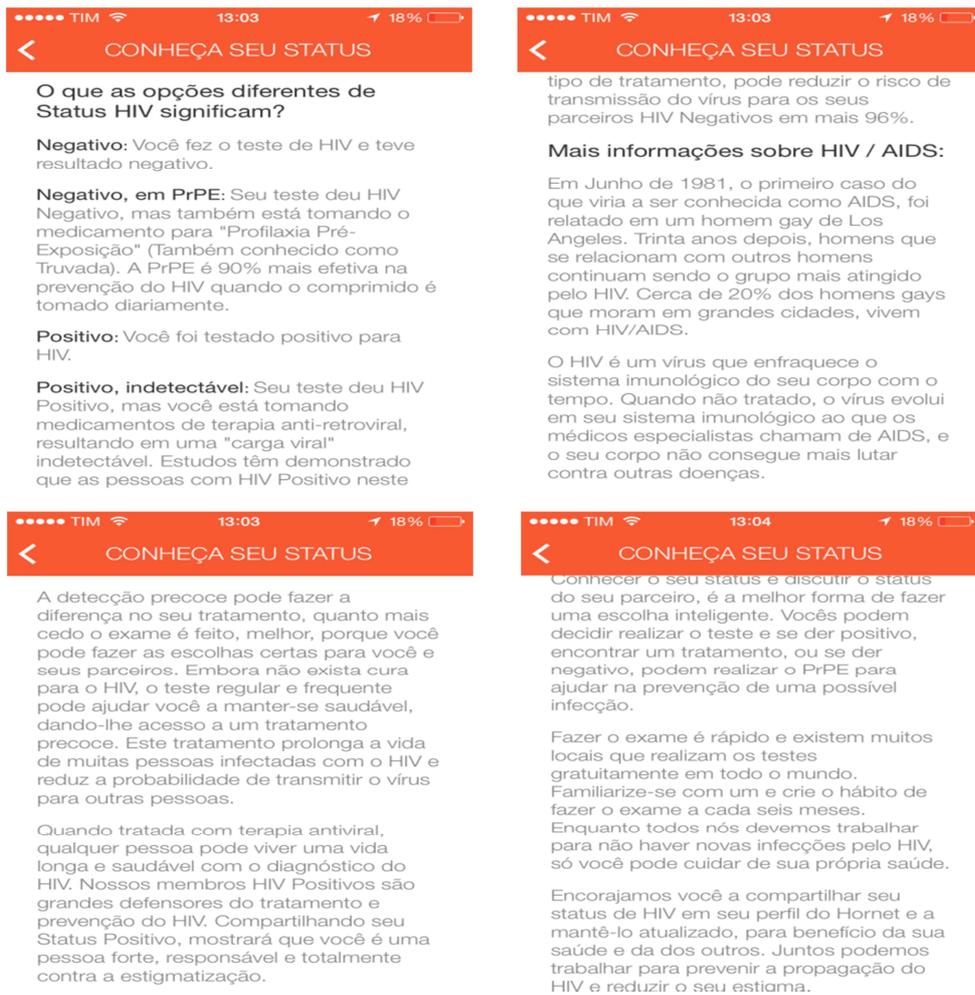
No final do ano de 2010, a partir dos EUA, emergiu no cenário mundial o debate sobre tratamentos profiláticos no combate ao HIV. Combinando dois tipos de antirretrovirais, a pílula comercialmente conhecida como Truvada® em 2012 passou a ser recomendada pelas autoridades de saúde estadunidenses para pessoas consideradas com maior risco de exposição ao vírus. Mais uma vez, o desejo homossexual, encarnado em homens gays, reacendeu um caloroso debate internacional entre autoridades de saúde.

Esta controvérsia, por um lado, despertou posições contrárias à profilaxia sob o argumento de que este seria um incentivo ao sexo desprotegido e que a eficácia do tratamento poderia ser comprometida, uma vez que ficaria a cargo do paciente, único responsável por diariamente tomar a pílula. Por outro lado, contrabalanceando o argumento, o laboratório se empenhou em provar a condescendência do medicamento com alguns “esquecimentos”. Embora discordassem sobre o método e os seus efeitos, em nenhum momento as “autoridades” questionaram o consenso mediante o qual os homens gays seriam o segmento da população mais vulnerável.

Recentemente, a Organização Mundial da Saúde (OMS) reconheceu o potencial do medicamento na prevenção do HIV. Segundo a OMS, esta pode ser uma estratégia preventiva que pode ser adotada por outros países levando em conta as especificidades do vírus, da cultura e dos sistemas de saúde em termos locais.

Assim, entre o “não sei”, o “positivo” e o “negativo” foram inseridas outras duas categorias: “negativo em profilaxia pré-exposição” ou “PrEP” e o “positivo indetectável”. A condição “indetectável”, fruto do desenvolvimento de antirretrovirais, passou, assim, a figurar também como uma possibilidade definidora do *status* sorológico.

Figura 12 - Informações e recomendações sobre o status sorológico.



Fonte: Hornet©

Desse modo, além de uma descrição sobre o significado de cada uma das categorias, o aplicativo passou a oferecer em sua interface informações que buscam incentivar a testagem e reduzir o estigma do vírus entre os usuários.

Este recurso não surgiu fora de um jogo de forças envolvendo o desejo homossexual, suas associações fantasmáticas e a política. Desde as pesquisas que levaram ao desenvolvimento do Truvada® até a política de implantação, o foco constantemente foi mantido sobre homens gays como a população mais suscetível a contrair o HIV.

Nos últimos anos, frente à popularização dos aplicativos, os olhos de diferentes setores da sociedade se voltaram para o “risco” dessas redes. Da pesquisa científica à mídia de massas, os discursos produzidos passaram a reatualizar a antiga e estigmática associação entre o vírus HIV e o desejo homossexual. Especialmente nos Estados Unidos da América, mas não somente, as ciências biomédicas forneceram à mídia de massas elementos que permitiram a elaboração de um discurso ligando a popularidade dos aplicativos entre os gays ao aumento

no número de casos de DST/AIDS diagnosticados nos últimos anos, especialmente entre jovens.

Uma pesquisa conduzida pela equipe do *LA Gay and Lesbian Center*, situado em Los Angeles, dedicou-se a investigar se os aplicativos teriam ou não alterado o comportamento de homens e, conseqüentemente, as práticas que refletiriam no risco de contaminação. A pesquisa incluiu 7.184 homens gays e bissexuais daquela localidade atendidos pelo Centro entre os anos de 2011 e 2013. Todos estes homens foram testados para doenças sexualmente transmissíveis e forneceram informações sobre como encontraram seus parceiros sexuais. Ao final, a pesquisa concluiu que os usuários de aplicativos têm 25% de chance a mais de serem infectados com gonorreia e 37% a mais de probabilidade de serem infectados com clamídia do que homens que não utilizam os aplicativos¹⁵.

O impacto desta pesquisa culminou em debates e acordos políticos nos Estados Unidos da América. O efeito disso foi um compromisso firmado pelos responsáveis pelos sete *sites* e aplicativos de encontros e relacionamentos mais populares entre gays e bissexuais estadunidenses, são eles: BarebackRT®, Daddyhunt®, Dudesnude®, Gay.com®, Grindr®, PozPersonals® e Scruff®.

A partir de então, as empresas responsáveis por esses produtos firmaram o compromisso de promover iniciativas para a redução do estigma associado ao HIV, assim como para incentivar a testagem desta e de outras DST's entre os usuários. Com isso, também o tratamento profilático pré-exposição e, conseqüentemente, o Truvada®, passou a contar com mais um veículo de divulgação.

No Brasil, a profilaxia ainda não é reconhecida pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Mas, diante da recomendação da OMS para que se desenvolvessem estudos com ênfase nos contextos locais, atualmente três centros de pesquisas, um no Rio de Janeiro e dois em São Paulo, possuem pesquisas em curso a respeito do tratamento profilático pré-exposição. A ênfase nos grupos de testagem tem como foco, em todos eles, pessoas homo e bissexuais¹⁶.

Pelo mundo, outras estratégias adotando a tecnologia dos aplicativos vêm sendo testadas e empregadas no controle das pessoas soropositivas. O aplicativo iMonitor+®, lançado na cidade de Bangococ, na Tailândia, em outubro de 2014, é um exemplo ilustrativo a esse respeito. Por enquanto, o aplicativo está disponível apenas para quatro países da região:

¹⁵ A pesquisa completa está disponível em: <<http://press.psprings.co.uk/sti/june/sti051494.pdf>>. Acesso em: 30 jun. 2014.

¹⁶ As informações sobre a pesquisa estão disponíveis no sitio: <<http://prepbrasil.com.br/>>.

Tailândia, Indonésia, Índia e Filipinas. Funcionando também como uma rede geossocial, este aplicativo tem como objetivo principal empoderar as comunidades na resposta ao HIV apontando meios para o acesso à prevenção e ao tratamento.

Além de disponibilizar ferramentas para avaliar a qualidade dos serviços prestados, este aplicativo permite que as autoridades de saúde monitorem a qualidade e a capacidade dos serviços relacionados ao HIV. Por outro lado, o aplicativo se converteu em mais uma tecnologia de controle tanto sobre as pessoas diagnosticadas quanto para aprimorar o controle sobre a prestação pública de contas deste setor.

O enlace estigmático entre o controle da (homo)sexualidade e o HIV é histórico. Ainda no início da epidemia, Néstor Perlongher (1985, p.ii) criticamente apontava que:

[...] as estratégias desencadeadas a partir de um problema real – a emergência da AIDS – passaram por policiar e organizar as sexualidades perversas, no sentido de diminuir a frequência, a diversidade e a intensidade dos encontros.

Desse modo, aqueles sujeitos que antes estavam à margem da sociedade foram instruídos pelo sistema biomédico a disciplinarem seus “poros e suas paixões” ao ponto de que o tão “declamado direito a dispor do próprio corpo se convertesse no dever de regrá-lo” (p. v).

Desde os escritos de Perlongher, falecido em 1992, vítima da AIDS, os avanços no tratamento, assim como o dispositivo de controle, foram aperfeiçoados e incrementados pela tecnologia.

Aqui, apenas busquei descrever alguns elementos que situam o contexto social que levou os aplicativos a disponibilizarem o *status* sorológico dos usuários. Enfatizei apenas as instruções veiculadas através do Hornet© porque os outros aplicativos ainda não se adequaram completamente ao pacto e, por enquanto, disponibilizam informações similares através de *e-mails* e no *site*.

Por fim, cabe ressaltar que, durante toda a pesquisa, não me deparei com nenhum perfil que explicitamente se colocasse como “soropositivo”, em “profilaxia pré-exposição” ou “indetectável”. Todos os perfis que acessei se diziam “negativo” com relação à sua condição sorológica. Vale assinalar também que, devido à nossa política de acesso universal à testagem, ao tratamento, assim como de promoção do “sexo seguro”, nosso contexto é significativamente diferente do estadunidense.

2.4 Sobre as normas que regulamentam e controlam o uso

Qualquer violação das orientações presentes no “termo de uso” dos aplicativos pode resultar no banimento permanente do usuário. Considerando que as empresas estão submetidas a uma legislação comum, as regras e regulamentos são os mesmos para os três aplicativos.

Desse modo, é vedada a publicação de conteúdo pornográfico, ou imagens que contenham atos ou brincados sexuais, incluídos insinuações que envolvam masturbação, áreas da virilha, genitais, fluídos corporais, pelos pubianos, visíveis ou através da roupa, ou qualquer forma de nudez implícita. Também é vedada a veiculação de propagandas de qualquer natureza, incluindo massagens, produtos, *sites* ou outros aplicativos. A veiculação de imagens de armas de fogo, drogas ou qualquer tipo de apologia à violência é proibida, embora códigos, como o “4:20”, sejam capazes de driblar o regulamento¹⁷. Cabe ressaltar que o uso de drogas, tanto lícitas quanto ilícitas, podem ser motivo de recusa, afastamento ou afinidade entre os usuários.

Os aplicativos também não oferecem garantias de direitos autorais sobre fotos ou ilustrações publicadas pelos usuários. A circulação, compartilhamento e promoção de imagens de qualquer pessoa com idade inferior a 18 anos são proibidos, assim como o uso de imagens que personifiquem outro usuário, como, por exemplo, o uso de imagens de celebridades ou imagens de personagens cujo uso é resguardado pela legislação de direitos autorais.

No texto descritivo do perfil são proibidos conteúdos sexualmente explícitos ou excessivamente sugestivos, como palavrões, incitações à violência, ao racismo, ao fanatismo, a discursos de ódio em geral ou a danos físicos de qualquer tipo. Também é proibida a veiculação de serviços, bens, eventos, *sites* ou aplicativos ou a menção a álcool, drogas, tabaco e a promoção de sexo sem segurança – leia-se sem preservativos. Este último aspecto coloca em evidência uma questão espinhosa para a busca entre soropositivos que, supostamente, podem procurar parceiros na mesma condição sorológica dispensando ou negociando o uso de preservativo.

Esse cenário de proibições foi definido, a partir de 2009, em meio ao pânico social causado pelo *sexting* entre crianças e também devido à pressão das corporações que produzem e vendem pornografia que não querem perder seu mercado. *Sexting*, em suma, é como ficou popularmente conhecida nos Estados Unidos da América a prática de enviar fotos sensuais

¹⁷ “4:20” é um código popular nas redes sociais usado para identificar os usuários de maconha.

e/ou pornográficas por mensagens através do telefone. Não se trata apenas de uma questão dos aplicativos, envolve uma batalha legal e comercial que definiu as regras e define as formas possíveis de interagir nos aplicativos hoje em dia. À revelia, essa definição produz os seus próprios limites, estabelecendo as possibilidades de drible.

Nesta seção, busquei apresentar como a dimensão arquitetural do aplicativo rege a construção dos perfis a partir do seu contexto de criação. Com isso, pretendi mostrar como as categorias oferecidas pelos aplicativos delimitam e elicitam o usuário a autodescrever-se de acordo com uma taxinomia pré-definida. Apontei que convenções da comunidade e da pornografia gays tipificam e segmentam “as formas como se apresentam as homossexualidades”, classificando-as com base em diferenças e semelhanças entre corpos, fetiches, estilos e desejos. Argumentei, ainda, que esses arranjos culturais, por um lado, são atualizados pelas empresas na produção dos próprios aplicativos e, por outro, pelos usuários na produção dos perfis. Apresentei os aspectos mediante os quais a tecnologia dos aplicativos abre espaço para uma “textualização da subjetividade” que produz uma versão computacional dos usuários (ILLOUZ, 2011, p.111).

Ao final, procurei destacar os limites e as condições que regulamentam o uso dos aplicativos, bem como os debates públicos suscitados pelas redes e os discursos que buscam controlar o uso.

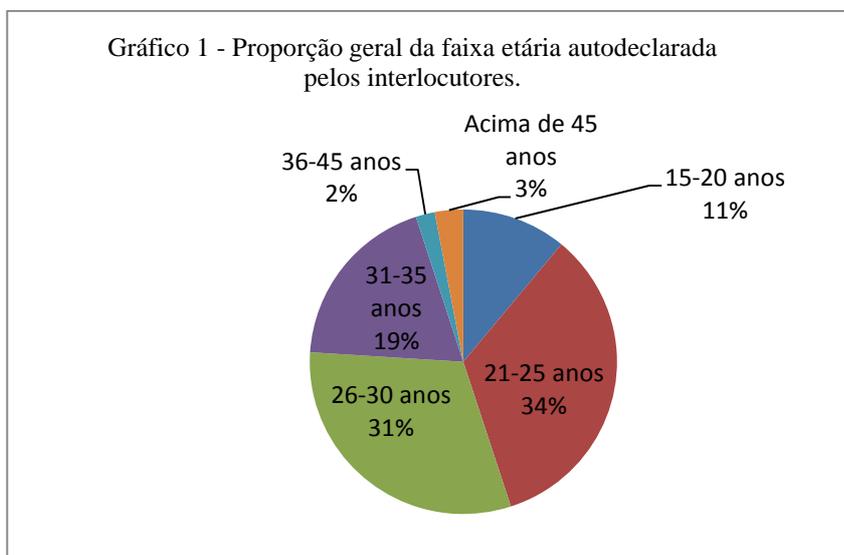
3 O DESEJO NA PALMA DA MÃO: SOBRE A CIRCULAÇÃO DOS PERFIS

Neste capítulo, a partir dos perfis construídos pelos cento e trinta e nove homens com quem mantive contato, que foram por mim fotografados, armazenados e contabilizados, apresento elementos quantitativos articulados à etnografia buscando estabelecer inferências mais gerais sobre os interlocutores da pesquisa. Interessa analisar, a partir das apresentações nos perfis, quais imagens estes homens constroem de si, como circulam, ganham visibilidade, legibilidade, como são forcluídas, desejadas e consumidas. Além disso, pretendo delinear o perfil dos usuários destacando elementos como faixa etária, o tipo de busca, as descrições que enfatizam a masculinidade e aquelas que as questionam.

Com base nesse banco de dados, a partir da idade autodeclarada pelos interlocutores, é possível afirmar que 76% dos homens com quem mantive contato tinham até 30 anos de idade, sendo que outros 19% tinham de 31 a 35 anos e que apenas 5% dos homens estavam acima dessa faixa etária.

Estes dados corroboram com o apontamento feito por Miskolci (2012) com relação ao acentuado recorte etário no uso das mídias digitais, cuja assiduidade é maior entre jovens e/ou pessoas que alcançaram a adolescência a partir de meados da década de noventa. Tomando como marco o ano de 1997, ano em que a internet comercial chega ao Brasil, Miskolci (2012, p. 4) assinala que

[...] uma das novidades das relações mediadas digitalmente é a criação de sociabilidades moldadas pela experiência de constituição de redes por meio da busca e seleção de contatos de forma impensáveis para gerações anteriores.



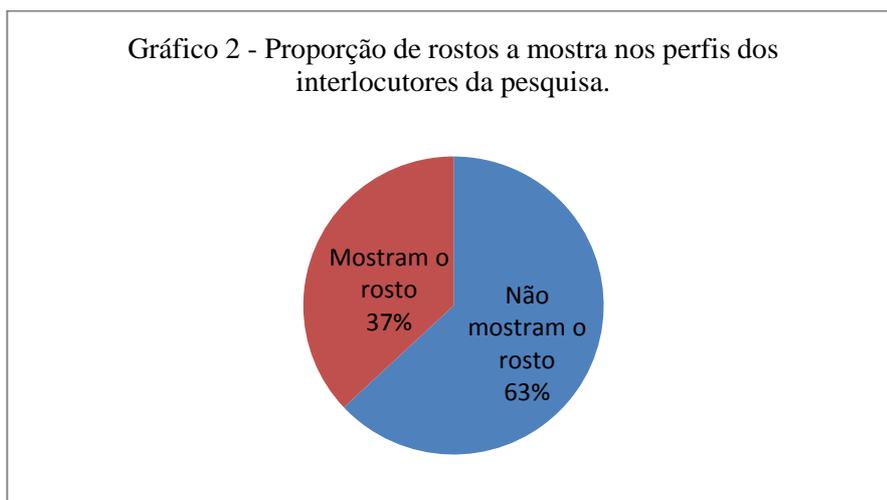
Fonte: Coleta de dados por Felipe Padilha.

Interessado em obter mais informações sobre a busca em segredo, dividi os perfis em dois grupos: no primeiro, estavam aqueles usuários que nas fotografias deixavam o rosto à mostra; no segundo, aqueles que não o exibiam. Com isso, pude delinear os contrastes entre o vocabulário acionado por cada um dos grupos para nomear ou qualificar o desejo e a busca nos aplicativos.

Mais adiante, o cruzamento destes dados com outros, tais como a quantidade e os critérios de forclusão expressos nos perfis, as referências à masculinidade na autodescrição textual e as faixas etárias, tornaram visíveis os tensionamentos entre os ideais de masculinidade que concorrem nos aplicativos. Esses dados sugerem que, nos aplicativos, os homens assumem diferentes engajamentos, seja para criticar ou para reforçar as noções convencionais da masculinidade (CONNELL, 2003).

Essa estratégia metodológica deu nitidez à forma como incentivos e constrangimentos direcionam as relações que são criadas a partir dessas mídias. Além disso, tornou-se possível delimitar o vocabulário empregado para falar do desejo e a forma como o segredo e a masculinidade são encarados pelos dois grupos.

Os dados quantitativos, quando comparados, não pretendem alcançar validade sobre a totalidade dos usuários dos aplicativos. De outro modo, este recurso metodológico apenas permitiu que eu construísse inferências e indagações outras sobre a amostra dos interlocutores da pesquisa. Todos os perfis contabilizados estão distribuídos nas três redes, sendo que aqueles que se repetiam em mais de um dos aplicativos foram contabilizados somente uma vez¹⁸.



Fonte: Coleta de dados por Felipe Padilha

¹⁸ Na amostra comportada pela pesquisa, 73% dos usuários possuíam perfis em mais de um dos três aplicativos.

A leitura do gráfico acima permite compreender que, entre os meus interlocutores, a maioria (63%) não mostra o rosto no perfil. Estes homens preferem manter a busca em segredo ou, em termos êmicos, “com sigilo”, “com discrição” ou “na encolha”. Refletindo sobre a amostra em termos quantitativos, também é possível perceber o cenário que conduziu a formulação da pergunta que guiou a pesquisa.

Desde que iniciei o campo, o grande número de homens que enfatiza “o jeito de homem”, a “masculinidade” e a discrição como critérios exigidos para as interações chamou minha atenção, despertando meu desejo em compreender qual era a “alma” dessas negociações marcadas pelo segredo.

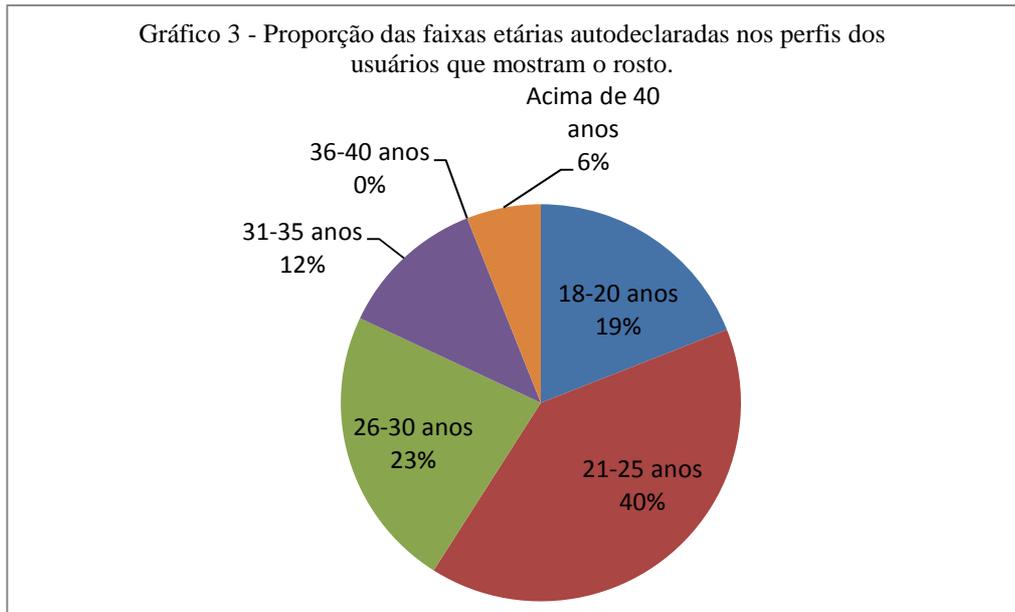
Comparando os dois grupos, ficaram evidentes para mim não somente as diferenças no vocabulário e na forma como a masculinidade é qualificada em cada um deles. Igualmente, a partir daí tornaram-se visíveis os diferentes horizontes aspiracionais que se constituem em torno da masculinidade e sua relação com as clivagens de classe e raça (CONNELL, 2003).

Se considerarmos que o perfil é construído com base na forma como o usuário deseja ser visto (MOWLABOCUS, 2010), então é possível supor que os perfis abrem portas para as autorrepresentações dos sujeitos intermediadas pela interface dos aplicativos¹⁹. Em um ambiente virtual homossocial, como é o caso dos aplicativos, os perfis são ferramentas que permitem tracejar as relações que incitam, constroem e direcionam a visibilidade do desejo.

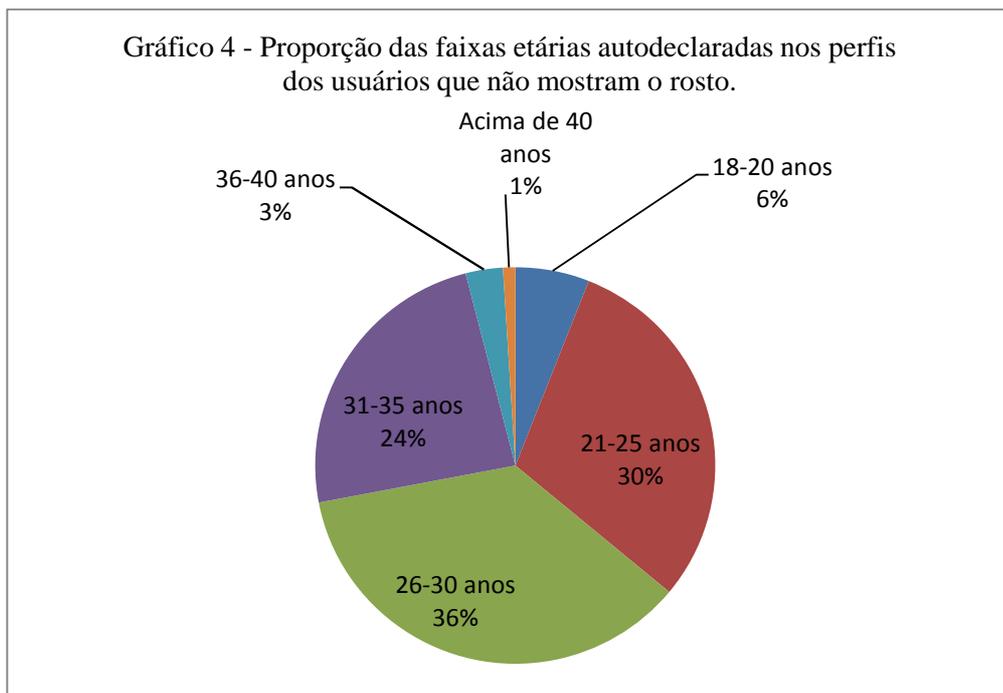
Do mesmo modo, eles nos comunicam sobre os elementos simbólicos e políticos que são negociados. Acabam revelando, também, as percepções e as marcas das experiências geracionais destes homens ligando as diferentes compreensões sobre os valores da masculinidade.

Comparativamente, os dois gráficos seguintes apresentam uma relação entre as proporções etárias autodeclaradas pelos usuários que mostram o rosto nas fotografias e por aqueles que não o mostram.

¹⁹ Agradeço ao Professor Dr. Gabriel Feltran pelas valiosas sugestões durante a banca de qualificação, que me chamaram a atenção para as possibilidades analíticas a partir dos perfis como uma via que possibilitava o acesso para as autorrepresentações que os sujeitos construíam sobre si mesmos.



Fonte: Coleta de dados por Felipe Padilha



Fonte: Coleta de dados por Felipe Padilha

Entre os usuários que mostram o rosto, 82% têm até 30 anos de idade. Considerando as proporções, entre os mais jovens com idade abaixo dos 20 anos²⁰, o número dos que mostram o rosto (19%) é significativamente maior do que os que o ocultam (6%). Na faixa etária seguinte, que compreende de 21 até 25 anos, 40% dos perfis mostram o rosto enquanto

²⁰ A categoria de 18 a 20 anos possui intervalo de dois anos e difere-se dos outros intervalos de cinco anos por ser vedado o uso dos aplicativos para menores de 18 anos. Matematicamente, a elaboração dos dados considerou o primeiro intervalo igualmente de cinco anos – 15 a 20 – sendo a quantidade de perfis obtidos entre 15 e 17 anos igual a zero, cuja explicação é a proibição de uso.

30% não o mostram. Na sequência, as proporções vão se invertendo: no intervalo de 31 a 35 anos, 12% dos perfis mostram o rosto e 24% não o mostram. Na faixa dos 36 a 45 anos, quase todos os usuários ocultam o rosto, apenas 3% mostram. Por fim, entre os usuários com mais de 45 anos, a proporção é de 6% mostrando o rosto e 1% não o deixando à mostra. A seguir proponho algumas reflexões sobre o cruzamento dos dados etários quantitativos articulados à pesquisa etnográfica.

3.1 Separando “homens maduros como eu” das “bichinhas dos aplicativos”

Os argumentos daqueles que estão posicionados nas extremidades da classificação etária podem sugerir mudanças na forma como o “desejo homossexual” e “as identidades sexuais” são encaradas, corporificadas, vividas e narradas em diferentes fases da vida dos sujeitos? Dito de outro modo, qual seria o impacto das diferentes concepções de masculinidade que predominantemente circulam entre os “mais velhos” e os “mais jovens”?

A pesquisa etnográfica e a textualidade dos perfis, quando articuladas aos dados quantitativos, sugerem que as diferentes categorias que dão inteligibilidade à masculinidade empreendida por esses homens variam de acordo com os contextos históricos e sociais experienciados por eles.

<p>“SEM PACIÊNCIA COM GAY MACHISTA E MISÓGINO E RACISTA”.</p> <p>2 km, 22 anos.</p> <p>*</p> <p>“SOU E CURTO EFEMINADOS. O QUE EU NÃO CURTO É PRECONCEITUOSO BABACA”.</p> <p>1 km, 21 anos.</p> <p>*</p> <p>“TALVEZ EU NÃO QUEIRA SÓ SEXO. NÃO SOU E NEM CURTO DISCRETOS”.</p> <p>1 km, 19 anos.</p> <p>*</p> <p>“SEM FOTO DE ROSTO = SEM PAPO. CARAS FORTES, MACHOS E FODAS AQUI TEM A RODO. MOSTRE SUA QUALIDADE NÃO SEUS PEITOS. FOTOS DE ROSTO SÃO BEM MAIS LEGAIS!!!”.</p> <p>50 km. 20 anos.</p>
--

“PROCURO ALGUÉM QUE CURTA MADUROS, SIGILO E DISCRIÇÃO”.

4 km, 46 anos

Analisar as apresentações dos perfis dos rapazes com idade até 23 anos permite questionamentos sobre como, para os usuários mais jovens, a abertura para falar da (homo)sexualidade reverberou, fornecendo ferramentas culturais e um vocabulário que deslocou a homossexualidade do campo semântico da agressão e da enfermidade.

Por outro lado, como mostra a descrição explicitada no perfil de um usuário, para os homens acima de 40 anos, o acúmulo de “experiências” traceja marcas históricas que encasularam a homossexualidade sob o estigma e a vergonha. Talvez por isso, nesta faixa etária, mesmo com o rosto à mostra no perfil, as forclusões e a exigência pela “discrição” voltem a ser textualizadas no perfil.

Ao refletir sobre a busca, um dos homens com mais de 45 anos com quem mantive contato explica que:

– *É mais foda pra quem é mais velho, sabe? Essa molecada de hoje em dia quer cara saradinho, fresquinho, bombadinho de academia. Eles não querem caras mais velhos e experientes como eu e, quando querem, são aqueles bichinhas que estão a fim de experimentar um cara machão. Eu até conheço um ou outro pela a internet, mais o bate-papo acaba virando mais do que isso aqui* [referindo-se ao aplicativo] – Entrevistado Mário.

Conheci Mário no começo de 2014. Depois de algumas horas de conversa pelo aplicativo, marcamos nosso encontro em frente ao restaurante localizado nas proximidades da minha casa, na região central da cidade, numa tarde de sexta-feira. Quando cheguei ao lugar combinado, ele já me esperava encostado em seu carro. Mário tem cinquenta e três anos de idade, é branco, com estatura mediana e cabelos grisalhos. Naquele dia, vestia calça jeans e camisa xadrez e calçava uma botina.

Logo que nos achamos, ele imediatamente se desculpou pela demora na interação, justificando-a pela sua (in)experiência ainda recente com os aplicativos. Em seguida, ele comentou que só topou me encontrar porque viu que eu já tinha “quase trinta anos”. Questionando as razões disso, ele explicou que geralmente aconteciam “algumas complicações por causa da idade”. Em especial, pela quantidade de “bichinhas” que apareciam para interagir “procurando namorados e coisas assim”.

Ele se apresentava no perfil como “Peão” e se descrevia como um “cara rústico que curtia a vida no campo, fazendas e os animais”. Bastante desinibido, depois de alguns minutos de conversa, ele me convidou para dar uma volta. Entrando no carro, prontamente ele ligou o rádio perguntando se eu gostava de música sertaneja. Respondi que sim, que era uma pessoa

com gostos exóticos e que, como alguém que cresceu no interior, conhecia de cor várias músicas desse repertório.

Mário citou vários lugares que gostava de frequentar para dançar, paquerar e ouvir músicas em São Carlos, mas lamentou a pouca frequência com que aproveitava as noites na cidade, pois morava em Santos com a “namorada”. O fato de conhecer os lugares frequentados por Mário nos aproximou naquele momento. Embora eu não frequente os ambientes citados e nem seja, como ele, aficionado por música sertaneja, por ter vivido na cidade até os dezessete anos de idade e agora vivendo durante a pós-graduação, não tive dificuldades em me situar na conversa.

Ele disse que havia conhecido o aplicativo através de *sites* e que, naquela semana de férias, tinha decidido baixar para tentar contatos mais afortunados do que aqueles que o bate-papo normalmente rendia. Segundo Mário, morando com a “namorada” há mais de cinco anos, ficava difícil “escapar”, o que tinha tornado seus encontros com outros homens bastante esporádicos. Além disso, ponderou que a sua “exigência” por “homens com jeito de homem” acentuava a dificuldade de encontrar parceiros à altura.

Mário não se compreende como “gay”, tampouco como “homossexual”, termos que ele rejeita por considerar “coisa de bicha”. De outro modo, para se referir às relações, empregava termos como “pegação”, “brincadeira de machos”, “curtição” e “pegas”. Aqui, a “bicha” funciona como um termo acusatório que aloca o outro como “efeminado” ou como um “homossexual visível” e, portanto, passível de ser inferiorizado.

Graduado em agronomia e trabalhando em uma empresa de alimentos para animais, usando um tom confessional, ele disse que “sempre quando dava para viajar, rolava umas escapadas”, mas que nos últimos tempos a frequência tinha diminuído bastante. Segundo ele, além da presença cotidiana de sua companheira limitando o “espaço”, ultimamente os compromissos do trabalho consumiam quase todo o seu “tempo”.

No entanto, mais adiante, comentou que “conseguia, de vez em quando, *uns pegas* na encolha em banheiros públicos, na praia ou em lugares aonde as pessoas vão para caçar lá na cidade [Santos]. Mas sempre “jogo rápido”. Aproveitando o ensejo, perguntei sobre como conheceu esses lugares e a frequência desses encontros.

Segundo ele, suas primeiras experiências foram ainda na adolescência, nos mictórios da escola e, com o passar do tempo, se estenderam para os banheiros das praças do centro, da rodoviária e do mercado municipal. “Toda cidade tem um local de pegação”, disse. Também comentou que, atualmente, em São Carlos isso não é mais possível, pois, além do risco de

encontrar pessoas conhecidas nesses locais ser grande, atualmente funcionários têm a incumbência de vigiar os usos (heterossexuais) desses espaços.

Questionei, então, por que de ser “sempre rápido”, pois, do mesmo modo como havíamos saído para conversar em seu carro, ele poderia convidar alguém que conhecesse ali para ir até um motel, por exemplo. De pronto, ele me olhou nos olhos e disse:

[...] você acha que eu coloco qualquer um no meu carro? Eu convidei você porque achei que você tinha cara de ser um cara de bem e aqui é mais tranquilo, mas lá em Santos não dá pra confiar em ninguém.

Como estudante de pós-graduação, branco e de classe média, para ele eu não representava “perigo” algum. Além do que, desde que nos encontramos, sabendo da sua aversão por homens “efeminados”, eu procurei conter a minha corporalidade de modo que minhas expressões de “bicha” não inviabilizassem o nosso contato. As marcas simbólicas expressas pelo meu vocabulário e a forma como conduzi a conversa, além do meu endereço em mãos, serviram como uma espécie de “fiador simbólico” para que Mário se dispusesse a me encontrar.

As percepções e a forma como ele qualifica a cidade onde cresceu é contrastada com a “cidade grande”, na qual reside agora. Santos, como uma cidade litorânea e turística e, portanto, mais populosa, para ele representava mais “riscos” do que São Carlos, permeada por fazendas e pessoas conhecidas. No entanto, no que se refere à busca de parceiros, ambas as cidades evocavam desconfianças. Santos remetia ao “risco” pela possível ameaça vinda de desconhecidos e da violência preponderante no imaginário sobre os grandes centros urbanos e que assumem a forma de assaltos e sequestros. Em contrapartida, São Carlos, aparentemente calma, já que menor, despertava o temor mediante a possibilidade de um outro tipo de “perigo”, a saber, o de encontrar um conhecido e ter a informação sobre suas preferências sexuais posta em circulação como “fofoca”.

Nossa conversa nesse dia durou cerca de uma hora, pois, segundo afirmou, ele teria que atender a outros compromissos. Como o ano novo havia começado recentemente, as comemorações na casa dos familiares ocupariam o seu tempo pelos próximos dias.

Minha conversa com Mário, em primeiro lugar, mostra como, para os homens mais velhos, a “pegação” e a “deriva/perambulação” por lugares ermos ou banheiros constituíram-se como práticas anteriores à difusão das mídias e que ainda persistem de maneira combinada. No entanto, a “pegação” passa a figurar como uma estratégia erótica que progressivamente é deixada no passado, sendo substituída, como por Mário, pelos aplicativos e seus imperativos de seleção (MISKOLCI, 2014a).

Como alguém que aprendeu a “caçar” na rua e passou, ainda na década de 1990, para a *web* buscando em salas de bate-papo a familiaridade com essas tecnologias, estas não representavam um desafio para Mário. Mas, mesmo combinando as estratégias eróticas proporcionadas pelas mídias digitais e as velhas formas “analógicas”, os aplicativos não despertavam o seu entusiasmo.

Do ponto de vista dele, no bate-papo, as chances de que “mais homens e menos bichinhas” se interessassem por ele eram maiores. Adotando uma linguagem mercadológica, ele explicou que nos aplicativos, como redes massivamente habitadas por jovens, “a concorrência se tornava acirrada demais diante das fotos”, que comunicam corpos juvenis desenhados em academias de musculação, assim como o “monte de bichas procurando namoradinhos”.

Corroborando com as impressões de Mário, com raríssimas exceções encontrei homens com mais de cinquenta anos buscando relações com outros homens por meio dos aplicativos. Visto pelo avesso, esse dado mais uma vez aponta o fato de que o público presente nos aplicativos é composto, em sua maior parte, por homens jovens buscando outros homens jovens. A forclusão dos mais velhos, quando não expressamente textualizada, é materializada pela ausência de contatos, como a fala dele evidencia.

A fala de outro interlocutor, da mesma faixa etária de Mário, nos fornece mais elementos para pensar como são lidos os corpos marcados pelo tempo. Muito bem articulado, João é um professor com cinquenta e cinco anos de idade, natural de Ribeirão Preto. Nosso encontro foi em uma conhecida choperia da cidade, depois de algumas semanas conversando pelos aplicativos. Com um metro e setenta de altura, cabelos escuros, olhos esverdeados e pele branca, ele exibia no perfil oito fotos que prontamente permitiam a averiguação de todos dados físicos fornecidos.

Segundo ele, os contatos eram muito escassos, talvez por isso tenha demorado alguns dias para responder minha primeira mensagem convidando-o para conversar. Pessimista com relação às possibilidades de encontros pelos aplicativos, João diz que a maioria dos rapazes que estão ali são jovens e, por isso, ainda “estão fissurados em corpos malhados”. Segundo ele, “essa obsessão atrapalha muito”, já que “os coroas não são a melhor peça no mercado”.

Ele avalia que o baixo sucesso das suas interações se deve não somente à grande quantidade de jovens em perspectiva de concorrência, mas também pelas fotografias, que não o posicionam entre os que são mais bem sucedidos. Destacando em seu perfil a sua preferência por ser sexualmente “passivo”, João comenta, ironicamente, que “nos aplicativos, os cus mais velhos não fazem tanto sucesso” diante da grande oferta de “novinhos com o rabo

durinho”. Mais adiante, baseado nas suas experiências, ele afirma que as salas de bate-papo, nas quais o *script* da interação se desenrola de outro modo, “as pessoas não são tão fissuradas pela fotografia”, o que resulta em “lugares com maiores chances de encontrar homens mais velhos que curtam semelhantes”.

João e Mário, em continuidade, apontam para um dado que não posso sustentar a partir desta pesquisa, mas que já havia sido observado pelo meu orientador e por colegas dentro e fora das reuniões do Quereres: algumas mídias, como o bate-papo, por exemplo, estão “envelhecendo”, assim como seus usuários. Do mesmo modo, as novas mídias surgem atraindo, sobretudo, os mais jovens. Além disso, especialmente ao longo da última década, tem sido notável a explosão no número de usuários que vivem nas periferias, com menor poder aquisitivo, menos escolarizados e com restrições em termos de mobilidade.

Usuários como Mário, menos afeitos a “isso aqui”, como se referiu ao aplicativo, resistem nas plataformas antigas nas quais julgam terem maiores possibilidades de encontrar homens “semelhantes”, ou seja, da mesma faixa etária e com os mesmos ideais de masculinidade e erotismo.

No entanto, diferente de Mário, João não vê problemas em mostrar o rosto em seu perfil. Ele considera já ter alcançado “uma fase da vida em que não precisa mais dar satisfação para ninguém”. Ele diz:

– Eu moro sozinho há mais de vinte anos, meus pais morreram e meus irmãos quase não têm mais contato comigo. Eu já sou aposentado, ninguém vai poder encher o meu saco por causa disso. Não tem porque eu me esconder.

A fala dele, alinhada com a de alguns homens mais jovens e sem a estabilidade financeira consolidada, mostra como ser “reconhecido” como homossexual é um fantasma que assedia as relações na família e no trabalho. Considerando a morte dos pais e o afastamento relativo dos irmãos, desprendido do trabalho pela aposentadoria, João não percebe mais as amarras invisíveis que anteriormente o vinculavam às normas públicas da heterossexualidade. Abolidas as expectativas familiares e alcançado o horizonte profissional aspirado, ele pode, agora, se sentir à vontade para desfrutar sua “liberdade”.

Embora o discurso de João possua certo tom emancipador, ele é em seguida encapsulado pela expressa forclusão dos mais jovens que, para ele, “não fazem o seu estilo”, já que prefere homens mais largados e “com mais jeito de homem”. A juventude, nesse caso, é vista como atributo que emascula os rapazes, algo que o “irrita muito” e, por isso, acaba preferindo, como Mário, a companhia de homens “mais maduros como ele”. Isto, inclusive,

“porque coroas, se não forem *bichonas*, são mais másculos, mais discretos e têm mais jeito de homem”. Nesse sentido, para ambos, a idade é vista como maturidade e como um atributo que confere certa virilidade à masculinidade, em contraste com a juventude, tipicamente preocupada com a aparência e com a apresentação dos corpos e, portanto, ligada à feminilidade.

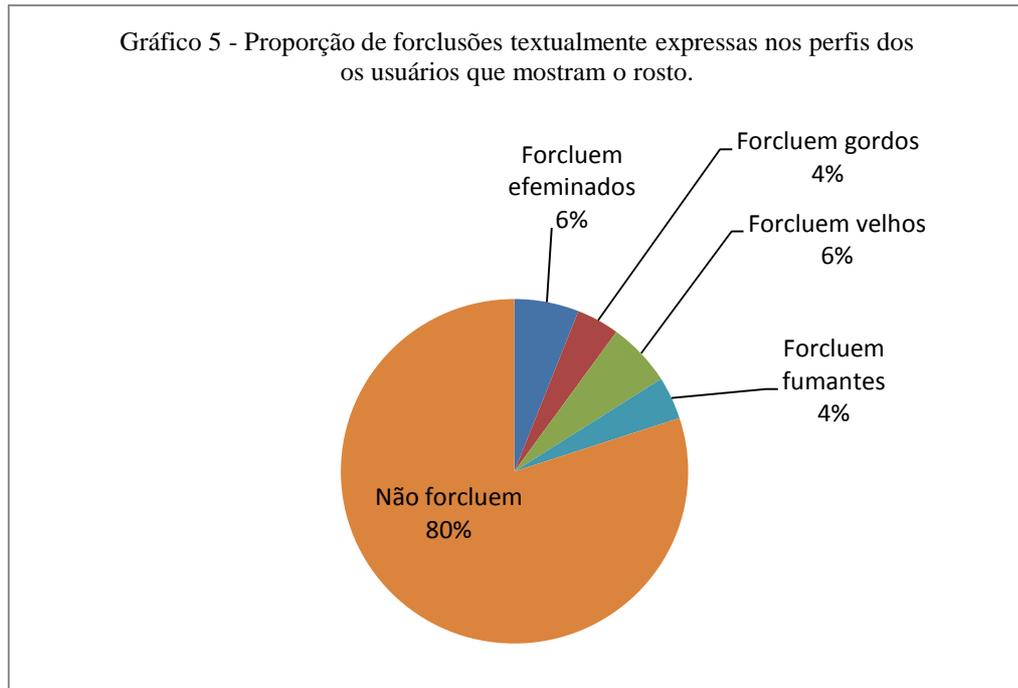
As apresentações textualizadas pelos rapazes em seus perfis mostradas no início da discussão são exemplos de posturas contestatórias que criticam frontalmente os ideais de masculinidade expressos nas falas desses dois interlocutores. Além disso, são apresentações que permitem contrastar o léxico acionado para qualificar tanto a “homossexualidade” como o prestígio pela masculinidade que se expressa em parte significativa dos perfis que não mostram o rosto. A seguir, abordarei em termos quantitativos, os aspectos das forclusões mencionadas por João e Mário.

3.2 Forclusões em série: afinal, o que tanto incomoda a masculinidade?

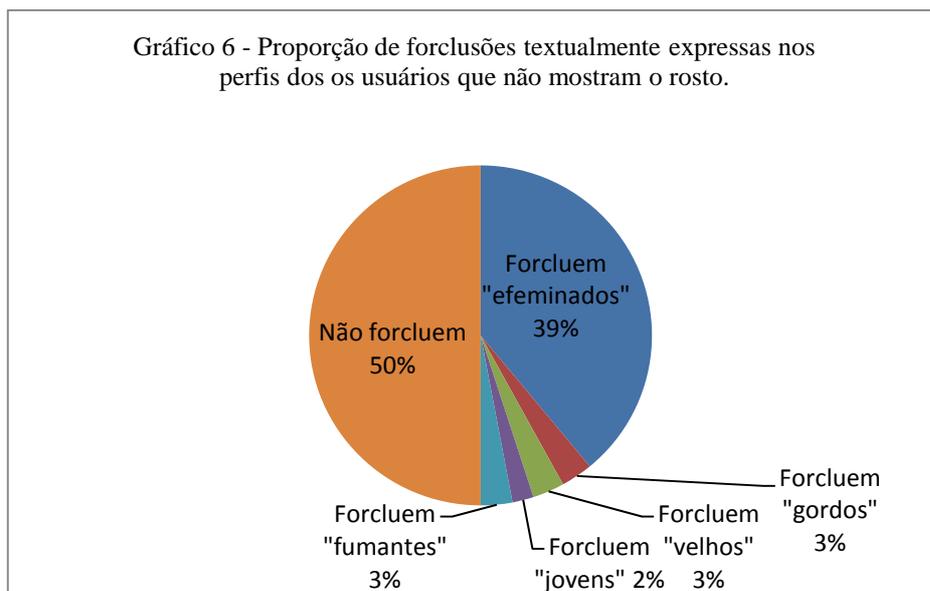
Embora Mário e João enfatizem a falta de interesse por “homens maduros”, não são os “velhos” os que mais incomodam nos aplicativos. As recusas textualmente expressas nos perfis não incidem diretamente sobre os mais velhos. Embora ambos joguem com a queixa da suposta falta de interesse por parte dos rapazes, eles não são as únicas vítimas das forclusões.

A forclusão, para Butler (2007, p. 156), é constituída como “repúdio que cria a valência da abjeção”, ou seja, trata-se da norma que “nega e rechaça o sujeito, mas ainda incide constituindo-o” (BUTLER, 2002, p. 270). Com esse termo, ela quer destacar como os efeitos sobre aquelas vidas e corpos correspondem às maneiras normativas de se fazer homem ou mulher e que habitam o exterior constitutivo da heterossexualidade. Estes corpos que constituem o “impensável, o inabitável, o inenarrável e o traumático” (p. 268) são expulsos para fora da matriz de inteligibilidade por meio de uma operação de excrecência. Trata-se daquilo que deve ser repudiado, mas que marca o lugar de onde emerge o sujeito (BUTLER, 2002). Em uma mídia em que todos aspiram corpos mais que saudáveis, mais que masculinos e normalizados sob o discurso dos exercícios físicos, não é de se estranhar que o efeminamento, a gordura, a idade avançada e o tabagismo prefigurem o conjunto mais regular de forclusões.

A partir dos dados obtidos seguindo a divisão dos perfis entre o grupo dos que mostram e dos usuários que ocultam o rosto, apresento as proporções das forclusões textualmente expressas nos perfis.



Fonte: Coleta de dados por Felipe Padilha



Fonte: Coleta de dados por Felipe Padilha

A partir do que foi dito, é possível notar como “velhos” e “jovens” funcionam como “rótulos” que são colados aos sujeitos em um contexto de disputa política em torno da masculinidade (BECKER, 2008). Mas, por outro lado, também são posições a partir das quais as pessoas se convertem em empreendedores morais disputando sobre as formas possíveis de viver e legitimar o desejo. Dito de modo mais simples, os “velhos” acusam os “jovens” de assumirem as características que eles empreendem como negativas e, portanto, típicas da imaturidade; enquanto, por outro lado, os “jovens” acusam os “velhos” de serem “enrustidos”, como uma pecha para a suposta (ir)resolução com relação à (homo)sexualidade.

Entre os usuários que mostram o rosto nas imagens do perfil, a maioria (80%) não textualiza na apresentação nenhum tipo de forclusão ou rejeição. “Velhos” e “efeminados” aparecem igualmente em 6% das forclusões expressas, seguidos por 4% que rejeitam “gordos” e “fumantes”.

As exigências em torno da masculinidade e as forclusões vêm, principalmente, daqueles perfis de usuários que ocultam o rosto nas fotografias. Nesse grupo, 39% dos perfis forcluem textualmente “efeminados”, característica mais rejeitada na totalidade dos perfis da amostra. “Velhos”, “gordos” e “fumantes” mantêm a mesma proporção de recusa, 3%. Por fim, em menor proporção, a forclusão de “jovens” responde por 2%.

Analisando os dados, é possível perceber como o “efeminamento” assombra e assedia a masculinidade, comprometendo o “sigilo” e a “discrição” que os homens sem face à mostra buscam em suas relações; e não exatamente “a idade”, como afirmavam João e Mário. Dito isto, cabe avaliar, em termos qualitativos e quantitativos, como e em que proporções a masculinidade é demandada nos perfis. Considero igualmente importante atentar para como os rapazes têm produzido textualidades contestatórias sobre estes ideais.

3.3 Masculinidades que ostentam: fujam para as colinas, a “bicha” vem aí!

As apresentações expostas na página seguinte foram extraídas de perfis nos quais os usuários ocultavam o rosto. Todas apontam os atributos escrutinados e considerados “verdadeiramente” pertencentes à masculinidade. Com elas, podemos aprender quais são os predicados que, nesse contexto, são considerados relevantes e que permitem identificar os “homens de verdade”.

Analisando-as, é possível perceber a cadeia ironicamente tautológica que se monta na avaliação dos parceiros possíveis e desejáveis. Dessa perspectiva, os “homens de verdade” têm, portanto, “atitude”, “voz”, “tipo”, “pegada”, “cheiro” e “postura” considerados como atributos autênticos e atraentes. Estas são as principais características que permitem que os homens considerados “verdadeiros” resistam ao escrutínio público, sendo presumidos a partir das lentes da heterossexualidade compulsória.

“PROCURO CARAS COM ATITUDE E VOZ DE HOMEM”

2 km,30 anos

*

“DISPENSO EFEMINADOS. ESTUDO, TRABALHO, CURTO MALHAR, NÃO TO AFIM DE CARAS PROBLEMÁTICOS E EFEMINADOS”.

6 km, 26 ANOS

*

“NÃO AFEMINADOS, NEM CURTO AFEMINADO, GORDOS E VELHOS TBM[também] SEM CHANCE. FRESCURA? NÃO, QUESTÃO DE TESÃO MESMO”.

3 km, 21 ANOS

*

“PERGUNTAR O QUE CURTO NESTE APP É PIADA, NÉ, SIMPLES E OBJETIVO: SEXO E AMIZADES, CURTIÇÃO E PEGAÇÃO ENTRE MACHOS, NÃO CURTO EFEMINADO, CURTO JEITO E TIPO DE HOMEM. DISCRICÃO É FUNDAMENTAL”.

75 km, 30 anos

*

“NÃO CURTO AFEMINADO. A PERGUNTA NÃO É O QUE EU PROCURO, E SIM QUEM SÃO AS PESSOAS QUE EU ENCONTRO”.

65 km, 28 anos

*

PROCURO CARAS BEM MACHOS, PASSIVOS, COM JEITO, ATITUDE E VOZ DE HOMEM ENTRE 20 E 45 ANOS. DE PREFERÊNCIA BUNDUDOS. ATIVOS MACHOS E BONITOS PARA PEGAÇÃO TBM SÃO BEM-VINDOS. SE VOCÊ SABE QUE É AFEMINADO OU NÃO TEM CERTEZA, NÃO PERCA SEU TEMPO E MUITO MENOS ME FAÇA PERDER O MEU. PARA AQUELES QUE FALAM: “AH, EU SOU NORMAL” OU “SOU DE BOA” É PORQUE SÃO AFEMINADOS DISFARÇADOS. QUANDO DIGO CARA BEM MACHO É NO SENTIDO MAIS LITERAL DA PALAVRA”

40 km, 32 anos

Dalmir tem trinta e seis anos e mora em Rio Claro. Nosso primeiro contato se deu através do aplicativo e, depois de uma semana conversando pelas mídias, ele se dispôs a me encontrar em São Carlos. Dalmir é um rapaz de aproximadamente 1,90m de altura, branco, usa óculos e ostenta o corpo definido à custa de exercícios com uma camiseta ajustada de modo a pronunciar seus músculos.

Embora viva só em seu apartamento, ele preferiu vir até São Carlos, com isso evitando que eu fosse até à cidade onde mora. Segundo ele, era preferível dessa maneira, já que preferia não se “expor” pelas ruas com alguém “diferente”, o que poderia gerar

questionamentos por parte das pessoas conhecidas. Ao chegar à cidade, com meu endereço em mãos, Dalmir me apanhou para que fossemos tomar um suco enquanto conversávamos. Nesse dia, nosso encontro durou cerca de duas horas.

Em seu perfil no aplicativo, ele se nomeava com uma raça de cavalos e se descrevia como “íntegro e diferenciado”. Durante nossa conversa, Dalmir me revelou que tinha se separado da namorada ainda há pouco e que, por isso, agora conseguia “escapar” driblando apenas a sua agenda. Como é profissional da área de saúde e músico aos finais de semana, ele explicou que conseguia fazer seus horários combinando as “necessidades” com as “oportunidades”.

O último relacionamento heterossexual que manteve durou quatro anos, mas, segundo ele, a “a partir de agora” não se envolveria mais com mulheres ao ponto de “virar namoro”. Refletindo sobre as relações que manteve com suas as namoradas, Dalmir aponta que relacionamentos desse tipo envolvem a família e, com frequência, acabam resultando em vínculos maiores do que apenas entre o casal. Em comparação, ele comenta que manteve uma relação estável por cinco anos com um “parceiro” sem que ninguém soubesse e que, nesse período, “nunca houve cobranças da família” e nem de seu companheiro.

Os dois se conheceram a partir do término concomitante dos relacionamentos heterossexuais que mantinham e, após isso, numa certa ocasião, a partir de “umas brincadeiras, bateu o tesão e acabou rolando uns pegadas entre a gente”, diz ele. A partir de então, a frequência com que aconteciam os encontros foram se estreitando “até render o *bromance*”. Dalmir não emprega termos como “namoro” para se referir à relação que manteve com o “amigo”. De outro modo, prefere empregar, em diversos sentidos, a qualificação *bromance*, um neologismo que surge da junção entre as palavras inglesas *brother* e *romance*.

Conversando com ele, tive a impressão de que se tratava de alguém com uma formação cultural refinada e, possivelmente, pertenceria a uma família financeiramente abastada. Minha suspeita iniciada a partir do carro de alto valor que ele possuía foi confirmada quando Dalmir começou a falar sobre sua família e as expectativas que seus pais nutriam em relação a ele.

Algumas das relações que manteve com mulheres buscavam, além de desviar as suspeitas sobre a sua sexualidade, responder aos questionamentos por parte da família. Seu pai, empresário bem-sucedido, e, sua mãe, diretora escolar de uma renomada rede de colégios, “não deixavam outra saída que não fosse apresentar uma namorada”. Além disso, faziam sempre questão de conhecer a família para certificar-se de que se tratava de “boa gente”.

Dalmir busca exclusivamente caras “semelhantes, com bom nível cultural, discretos e com jeito de homem”. Ele diz que não sente atração por rapazes efeminados e, em alguns casos, “sente até repulsa”. No entanto, esporadicamente, gosta de “pegar uns caras com esse perfil só pra maltratar”. Ele afirma que isso já ocorreu em diversas ocasiões e que acha excitante o “sexo com uma pegada mais violenta”.

Avaliando essas relações, ele assevera que “esse tipo de cara [efeminado] traz traumas de infância e por isso gosta da humilhação. Eles gostam de umas cusparadas na cara, uns tapas mais fortes e, às vezes, curtem até uns socos”. Mais adiante, Dalmir narrou como aconteceu um desses encontros:

– Teve uma vez que foi engraçado... Eu conheci um cara na internet, ele era de Araraquara, e eu adicionei no MSN©[trocador de mensagens]. Daí a gente ficou conversando um pouco e eu pedi pra ele abrir a cam. Quando ele abriu, cara, era um moleque magrinho e eu vi na hora que era outra bichinha querendo vara. Já não curti muito, mas beleza... Nesse dia eu desconversei. Aí depois disso comecei a evitar falar com ele. Mas como ele era bonitinho, deixei lá [na lista de contatos]. A gente nunca sabe, né... Ele me chamava de vez em quando e eu dizia que tava ocupado e desconversava. Até que um dia eu tava “no tesão” e pensei: vou ver quem tá on-line no MSN©. Entrei e ele veio falar comigo. Pensei: é hoje que eu vou comer esse viadinho! Perguntei se ele curtia ser maltratado e ele falou que adorava. Perguntei se ele tava a fim de ser minha cadelinha naquele dia e ele respondeu que era só eu aparecer por lá. Marquei com ele e fui até Araraquara. A gente se encontrou e foi pro motel. Chegando lá, já fui logo testando ele e comecei com uma pegada mais hard [forte]. Ele foi curtindo e eu fui subindo a dose. Eu dava uns tapas e ele pedia mais. Eu comecei a ficar nervoso fodendo, ouvindo ele pedir pra bater, que eu perdi a paciência e dei um soco na cara dele e o moleque quase desmaiou. Tivemos que parar na hora e eu até pedi desculpas e tal. Quando [depois] eu fui deixar ele em casa, ele virou e me disse assim: nossa, você pegou muito pesado, da próxima vez vou pensar antes de dizer que eu gosto de uns tapas. Eu pensei, esse pegou um macho e aprendeu (risos) – Entrevistado Dalmir em anotação extraídas do diário de campo. 30 de Mai de 2014.

A fala de Dalmir traz elementos que nos permitem pensar sobre separação insegura entre o desejo e a abjeção. Ele nos aponta como, desde a primeira interação via *webcam*, a imagem foi fundamental na avaliação visual para o primeiro escrutínio da masculinidade. Mediante a imagem, o corpo é classificado seguindo uma gramática erótica que relaciona

formas de masculinidades com fetiches, tipos corporais e posições de dominação e subalternidade. Todos esses elementos simbólicos, ao final, já estavam de antemão para ele estabelecidos e intensificavam a imagem da masculinidade viril que desejava alcançar. Do seu ponto de vista, transar com rapazes efeminados faz que com que se sinta “mais macho”. Em contraposição, de maneira análoga a posições heterossexuais, o “garoto-passivo-franzino-efeminado” ocupava o seu negativo inferior. Em diálogo com Miskolci (2009), é possível afirmar que a homossexualidade, assim como a feminilidade, são o Outro sem o qual a masculinidade hegemônica não pode ser constituída e nem tem como descrever a si própria.

Sendo Dalmir “mais velho” e estando com um rapaz mais “mais jovem” e franzino em seu carro, realizava-se a fantasia de super-controle, que o colocava em proximidade com o imaginário viril e heterossexual. “A cadelinha” era a forma verbal assumida pela hierarquia e desejada pelas duas partes.

Já que estava no comando, Dalmir podia “testar” o garoto, tal como faria com um motor, levando-o até o limite de sua potência. “Subindo a dose” e a intensidade da violência previamente negociada e consentida, ele talvez tenha se sentido “impotente” ou “desafiado” frente à “resistência” do passivo que se deliciava durante o sexo. A troca de intensidades culminara, por fim, na fissura do ato.

Acompanhando o sentido empregado por Maria Elvira Diaz-Benitez (2014, s/p), ao falar em “fissuras”, quero sinalizar:

[...] aqueles instantes de fronteira em que as emoções extrapolam o sentido dado de antemão às práticas, são momentos em que, em meio a um ato sexual, transpassa-se do consentimento ao abuso. As fissuras acontecem [...] naqueles instantes em que a pessoa (porque as fissuras não são exclusivas das mulheres) sente em sua própria pele um certo medo, angústia ou dor que não logrou prever no momento da negociação. Ou seja, houve consentimento, mas a prática trouxe uma intensidade que não é possível de prever ou de antecipar e que rompe com o pacto empreendido com o outro e consigo mesmo, ocasionando emoções que evocam mais perigo do que prazer. A fissura é a evidência de que a prática extrapolou a expectativa da dor, é uma fenda onde o ato (ou representação do ato) se torna violência, embora logo a fissura possa se refazer [...].

Embora a cena violenta fosse previamente desejada, arquitetada e consentida pelas duas pessoas envolvidas, considerando as falas anteriores de Dalmir, é possível questionar até que ponto, para ele, a relação estabelecida vincula também um desejo velado em perpetrar a violência ao outro como uma punição justificada pela “masculinidade” que lhe falta ou pelo desejo que Dalmir avalia como feminino, a saber, o de ser penetrado.

Connell (2003, p.119) nos lembra de que “a opressão coloca as masculinidades homossexuais sobre uma hierarquia de fundo entre os homens que se estrutura no gênero”. Mais ainda, do mesmo modo como existem masculinidades que, sob múltiplas formas, concorrem, também devemos pensar em homossexualidades múltiplas abrindo outras possibilidades para os discursos que frequentemente concorrem sobre o desejo homossexual.

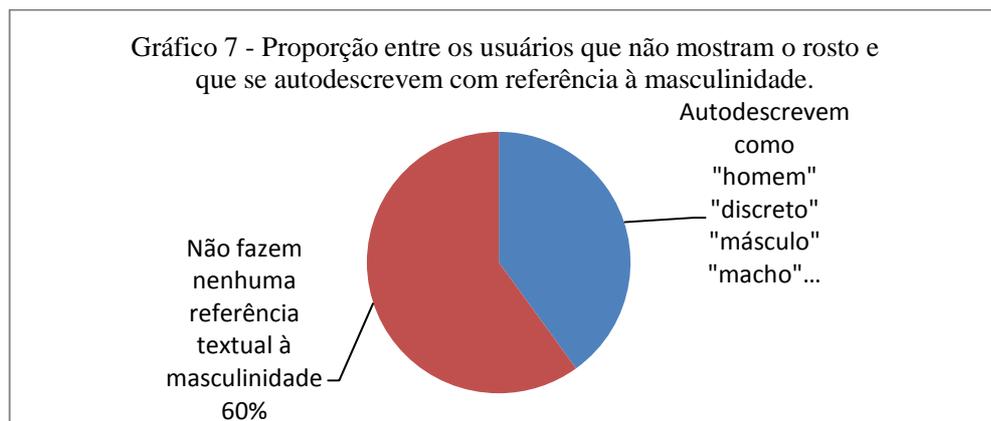
“Barbie”, “pokebicha”, “poc-poc”, “bilú”, “biluzona”, “viado”, “bichona”, “maricona”, “afeminado”, “bicha-emo” nada mais são que rótulos acusatórios que buscam classificar, sob um empreendimento moral normalizador, estas performatividades escandalosas (Duque, 2015).

Connell (2003, p. 119) explica que:

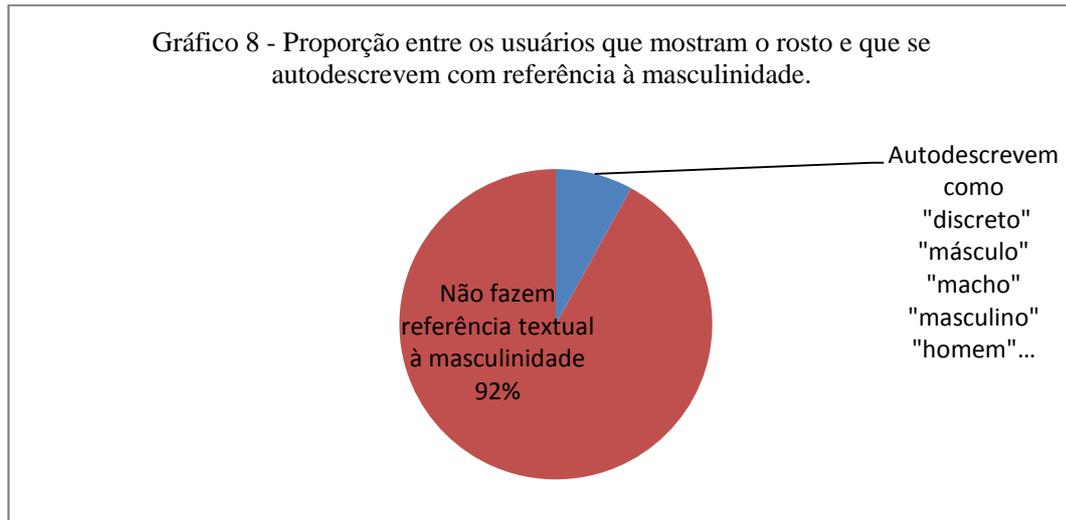
Para a ideologia patriarcal, a homossexualidade é o depósito de tudo aquilo que a masculinidade hegemônica descarta simbolicamente, incluindo desde um gosto espalhafatoso por decorar a casa até o prazer anal receptivo. Por isso, do ponto de vista da masculinidade hegemônica, a homossexualidade se assimila com facilidade à feminilidade.

Em termos simbólicos, minha conversa com Dalmir mapeia algumas fantasias recorrentes entre as convenções sustentadas por parte significativa dos homens que prefere o segredo e com os quais manteve contato.

Abaixo, apresento os gráficos com as proporções de usuários que se descrevem textualmente nos perfis referindo-se à “masculinidade” como uma característica autodeclarada. É interessante notar como essa descrição se constrói *pari passu* com a evitação do efeminamento e a forclusão dos homens considerados “efeminados”.



Fonte: Coleta de dados por Felipe Padilha



Fonte: Coleta de dados por Felipe Padilha

Comparando os gráficos apresentados, é possível constatar que as textualizações que afirmam a masculinidade nos perfis passam, principalmente, pelos homens que não mostram o rosto. Cabe lembrar que, proporcionalmente, aqueles que o deixam visível são mais novos do que aqueles homens que o ocultam.

Dito isto, outras questões podem ser formuladas: que tipo de masculinidade podemos considerar como sendo a hegemônica nos aplicativos? Como e sob quais explicações estas (re)afirmações de masculinidade dominante circulam entre os homens que não se reconhecem ou que não assumem para si identidades como “gay” e “homossexual”? Como os “mais jovens” lidam com estes modelos? Se os rejeitam, como parece, como os contestam? Se é que negam os modelos anteriores, quais outras imagens esses rapazes acionam para contestar os ideais que sustentam a masculinidade hegemônica? Finalmente, como estas “novas posturas” refletem na busca digitalmente mediada pelos aplicativos?

3.4 Notas sobre a dimensão performativa da masculinidade

Nomear-se como “homem” ou como “gay” em um perfil equivale a uma afirmação identitária performativa (BUTLER, 2004a). No primeiro caso, a ênfase recai sobre a “identidade de gênero” enquanto o segundo incide sobre a “identidade sexual”. Em ambos, para que seja bem-sucedido, o performativo deve sobreviver ao escrutínio do outro encontrando certa ressonância com os ideais coletivos para que se faça inteligível. Submetido à apreciação, o corpo “masculino” é elicitado a responder conforme as convenções que regulam as versões locais de masculinidade, uma vez que não existe uma entidade masculina comum a todas as sociedades (CONNELL, 2003).

Connell (2003, p. 71) mostra como “a masculinidade e a feminilidade são conceitos inerentemente relacionais que adquirem significados a partir das conexões que estabelecem entre si, como delimitação social e oposição cultural”. Essas relações são historicamente cristalizadas em práticas de gênero que, apagando as marcas de sua própria origem, são feitas e refeitas em um processo político que “afeta o equilíbrio de interesses da sociedade e a direção da mudança social” (p. 72).

Judith Butler (2013) emprega o conceito de “performatividade” em oposição à “performance” para questionar o binômio interioridade/exterioridade que sustenta as noções essencialistas sobre as identidades. Evidentemente, o essencialismo opera também em diferentes níveis, seja nas descrições dos perfis, na mídia de massas, nos movimentos sociais ou, até mesmo, nas teorias. Butler, de outro modo, quer fugir da ideia de “performance”, pois a considera atrelada à uma imagística do sujeito calcada na noção de um “ator social” que é consciente do papel que interpreta e “atua” de maneira concertada (2004b, p.17).

Assim, a “performatividade” ataca as percepções sobre o sujeito assentadas no binômio interioridade/exterioridade, porta de entrada para os essencialismos em torno da identidade e, para algumas teorias, para a própria noção de sujeito. Afastando-se dessas noções, Butler (2013, p. 200) propõe que o gênero, assim como a raça, seja pensado em termos “performativos”, sinalizando a “repetição estilizada de atos no interior de um quadro regulatório altamente rígido”.

As normas sociais que regulam a raça e o gênero dependem, sobretudo, da forma como são encaradas e da visibilidade concedida a esses termos. A repetição, diria Butler, cristalizada ao longo do tempo, acaba por apagar os rastros que permitem alcançar a historicidade dos próprios atos, que acabam emergindo como se fossem “naturais”. De maneira simplificada, os gêneros nunca se fixam por completo, eles dependem da nossa atuação justamente porque são *feitos* e necessitam serem *refeitos* constantemente (BUTLER, 2004b, p. 26).

De maneira complementar, Connell (2003, p. 104) mostra como “ao falarmos em masculinidade estamos falando de gênero de uma maneira específica”. Para esta autora, “masculino” e “feminino” apontam para a forma como homens e mulheres se distinguem uns/umas dxs outrxs e entre si em questões de gênero (p.106).

Desse modo, podemos entender como as masculinidades produzem relações de disputa em torno de ideais, valores e normas socialmente construídas e dinâmicas (CONNELL, 2003). Estas normas são forjadas e reguladas em “contextos de classe e raça, institucionais e culturais que produzem diferentes tipos de masculinidade” (p. 61).

No entanto, não basta apenas reconhecer que as masculinidades são múltiplas, sem reconhecer também as relações de aliança, domínio e subordinação estabelecidas entre as diferentes formas de masculinidade. Essas relações são constituídas por práticas mediante as quais os homens excluem e incluem, intimidam e exploram uns aos outros. Adotando uma perspectiva dinâmica e relacional, esta autora compreende a “masculinidade” e a “feminilidade” como projetos políticos (p.110).

Refletindo sobre o circuito da prostituição e sobre a valorização dos atributos “masculinos” entre os michês, Perlongher (2008, p. 255) sugere que “o desejo do macho permite iluminar os obscuros entramados que dispõem a produção e reprodução, a recriação de um modo de dominação sociossexual”. Nesse sentido, os textos extraídos dos perfis dos homens que ocultam o rosto, mencionados no início, assim como as falas apresentadas a partir do meu encontro com Dalmir, nos comunicam sobre os níveis em que ocorrem as disputas simbólicas em torno da masculinidade e da conceituação do “homem de verdade”.

Contabilizando os perfis a partir da divisão entre os que mostram e os que não mostram o rosto, os dados revelados podem elucidar as relações entre a masculinidade e o segredo. Em diálogo com Connell, cabe questionar: de que maneira o segredo se funda como parte das disputas políticas sobre o gênero? Se é assim, podemos dizer que o segredo é mais um dos predicados ligados às masculinidades na busca a partir dos aplicativos? Dito de outro modo, a masculinidade ainda é vista como fonte de poder da qual esses homens não desejam abrir mão e, por isso, rejeitam as apresentações “escandalosas”?

3.5 “Os paranóicos da tríade sigilo-discrição-macho”: segredo, efeminofobia, passividade sexual e estigma

“ISTO NÃO É MERCADO LIVRE. E VOCÊ NÃO USA BURCA NA RUA, ENTÃO MOSTRE O ROSTO. CLICHÊS: QUE BUSCA; QUE CURTE; VER QUE ROLA; MENDIGOS DE FOTOS; DISTRIBUIDORES DE WP [Whatsapp©]; PARANÓICOS DA TRÍADE DISCRICÃO-SIGILO-MACHO; SELFIES NO BANHEIRO = TÉDIO! SAPIÊNCIA COM UM MÍNIMO DE VERSATILIDADE + FOFURA (SIM!) + COESÃO E ESPONTANEIDADE, TÁ?”.

5 km, 28 anos

*

“ARARAQUARENSES BABACAS E SUAS ARARAQUARICES, FAVOR MANTEREM DISTÂNCIA. SOU PASSIVO E COM ESSA INFORMAÇÃO JÁ É MEIO CAMINHA ANDADO”.

40 km, 26 anos

*

“MASCULINIDADE É ESSENCIAL! SOU ATLÉTICO, ESPORTISTA, ESCORPIANO, BEM DOTADO E UM POUCO MARRENTO. ATV/VERS. BUSCO CARA MASCULINO; PREFIRO NÃO FUMANTE; FAIXA 25-30 ANOS; TESÃO EM DOTADOS; SEXO SEGURO; SEM DROGAS”.

5 km, 28 anos

*

“SAFADO PAUZUDO. CURTO FUDER UM RABO LIZINHO... SOU MACHO E NÃO CURTO ENROLAÇÃO. CURTO CARAS QUE GOSTAM DE SER TRATADOS QUE NEM PUTINHAS NA CAMA E QUE FIQUEM ENTREGUE A MIM PRA USAR E ABUSAR.

14 km, 30 anos

Refletindo sobre o contexto brasileiro, Miskolci e Pelúcio (2008) apontam a hegemonia alcançada pelo processo de masculinização dos ideais e dos corpos dos homens que circulam em *sites* e salas de bate-papo *on-line*. Com isso, elxs sugerem que “a valorização do masculino é uma tentativa de fazer frente ao velho estigma da *inversão sexual* e que toma como alvo aquilo que o denunciaria: o efeminamento” (MISKOLCI, R; PELÚCIO, L. 2008, p.19).

Michel Misse (2007), no final da década de 1970, procurou compreender o estigma convencionalmente colado ao “passivo sexual” nos circuitos cariocas. Em diálogo com Goffman, Misse segue pela perspectiva interacionista alinhada ao estruturalismo de Louis Dummont, deslocando a “passividade” do seu caráter de *status* valorado para as mulheres e mostrando como se converte na pecha, como inferior negativo, para os homens. Todo esse

processo de excrecência simbólica era cristalizado, em última instância, na figura da “bicha”. No entanto, focado na hierarquia, Misse não problematiza a centralidade e o aspecto de naturalidade conferido à heterossexualidade como norma e, portanto, como ideal regulador que diferencia e confere inteligibilidade aos sujeitos e aos corpos que habitam.

A partir das conversas com meus interlocutores, entendo que “ser discreto”, “não ser efeminado” e “nem espalhafatoso”, “não querer chamar a atenção para si”, “ser ativo”, “macho”, “masculino”, “ter jeito de homem”, “pauzudo” e “não falar miando”²¹ são tropos para comunicar a evitação do estigma. Essas convenções funcionam como senhas de entrada que enunciam o desejo pela masculinidade e pelas relações em segredo. Em uma cultura homofóbica, a feminilidade, concebida como exterior e oposta à masculinidade, corporifica na figura do “afeminado” a denúncia do desejo que se pretende ocultar.

Eve Kosofsky Sedgwick (2007) didaticamente explica como “segredo” é um conceito que rege a vida de homossexuais. Nesse sentido, não se trata de uma opção, mas uma condição derivada do espaço público como sinônimo de heterossexualidade que relega os afetos e as expressões do desejo homoerótico à esfera do privado (MISKOLCI, 2012). O “armário”, portanto, é a metáfora que descreve o segredo velado em torno das vidas das pessoas que não se conformam à ordem heterossexual: “o armário é a estrutura definidora da opressão gay no século XX” (SEDGWICK, 2007, p.20).

A esse respeito, Connell (2003) observa que, ambientada em uma cultura homofóbica que desacredita a masculinidade de homossexuais, a masculinidade hegemônica não restringe a estigmatização apenas ao nível cultural da identidade homossexual ou gay. Não se trata de um processo conduzido somente em nível simbólico. A homossexualidade é desacreditada por um conjunto de práticas materiais por meio das quais os homens heterossexuais subordinam aqueles que manifestam masculinidades tidas como desacreditadas. Desse modo, “homens gays experienciam uma exclusão cultural e política que é culturalmente institucionalizada” (CONNEL, 2003, p. 118).

Em contextos desse tipo, é compreensível que o segredo funcione como uma estratégia de sobrevivência social. Miskolci (2012, p. 18) observa que:

A homossexualidade, assim, transforma-se de uma orientação do desejo para um certo regozijo com a possibilidade de que compartilhem a capacidade de “passar por hétero”, “enganando” tanto os heterossexuais quanto os homossexuais assumidos, uma espécie de doce vingança contra a ordem sexual que quase sempre se volta contra eles.

²¹ Expressão usada por Tales e por Lucas, dois interlocutores, para exemplificar as características da indiscrição.

A equação “homem + feminino = passividade sexual” é uma ilusão heterossexual, ou, no limite, mais uma das fantasias que a heteronormatividade constrói para si e que insiste em acreditar. Homens femininos não necessariamente preferem ser passivos na relação sexual, assim como nem todas as práticas sexuais passam pela penetração e, do mesmo modo, não são apenas os homens capazes de penetrar. Mas o que sustenta estas conexões é um conjunto de ideais e fantasias que, articuladas, tomam a sexualidade reprodutiva como pano de fundo para definir todas as outras sexualidades. Não se trata de uma regra, mas de um ideal regulatório que confere inteligibilidade, inclusive, às relações homoeróticas, mantendo-as em continuidade com as fantasias do imaginário heterocentrado.

O fato de que se trate de algo imaginado não torna seus efeitos menos concretos. Illouz (2011, p.138) defende a tese de que “a imaginação, ou a utilização cultural e institucionalmente organizada da fantasia, não é uma atividade abstrata ou universal da mente. Tem antes uma forma cultural que precisa ser analisada”. Como aponta Miskolci (2014b, p. 18), “o impensável – leia-se uma sociedade não fundada na proibição das relações amorosas e sexuais entre pessoas do mesmo sexo – não está fora da cultura, antes dentro dela, apenas de forma dominada”.

Mowlabocus (2010), em consonância, defende que a indústria pornográfica gay deslocou os antigos estereótipos do cinema que retratavam o desejo homossexual encarnado em um corpo masculino efeminado e frágil. Para ele, um dos resultados positivos da pornografia gay foi produzir uma imagem viril e desejável da homossexualidade.

De maneira crítica, este autor nota que, em especial no contexto do surgimento do HIV, essa imagem foi paulatinamente encapsulada pelos discursos médicos de autovigilância sobre a saúde e o corpo. Mesmo assim, Mowlabocus vê na relação com a pornografia gay um saldo positivo: a indústria acabou produzindo um espaço simbólico e um repertório em que os gays, o desejo homossexual e o sexo entre dois homens pudessem ser retratados e vistos de maneira desejável²².

Dito isto, é possível sugerir que as posições que antes eram encarnadas pela figura do michê e do cliente, tal como no universo abordado por Perlongher, foram transpostas para os aplicativos esfumando os limites entre as duas posições de maneira inimaginável para o *cruising* dos anos 1980. Somado a isso, o discurso da pornografia gay disseminado com as mídias, assim com a proliferação das câmeras, estenderam não apenas a estética e o ideário do

²² A síntese apresentada acima foi o resultado de um encontro dxs alunxs do Quereres com o Professor Dr. Sharif Mowlabocus durante o II Seminário Internacional Gênero, Sexualidade e Mídia, organizado pela Professora Dr.^a Larissa Pelúcio, em outubro de 2013, na UNESP de Bauru

mercado do sexo para o écran, mas também permitiram que nos víssemos a partir das suas lentes.

Os aplicativos intensificaram as redes “invisíveis” e, conseqüentemente, a tecnologia desdobrou o segredo, tornando viável o estabelecimento de conexões entre pessoas que não se conheceriam no contexto segregacionista do espaço urbano. Por outro lado, energizaram, também, o antigo *script* da “entrevista” descrita por Perlongher. Agora, as fotografias antecipam as perguntas sobre a estrutura corporal e o tamanho do pênis como anúncios *on-line*. Daí o aspecto de “mercado livre”²³ mencionado pela descrição do perfil com que iniciei a explanação.

A personificação da masculinidade na imagem de um homem ativo na relação sexual nos perfis é, quase sempre, expressa mediante a sinédoque do “pau”, cujas imagens, por questões legais, ficam reservadas ao álbum privado e dependem da liberação do proprietário para o acesso. Em algumas ocasiões, a ênfase em posições sexuais predefinidas entre “ativo”, “passivo” e “versátil”, assim com o tamanho do pênis, antecipam as descrições subjetivas textualizadas e se (con)fundem, em termos simbólicos, com a personalidade.

“DE INÍCIO PROCURO CARA PASSIVO, QUE NÃO SEJA MAIS VELHO QUE EU, QUE SEJA INTELIGENTE, QUE SEJA HOMEM, CURTA BEIJAR, LEVAR LÍNGUA NO RABO, FAZER 69 E DAR GOSTOSO PRA MIM. O QUE VIER ALÉM, NÓS VAMOS TRABALHANDO. OUTRO DETALHE, NÃO SOU O TIPO DE BELEZA *MALHAÇÃO*. SOU EXÓTICO E TENHO CONSCIÊNCIA DISSO. TAMBÉM TENHO CONTEÚDO. NÃO TENHO SÓ PAU PRA OFERECER. SEI CONVERSAR. SOU INTELIGENTE E SEI SEMPRE O QUE QUERO, ENTÃO SE VOCÊ BUSCA UMA PESSOA DIFERENTE DO QUE QUERO, ENTÃO, SE VOCÊ BUSCA UMA PESSOA DIFERENTE DO QUE MENCIONEI AQUI, NÃO PERCA SEU TEMPO NEM O MEU”.

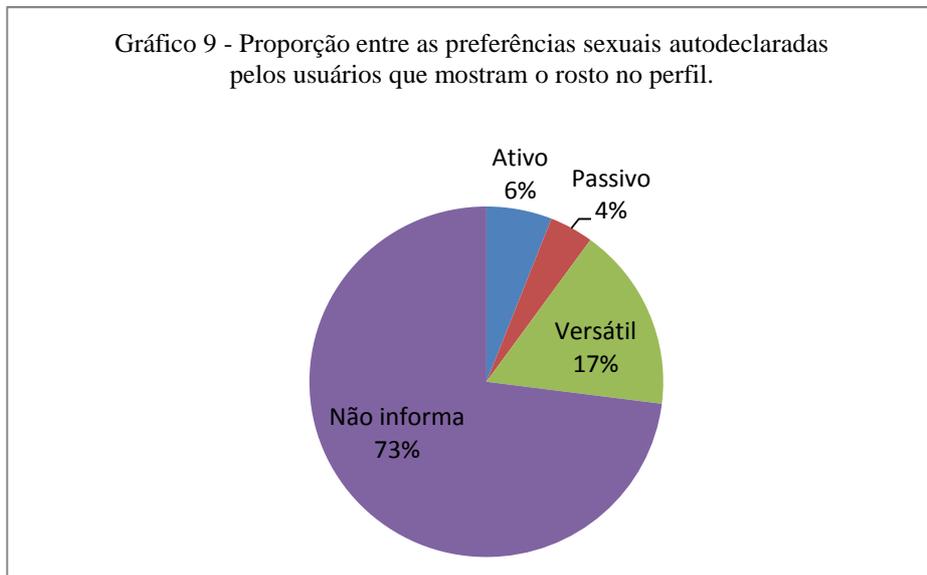
5km, 31 anos

Entretanto, nem todos os usuários se classificam ou se anunciam dessa maneira. Inclusive, existem aqueles que, como vimos no começo, questionam essas definições. E mesmo quando expressam textualmente as preferências sexuais no perfil, inclusive, é possível que sejam críticos a elas. Como assinalam Miskolci e Pelúcio (2008, p. 12), a diferenciação entre “ativos” e “passivos” se mantém em continuidade com os ideais heteronormativos na medida em que toma penetração – ideal canônico da reprodução – como definidora.

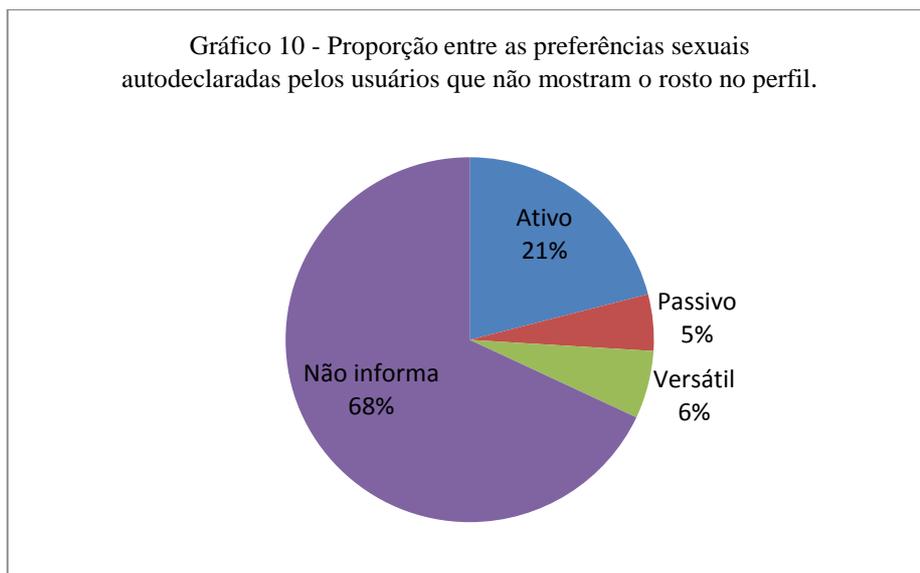
Considerando esse conjunto de questões teóricas e empíricas de maneira articulada, apresento, a seguir, os gráficos com as proporções entre as preferências sexuais

²³ O mercadolivres.com é um dos sites de vendas *on-line* mais populares entre o público brasileiro.

autodeclaradas pelos usuários nos perfis dos aplicativos, segundo a divisão entre aqueles que mostram e aqueles que ocultam o rosto nos perfis.



Fonte: Coleta de dados por Felipe Padilha



Fonte: Coleta de dados por Felipe Padilha

Analisando os gráficos, é possível perceber algo mencionado na fala de Mauro, um dos interlocutores que citei na introdução. Segundo ele, nos aplicativos e na internet, “a grande maioria mente” ou “tem vergonha de dizer que é passivo”. Se tomarmos os números da amostra em uma perspectiva comparativa, é notável que a maior parte dos usuários circunscritos em ambos os grupos não declara textualmente no perfil a preferência sexual.

No entanto, entre aqueles que ocultam o rosto nas imagens, 21% se declaram ativos, enquanto, entre os que mostram a face, o número de ativos e passivos se mantém próximos na

contagem somando, respectivamente, 4% e 6%. Já entre os que mostram o rosto, o maior número de usuários que declara a preferência sexual se apresenta como “versátil”.

Seria a fórmula apresentada por Mauro – o interlocutor da introdução – plausível? Ou seja, entre aqueles que não informam e os que se descrevem como “versáteis” estariam os homens que, de alguma maneira, tomam a passividade sexual como motivo de vergonha ou estigma?

Rogério, um dos interlocutores cuja narrativa guia o próximo capítulo, comentando sobre suas primeiras experiências sexuais, nos aponta algumas questões que podem fornecer pistas para pensar nesse sentido. Enquanto conversávamos sobre os aplicativos, a busca pela internet e as possibilidades de encontro, ele disse:

– Eu tive uma relação com um cara durante pouco tempo. Mas ele também tinha problemas com a sexualidade. Eu comi o cu do cara e ele acha que é hétero e só pegava cara às vezes. Eu fiquei encaçado pensando se ele era bissexual. Se não tinha se assumido ainda... E ainda tinha outra, eu tinha uma chaga que eu não conseguia ser passivo. Eu sentia dor na hora. Eu não sabia com meu corpo como era essa dança. Como você dá o cu? É toda uma dinâmica e você tem que aprender, não é pra qualquer um. Hoje em dia, depois dessa relação, eu aprendi a me sentir melhor e tal. Ninguém se sente bem a primeira vez, mas com gay é mais complicado. Não é o que as pessoas esperam de você. Eu pensava em sexo anal e rejeitava, tinha nojo, o cu, sei lá, não é uma coisa que se celebra. Eu pensava em merda e tal. Mas gostava de beijar. Era bobeira, né. Depois que eu rompi isso eu mudei bastante. Descobri variedades de prazer. *(Entrevistado Rogério – 24 anos)*.

A fala de Rogério começa apontando a separação bastante comum, entre os homens com quem mantive contato e em especial entre aqueles que buscavam relações em segredo: a separação entre sexualidade, afeto e intimidade. Segundo as convenções do sexo impessoal, a coincidência afortunada entre os três aspectos, quando ocorre, é vista como um acaso e uma jogada de sorte. A busca por relações em segredo tende, sobretudo, a acentuar o caráter momentâneo e efêmero dessas relações, dificultando envolvimento mais duradouros.

Durante a pesquisa, não foram raras as ocasiões em que encontrei pessoas com quem havia conversado pessoalmente ou a partir dos aplicativos, algumas, inclusive, com quem eu havia gravado entrevistas, e que me ignoraram ou agiram como se não me conhecessem em espaços públicos. As encenações de “desconhecimento” ocorreram, principalmente, nas ocasiões em que esses homens estavam com amigos ou com familiares.

Essa dinâmica não é exatamente própria das interações digitalmente mediadas, mas aparece como uma convenção anterior e implícita entre homens na busca por sexo impessoal. Por outro lado, a impessoalidade também resulta em uma barreira para a constituição de vínculos afetivos e duradouros. Daí as menções ao desejo por “alguém legal”, “sério”, “para namorar” que figuram em muitos perfis.

A escassez de relações resulta na constatação da “inexperiência” e, conseqüentemente, nas dificuldades percebidas por Rogério e nas conseqüências derivadas disso: “a primeira vez não é fácil, mas com gay é mais complicado”. As pessoas esperam que as outras sejam, sempre, heterossexuais. Qualquer forma, desejo, gesto ou vocabulário que contrarie esta fórmula tende a ser questionado e silenciado. O conceito de heteronormatividade sinaliza justamente as expectativas, as demandas e as obrigações sociais que decorrem do pressuposto da heterossexualidade como natural. Miskolci (2009, p.156-157) resume o conceito como:

[...] um conjunto de prescrições que fundamenta processos sociais de regulação e controle, até mesmo para aqueles que não se relacionam com pessoas do sexo oposto. Assim, ela não se refere apenas aos sujeitos legítimos e normalizados, mas é uma denominação contemporânea para o dispositivo histórico da sexualidade que evidencia seu objetivo: formar todos para serem heterossexuais ou organizarem suas vidas a partir do modelo supostamente coerente, superior e “natural” da heterossexualidade.

Beatriz Preciado (2009, p. 136) nos explica que “o ânus vedado é o preço que o corpo paga ao regime heterossexual pelo privilégio de sua masculinidade”. Assim como a vagina que não procria, todos os órgãos e tecnopróteses que não servem ao regime heterossexual são excluídos da matriz e convertidos em abjetos. Daí a célebre frase proferida por Monique Wittig: “as lésbicas não têm vagina”. A ideologia que associa o ânus como órgão sujo, responsável pela excrecência e do qual só podemos esperar merda, suscita um “imbróglgio de signos, sistemas de comunicação, técnicas coercitivas, ortopedias sociais e estilos corporais” (PRECIADO, 2009, p. 140).

Sobretudo para aquelas pessoas que aprenderam desde cedo a ver que seus desejos são sinônimos de perversão, vergonha e enfermidade. Romper este muro e celebrar o cu é um movimento que, como nos mostra Rogério, exige uma reflexão a respeito dos termos que nomeiam e limitam o prazer e as restrições impostas pelas associações entre homossexualidade e a sujeira.

O beijo de que ele nos fala prefigura como um privilégio das relações heterossexuais e funciona como índice da afetividade. Talvez por isso ainda seja comum que alguns usuários perguntem “você beija?” ou, então, que de maneira antecipada avisem: “não curto beijar”. O beijo pode mais do que converter um sapo em príncipe. Na fantasia heteronormativa, o beijo

na boca, expressão de afeto exclusivamente resguardada aos heterossexuais, pode converter um homem em “homossexual”.

Até aqui, apresentei os dados etnográficos articulados aos dados quantitativos e às análises teóricas. Minha intenção, com isso, foi a de delinear, em termos mais gerais, o universo dos interlocutores com quem dialoguei e as questões teóricas e empíricas que nortearam a investigação. No entanto, meu argumento enlaça os privilégios concedidos à heterossexualidade ao segredo como uma estratégia de sobrevivência social em um contexto heterossexista e heteronormativo que não oferece condições de reconhecimento às expressões públicas da homossexualidade. Creio que, para tornar visível o modo como essas estratégias são empregadas nos contextos vividos, seja necessário retomar as narrativas de si elaboradas por quatro dos interlocutores com quem mantive maior proximidade. Espero, com isso, evidenciar o modo como esses privilégios são encarados no cotidiano e em diferentes fases da vida dos sujeitos. Nas filigranas das narrativas individuais, revela-se o circuito que coloca o segredo como o centro do negócio.

4 O DESEJO DA METRÓPOLE: SOBRE COMO DAR CONTA DE SI MESMO

A hipótese central em torno da qual se organiza esta pesquisa sugere que o “trabalho” e a “família” constituem pontos de tensionamentos nas vidas destes homens. A seguir, apresento as narrativas dos quatro interlocutores com quem mantive maior proximidade durante o trabalho de campo. Visando manter a coerência interna das falas e também com a intenção de oferecer uma descrição coesa de cada biografia, optei por não separá-las, mas por apresentá-las organizadas de maneira cronológica tal como cada um desses homens reflete sobre seu próprio percurso de vida.

Meu propósito em apresentá-las dessa maneira é o tomar os elementos em questão de maneira articulada. Stuart Hall (2010) sugere que a teoria da articulação permite visualizar como os elementos ideológicos, em certas condições, ganham coerência dentro do discurso, comportando, ao mesmo tempo, questionamentos sobre a forma como determinados elementos se articulam ou não em conjunturas específicas.

A teoria da articulação se pergunta como uma ideologia descobre seu sujeito, antes de perguntar como o sujeito pensa os necessários e inevitáveis pensamentos que pertencem a ela. A teoria nos permite pensar como uma ideologia nos *empodera* nos capacitando para começar a fazer algum sentido ou inteligibilidade de sua situação histórica, sem reduzir essas formas de inteligibilidade a uma ligação sócio-econômica ou de classe ou a sua posição social (HALL, 2010, p.85-86, grifos do autor).

Estas histórias de vida tomadas a partir do trabalho de campo podem servir como “percurso modelares dos sujeitos” (PERLONGHER, 2008, p. 181) que se veem enredados por um contexto heterossexista e homofóbico. Elas não pretendem, em nenhum momento, funcionar de maneira “representativa” no sentido estatístico, mas como índices para o conjunto de tensões que percorre as redes relacionais que articulam o universo do trabalho e o familiar. Essas tensões resultam, com frequência, na estratégia do afastamento como uma possibilidade de manter estabilizado tanto a possibilidade de conflito quanto os vínculos afetivos.

Vistas desta perspectiva, as explanações apresentadas a seguir podem ser situadas como “narrativas do eu” (HALL, 2006; CONNELL, 2003) que pensam sobre a identidade e o seu caráter indissociável dos projetos e da própria política de gênero. Em diferentes níveis, cada um dos interlocutores expõe suas próprias estratégias para lidar com as normas e ideologias que os cercam e que, por vezes, os sufocam. Em diálogo com Butler (2009), entendo que estas reflexões não podem ser dissociadas do contexto político e moral no qual

são forjadas, pois elas expressam justamente o caráter relacional de cada vida. No limite, elas podem ser compreendidas como tentativas de “dar conta de si mesmo”.

Cleber

Cleber nasceu em Araraquara e atualmente tem 34 anos. Ele foi uma das primeiras pessoas que se dispuseram a colaborar comigo na pesquisa. Nossa primeira conversa gravada se iniciou pela sua reflexão sobre “como se descobriu gay”. Segundo ele, esse era um ponto importante pelo qual poderia começar.

Ele conta que cresceu em uma família grande e passou boa parte da infância na companhia de suas primas, com quem se sentia mais “seguro”, inclusive diante das possibilidades de ataques vindos daqueles meninos que tratavam com truculência os garotos efeminados.

Aos 16 anos, Cleber teve o seu primeiro envolvimento com outro homem. Na ocasião, por conta das provas escolares, ele conta que pediu a ajuda de um colega mais velho e “rolou aquele negócio. A gente estava estudando e daí começamos a encostar a perna, trocar uns olhares e foi”.

Tempos depois, Cleber veio a descobrir que seu colega mantinha uma relação com outro homem, um pouco mais velho do que eles, com cerca de 30 anos de idade. Ele diz que, por todo o contexto, sua primeira experiência resultou em um imenso sentimento de culpa que o moveu a procurar os conselhos de sua irmã mais velha. Do seu ponto de vista, ainda na infância sua irmã “sacava alguns trejeitos”. Para ele, “quando a gente é criança e é mais efeminadinho, algumas pessoas veem isso e já sabem que aquelas pessoas quando crescer vão ser gays”.

Ao contar para ela o que havia se passado com o colega de escola, ele ouviu como resposta que não era gay e que aquilo só havia acontecido por conta de más companhias com quem estava envolvido, sugerindo que seria melhor para ele se afastar dessa pessoa. Seguindo o conselho da irmã, Cleber, embora apaixonado, optou por interromper as relações com seu colega.

Refletindo sobre o ocorrido, Cleber avalia que em 1995 as coisas se passavam de maneira diferente dos dias de hoje: “imagina, hoje está tudo super aberto, a gente pode falar sobre qualquer coisa, ninguém mais tem vergonha de falar sobre sexo, tem um monte de gente assumida, naquela época não era assim. Era diferente, a gente tinha vergonha”.

Ele se recorda que, mesmo estando “tremendamente apaixonado” pelo amigo de quem havia se afastado, ainda permanecia a sensação de que era “diferente”. Diz ele, “eu comecei a sacar que não tinha jeito, que eu era gay mesmo e ponto”. Foi nesse período, já no final da adolescência, que Cleber diz que começou a refletir e chegou à conclusão de que “precisava sair de Araraquara de qualquer jeito e me afastar da minha família”.

Aos 18 anos, após ter concluído o ensino médio, ele dedicou-se a traçar uma estratégia que permitisse conciliar o interesse em cursar uma graduação e o desejo de sair de casa. Foi assim que, após o ingresso no vestibular, ele se mudou para Jaú, no interior de São Paulo. Vivendo em outra cidade, Cleber conta que pôde viver experiências que não seriam possíveis morando na mesma cidade que a sua família.

A irmã, depois de alguns anos, aceitou o fato de Cleber ser gay e passou a partilhar o segredo com o irmão. Nessa época, além da irmã, apenas alguns amigos muito próximos sabiam. Diferente do que se passava em Jaú, cidade em que Cleber conseguia viver no contexto do anonimato urbano uma vida publicamente gay.

No entanto, ao concluir o curso de graduação, ele já não se sentia feliz vivendo nesta cidade. Por Jaú ser também uma cidade pequena, depois de algum tempo instalado e com relações estabelecidas, ele diz que passou a perceber que lá também era um lugar em que teria que enfrentar o preconceito das pessoas e o falatório do mesmo modo como aconteceria vivendo com seus pais. Foi assim que ele planejou sua mudança: “eu comecei novamente a pensar que eu tinha que mudar para uma cidade maior e que teria que ser São Paulo ou Rio de Janeiro”.

Tendo em vista uma oportunidade de trabalho na Marinha, Cleber prestou o concurso e foi aprovado. Ele lembra sobre sua empolgação e comenta que “todo mundo queria ir pra marinha porque lá tem muito homem bonito. Imagine, eu prestei o concurso e passei em segundo lugar. Fiquei seis meses lá. Eu tinha 21 anos, bonitinho, magrinho, tudo durinho, então imagina...”. Além disso, o Rio de Janeiro brilhava aos seus olhos como “o berço dos gays”.

Vivendo no Rio, Cleber conta que experimentou o desbunde. “Lá eu fui conhecer todas as saunas, os inferninhos e as boates. E como eu era novo todo mundo queria ficar comigo, mas depois que você fica velho a coisa muda”. Questionado sobre ser velho, ele ironiza: “veja bem, atualmente, tendo em vista o padrão UFSCar, eu já sou velho”.

Foi numa dessas saunas cariocas que ele conheceu Jonas, um homem de 33 anos, com quem se envolveu e viveu junto por alguns anos.

– A gente se conheceu na pegação, ficamos na cabine e foi bem legal, então, naquele dia, ele me deu carona, e na época eu já tinha um telefone celular, daqueles grandões, e eu passei meu número. Desde aquele dia a gente não parou mais de se falar. Quando percebemos, a gente já estava namorando e morando junto.

Nessa época, o contrato na Marinha havia sido encerrado e Cleber passou a trabalhar numa loja em um shopping da cidade. Jonas, por outro lado, trabalhava na prefeitura de Niterói, onde arranjou uma vaga provisória para que Cleber abandonasse o emprego na loja.

Além da chance de um emprego com um melhor salário, Cleber também recebeu de Jonas a proposta de “oficializar” a relação que mantinham. Assim, ele deixou o seu apartamento e passou definitivamente a morar junto com o companheiro. Refletindo, ele diz que hoje pode perceber que toda a jogada do companheiro tinha como objetivo principal prendê-lo em uma redoma. Vivendo sob o mesmo teto, ele conta que pôde experimentar como era viver “livre” em um ambiente “mais liberal”. Jonas, seu companheiro, já havia tido um relacionamento breve com uma mulher com quem tinha um filho e com quem Cleber possuía bastante afinidade. A relação entre Jonas e a ex-mulher também é descrita como bastante saudável em termos de cumplicidade, afeto e amizade. “Eles se davam super bem, eram bastante amigos e ela sabia tudo da vida dele”.

Com o passar do tempo, com a relação estabilizada, ele conta que “resolvemos começar a experimentar umas coisas diferentes, voltamos a transar a três e a frequentar as saunas”. Entre o casal, a camisinha foi abolida, sendo requisitada apenas para relações com outras pessoas. Mesmo sabendo que seu companheiro já havia contraído hepatite, Cleber diz não ter se importado, pois, na época, “achava que era tranquilo e que todo mundo já tinha tido alguma coisa”.

No ano de 2002, Jonas passou do uso recreativo da cocaína ao uso intensivo da droga e isso estremeceu a relação. Nesse mesmo período, Cleber conta que algumas verrugas que apareceram em seu pênis começaram a gerar um certo incômodo, o que o levou a procurar ajuda médica em um Posto de Saúde perto de onde morava.

Mais uma vez, Jonas, como funcionário da prefeitura, acabou conseguindo a consulta mediante alguns contatos com amigos servidores. Nesse dia, segundo ele, a médica fez várias perguntas, dentre as quais a maioria se referia à sua vida sexual. Depois de responder a todas, ainda na consulta, alguns exames foram realizados e ele recebeu o diagnóstico de um condiloma que provavelmente poderia ser um dos sintomas decorrentes da baixa imunidade.

No entanto, outros exames deveriam ser realizados para identificar as razões da queda imunológica. Cleber diz:

– Naquele dia eu já fiquei com medo. Sai da sala da médica chorando e fui pra casa. Eu já pensava na possibilidade de ter contraído o HIV. Chegando em casa fui checar os remédios que o meu namorado tomava mas, quando eu li as embalagens não entendi muito bem. Imediatamente tive a ideia de procurar na internet e eu descobri que eram antirretrovirais. Ele era soropositivo e sabia.

Ainda naquele ano de 2003, Cleber refez os exames e recebeu a confirmação de que, assim com Jonas, também era soropositivo. Passado o calor das emoções, ele descobriu que o namorado sabia que havia contraído o vírus desde 1997. Segundo Jonas, o medo de Cleber abandoná-lo por conta do HIV fez com que ele fosse protelando a ideia de revelar para o parceiro sua condição sorológica.

Algum tempo depois, Cleber descobriu que a maioria das pessoas que integrava o círculo de amigos do casal sabia da condição sorológica do seu companheiro. Inclusive, alguns amigos já o haviam pressionado para que contasse, mas optaram por respeitar a decisão de Jonas. O resultado da sorologia abalou profundamente a relação dos dois até o ponto em que se tornou insustentável.

Cleber diz que, na ocasião, chegou a procurar um advogado para processar legalmente Jonas, mas que desistiu logo em seguida. De outro modo, acionando alguns amigos da época da faculdade em Jaú e que estavam morando no Rio, Cleber conseguiu uma vaga em uma empresa há pouco tempo inaugurada. Ainda que com um salário menor, com a estabilidade financeira garantida, ele pôde se afastar definitivamente de Jonas.

No entanto, nesse mesmo período, o seu estado de saúde se agravou o deixando bastante fragilizado ao ponto de necessitar da ajuda familiar. Acamado, sua irmã se solidarizou e foi para o Rio acompanhá-lo até que estivesse reestabelecido e pudesse retomar as suas atividades. A solidariedade da irmã foi fundamental para reaproximação e para o fortalecimento dos vínculos entre os dois e entre ele e a família, de quem havia paulatinamente se afastado. Sendo enfermeira, sua irmã pôde contribuir, sobretudo, com instruções e no estabelecimento de contatos em busca de um melhor tratamento.

Com seu estado de saúde se agravando progressivamente, Cleber resolveu aceitar a sugestão da irmã, voltando para Araraquara, onde poderia receber melhores cuidados. Mediante o pacto de sigilo sobre o HIV, ambos retornaram à cidade, onde ele permaneceu por um mês e meio, tempo suficiente para que sua saúde se reestabelece.

Em retrospectiva, refletindo sobre o ocorrido, Cleber conta que pensava constantemente nas imagens negativas da doença. Artistas como Cazuzu, Renato Russo,

Lauro Corona e Sandra Bréa são mencionados por ele como imagens fantasmáticas que lhe vinham à mente quando pensava na doença.

– Eu acho que eu via essas pessoas famosas e eu tinha tanto medo de ficar magro, de ficar raquítico e de morrer que isso acabou refletindo na minha obsessão por exercícios e por estar sempre em forma e saudável.

Cleber pode ser descrito como alguém bastante dedicado ao cuidado com a sua saúde e o corpo. Diariamente, ele pratica exercícios físicos e segue à risca o tratamento com o coquetel de antirretrovirais. Ele explica que isso só foi possível agora, pois no começo os diversos efeitos colaterais o deixavam bastante limitado e indisposto.

Assim que passou a se sentir melhor, Cleber retornou ao Rio de Janeiro para reassumir suas funções no trabalho do qual havia se afastado. Nessa ocasião, a empresa dispunha de uma vaga em Belém do Pará e ele prontamente aceitou a oferta e foi morar na nova cidade, onde viveu por um ano.

Depois desse período, ele voltou para o Rio de Janeiro, onde passou a trabalhar em uma ONG voltada às questões sexuais e reprodutivas, na qual trabalhava no aconselhamento de pessoas que haviam acabado de receber o diagnóstico positivo para o HIV. Nessa época, seu pai recebeu um diagnóstico de Alzheimer.

Mesmo trabalhando com portadores do vírus HIV e, portanto, em permanente contato com os tabus que cercam a doença, Cleber diz que, nesse período, embora ficasse eventualmente com outras pessoas, ainda não conseguia manter nenhuma relação estável. “Me causava uma dor muito grande pensar em como contaria para a pessoa que tivesse comigo. Eu não conseguia namorar com ninguém com medo de ser rejeitado”.

Por sua experiência, Cleber diz que “quando as pessoas se conhecem fora da pegação, o negócio fica assim meio sério”. Embora considere que desde que foi diagnosticado com HIV “a mentalidade sobre a doença mudou muito”, até os dias de hoje, para ele, “contar a verdade é um passo” que acena para a possibilidade de relações mais engajadas e duradouras.

Ainda vivendo no Rio, Cleber se aproximou do espiritismo, doutrina que pratica até hoje. Frequentando o Centro, ele conta que passou a trabalhar com doentes terminais com diagnósticos de câncer e HIV. Para ele, esta experiência foi positiva tanto em termos espirituais quanto para ajudá-lo a superar os estigmas que convencionalmente ainda associava à doença.

No entanto, em meados de 2008, sua situação financeira começou a se complicar. Longe da família e vivendo sozinho na Lapa, ele conta que passou por vários momentos de

dificuldade e de superação. Diante das condições difíceis, nesse mesmo ano, optou por voltar a viver em Araraquara, cidade com custo de vida mais baixo, que lhe permitiria ter melhores condições de vida.

Assim, ele se mudou novamente para a cidade dos pais, dessa vez vivendo só e trabalhando em uma empresa local. No período entre 2008 e 2012, ele conta que passou a ajudar no cuidado com o pai e que “morando em Araraquara o dinheiro sobrava, então, eu consegui conquistar muita coisa. Comprei carro, comprei moto, um apartamento, fiz viagens e a doença nunca foi empecilho”. No entanto, refletindo sobre o aspecto afetivo, ele diz que

– Quando eu conhecia alguém que eu achava legal, bacana, por quem eu me interessava, eu acabava contando. E nesse período, com a doença do meu pai avançando, muita gente da minha família já sabia que eu era gay e soropositivo, eu cortava as possibilidades de relação que pintavam por medo da rejeição mesmo.

Em 2011, Cleber passou a traçar novos planos e ingressou novamente na universidade, desta vez na UFSCar. No ano seguinte, ele conta que conheceu um rapaz pelo Disponível.com com quem acabou se envolvendo e, mais uma vez, se viu às expensas com o dilema de contar ou não para o parceiro sobre o HIV.

– Eu pensei: tenho que contar! Um dia cheguei pra ele e falei, então, a gente tem que conversar e tal, e eu sou soropositivo. Ele olhou pra mim e disse: ai que bom, porque eu também sou. Então até que foi legal. No caso dele, ele tinha acabado de ficar sabendo que tinha HIV.

Segundo Cleber, seu parceiro não sabia como tinha contraído o vírus, mas que atribuía a contaminação às festas de *bareback* – sexo sem camisinha – das quais participava. Os dilemas e as inseguranças que cercavam a decisão de contar ou não para o parceiro são resumidos por Cleber da seguinte maneira: “Contar é um direito meu, mas se prevenir é um dever da pessoa”. No entanto, em consonância com os ideais do espiritismo, praticar sexo sem camisinha sem o consentimento do parceiro sobre os riscos em jogo, para ele, gera questionamentos de ordem espiritual.

Cleber não trata o fato de ser soropositivo como algo a ser ocultado a todo custo. Atualmente, ele considera que se trata de uma questão de gestão: “simplesmente algumas pessoas não precisam saber”. Daí a postura com certas reservas, pois o seu temor é que a informação se volte contra ele de maneira “destrutiva” como um “estigma” que o coloque frente a frente com a rejeição e o desprezo.

Ele diz que nutre o desejo de criar um *blog* para contar a sua história e compartilhar com as outras pessoas como é o dia a dia de uma pessoa portadora do HIV. Isso lhe daria a chance de servir de exemplo para as outras pessoas.

Cleber menciona, também, solidão como um efeito da sua dificuldade em estabelecer relações duradouras. Sobre a rotatividade de parceiros e a impessoalidade dos encontros, ele diz:

– Na pegação é sempre aquilo: você conhece alguém, acha legal, transa com a pessoa e acabou. Cada um pega as suas coisas e segue pro seu lado. Essas relações de sexo só são importantes enquanto existe o sexo. Por exemplo, semana passada eu não queria sexo mas queria sair pra jantar e meus amigos daqui tinham viajado. Então mandei uma mensagem pra um amigo de foda e ele me disse: poxa, acabei de jantar, mas se fosse pra ir até à sua casa transar com você eu iria.

Vivendo sozinho em São Carlos, ele conta que saía com diversos parceiros que conhecia pelos aplicativos. Inclusive, ele comenta que tem a impressão de que:

– Mesmo aqui no interior a forma das pessoas se relacionarem mudou muito. Hoje em dia tem gente procurando sexo a três, relações abertas, toleram que os parceiros frequentem saunas, me parece que todo mundo tem isso muito claro. E ninguém vê isso como traição. Também tem muito mais opção do que eu tinha na minha época.

Meu primeiro contato com Cleber foi em julho de 2013. Desde então, mantivemos contatos constantes. Há aproximadamente seis meses, ele começou um relacionamento com um rapaz que conheceu pelo aplicativo. O quadro de saúde de seu pai, com Alzheimer, se agravou bastante desde então. Com frequência, ele se divide entre os cuidados com o pai em Araraquara e o seu trabalho em São Carlos. Em dezembro de 2014, ele concluiu o curso de graduação na UFSCar e, em parceria com o namorado, com quem passou a viver junto, tem investido em uma pequena confecção de roupas.

Marcos

Meu primeiro contato com Marcos aconteceu no dia pouco antes da primavera de 2013, através do Grindr®. Depois de alguns dias conversando, trocamos nossos números de Whatsapp®. O horário da primeira mensagem trocada, 06h40min, denunciaria algumas das demandas de sua profissão. Seu trabalho como professor exigia um intenso deslocamento entre algumas cidades da região, além do tempo despendido no trabalho, por isso ele preferia responder as mensagens acumuladas assim que acordava pela manhã, bem cedo. Depois do nosso primeiro contato, descobri que já havíamos conversado em outro aplicativo e que eu

não havia elaborado a ligação em meio ao fluxo intenso de mensagens emitidas por diferentes interlocutores.

Marcos prefere procurar por sexo impessoal em locais “mais reservados”, como saunas e, eventualmente, em banheiros públicos. Segundo ele, o contexto anônimo da internet representa um alto risco, já que “até um determinado momento não se sabe com quem está teclando”. Ser descoberto “caçando”, como considera, poderia gerar “problemas maiores no trabalho”, especialmente naqueles contextos em que ele tem que lidar com crianças.

Ele se descreve como uma pessoa que “mantêm a jovialidade de seu espírito. Eu digo a minha verdadeira idade numa boa. Eu acho que sou meio criança e lidar com adolescentes ajuda um pouco”. Atualmente, Marcos tem 35 anos e apresenta-se nos aplicativos como um tipo “discreto” e afirma em seu perfil não ser “assumido publicamente”. Ele possui traços orientais, pele clara, cabelos e olhos pretos, cerca de 1,80m de altura, rosto ovalado, cabelos curtos e possui músculos definidos à custa de dietas e academia.

Sua família, de origem nipônica, é natural de São Carlos. Ele faz parte da terceira geração de um grupo considerado tradicional e reconhecidamente bem estabelecido financeiramente na cidade. Embora não dependa financeiramente de nenhuma ajuda familiar, a proximidade geográfica com a família, para ele, justifica a “discrição” devido ao fato de serem pessoas muito conhecidas na cidade.

Depois de um mês conversando pelo Whatsapp®, marcamos um encontro num sábado por volta das 18 horas. Eu não o conhecia pessoalmente até então, nem sequer tinha visto seu rosto. Marcos veio me apanhar em casa e, depois de cerca de uma hora conversando pela rua, fui convidado para conhecer sua casa. Ele não havia mentido, ao chegarmos, vi que o local era o mesmo que ele havia informado na nossa conversa pelo aplicativo.

Atualmente, Marcos vive em um apartamento localizado em um bairro um pouco afastado do centro e equipado com dois dormitórios, um dos quais usa como escritório, sala, cozinha, banheiro e área de serviço. A decoração da casa denunciava as predileções de Marcos por personagens de animes e mangás em meio à coleção de peças do filme “O Senhor dos Anéis”, pelo qual é obcecado: “eu amo Tolkien”, dizia ele.

Sua criatividade é perceptível pelo modo como ocupa o espaço de maneira harmônica e elegante alternando as cores preto e branco. Segundo ele, “as dicas de uma amiga arquiteta foram valiosas na hora de montar o apartamento”. A movelaria modulada denota o investimento financeiro feito por ele.

Em seu quarto, uma cama ocupava o centro e, cercada por uma mobília destacadamente assimétrica, prontamente remetia à imagem do tradicional quarto do casal

heterossexual, mas faltando uma das metades. Depois de algumas horas de conversa, Marcos revelaria o motivo da decoração: ele havia se separado há pouco tempo do companheiro de maneira dramática.

Para “não se expor”, Marcos com certa frequência procurava por parceiros pela internet em outras cidades da região e, por vezes, frequentava as saunas em cidades como Ribeirão Preto e Piracicaba. Ele conta que “sempre foi assim que fez para sair com outros caras”.

Foi em uma dessas idas à sauna que ele conheceu seu último companheiro. Hugo, como o chamarei, tinha cerca de 30 anos de idade e era, nas palavras de Marcos, “um homem másculo, com cara de homem, gostoso, com um tipo bem machão, com rosto bem desenhado, pele branca, alto e com um corpo incrível”.

Na época em que se conheceram, Hugo passava por uma crise financeira. Apesar de ter cumprido boa parte das disciplinas da faculdade, ele não havia conseguido receber seu diploma por falta de dinheiro para pagar as mensalidades pendentes na instituição privada onde cursava administração de empresas, em Ribeirão Preto. Hugo residia nessa mesma cidade com sua mãe e seus irmãos e irmãs.

Envolvido nessa relação, entre encontros e desencontros, depois de seis meses juntos, Marcos resolveu unir-se ao companheiro convidando-o para morarem juntos, muito embora isso não tenha implicado em assumir a relação para sua família. Ele também se propôs a quitar a dívida da faculdade do companheiro sob a promessa de que Hugo o pagaria assim que conseguisse se reestabelecer.

Marcos alugou o apartamento recém-adquirido por uma sobrinha que havia conseguido um emprego na capital e deixaria a cidade. Com o imóvel em mãos e as possibilidades financeiras de seu companheiro muito restritas, ele passou a arcar com todos os custos da nova moradia do casal: “Desde as cortinas até os armários, cama, tudo...”.

Para honrar com as dívidas contraídas com a mudança, Marcos conta que começou a trabalhar mais, mantendo ocupada maior parte do seu dia. “Com a intenção de melhorar de vida”, ele optou por ingressar em um curso noturno na UFSCar, visando alcançar uma possível promoção no trabalho. Desse modo, todos os dias, exceto finais de semana, ele ficava fora lecionando no período da manhã enquanto usava suas tardes livres para preparar aulas e estudar para as aulas na universidade à noite.

Segundo Marcos, com o passar do tempo, percebeu que seu companheiro permanecia “acomodado” e “vivendo à custa” do seu trabalho. No entanto, Hugo justificava dizendo que a dificuldade de arranjar trabalho era porque ele não possuía um meio de transporte próprio, o

que atrapalhava na busca do emprego. Entre os argumentos, estava o deslocamento, que consumia muito tempo e, por vezes, gerava atrasos, causando uma má impressão dele como profissional desde as entrevistas.

Marcos possui carro, mas esse era o seu meio de transporte para trabalhar e garantir a pontualidade em seus compromissos, na maioria das vezes em outras cidades. Assim, ambos chegaram à conclusão de que seria melhor financiar um carro para que Hugo pudesse cessar suas queixas. Assim o fizeram usando o crédito de Marcos, uma vez que o nome do companheiro estava comprometido com as dívidas em atraso na faculdade.

No entanto, o investimento foi sem sucesso, pois o emprego ainda não vinha. Certo dia, cheio de tarefas, como lhe era comum, Marcos passou o dia todo fora de casa. Então, segundo conta, ao cair da tarde, quando ia para as aulas da Universidade, recebeu uma ligação de Hugo perguntando se ele voltaria para a casa antes das 22 horas. Marcos respondeu-lhe que não voltaria, pois pretendia terminar seus afazeres e, logo em seguida, iria à aula na universidade. Entretanto, segundo Marcos, aquela ligação ficara martelando em sua cabeça. Então, ele resolveu, mediante a desculpa previamente planejada de que tinha esquecido um livro importante, voltar para o apartamento onde viviam e checar se estava “tudo bem”.

Chegando em casa, deparou-se com a sala vazia. “Esperando pelo pior”, ele foi até o quarto, onde encontrou Hugo, em sua cama, transando com outro rapaz, que conheceu naquela tarde pelo bate-papo. Marcos diz que já conhecia o rapaz em questão e, ainda atônito, saiu sem dizer sequer uma palavra, apenas batendo a porta e procurando um lugar em que pudesse se isolar.

Depois de ter desligado seu telefone, percebeu, ao religá-lo, que havia muitas ligações perdidas e um sem fim de mensagens recebidas. Era Hugo tentando explicar-se pela situação causada. Naquela noite, Marcos dormiu fora. Ele diz que procurou um hotel, pois estava com vergonha de assumir o fracasso da relação perante seus amigos e suas amigas mais íntimos que sabiam de tudo.

No dia seguinte, “com a cabeça mais fria”, resolveu voltar para sua casa, afinal, era imprescindível resolver aquela situação, que considerava “crítica”. No entanto, depois de algumas horas de conversa, o fato foi amenizado por Hugo sob a justificativa de que Marcos era consciente de suas “escapadas” e que, de um modo ou de outro, veladamente, aceitara isso. Essa passagem revela claramente as marcas da matriz heteronormativa nas relações homoeróticas, afinal, Hugo, já que ativo, se considerava o “homem da relação”, o que, de certo modo, lhe garantia os mesmos privilégios concedidos a todos os outros homens,

enquanto a Marcos, circunscrito ao “papel feminino”, cabia aceitar e lutar para que mantivessem a relação.

O saldo do conflito foi a separação e, no caso de Marcos, como ele mesmo pontua: “o meu saldo que foi parar no negativo”. Hugo, convicto de que era, por direito, possuidor de metade de tudo que havia sob o teto, recolheu sua parte nos bens, o que incluía desde a sua metade do simétrico quarto. Tudo foi encaçapado dentro do carro, agora de Hugo, que retornara à casa de sua mãe em Ribeirão.

Marcos conta que ficou desesperado frente à possibilidade de que o companheiro requeresse judicialmente a metade de todos os seus bens e, prontamente, acionou um advogado de sua confiança para que pudesse alegar perante à Justiça a inexistência de união estável.

Sob juízo, e depois de alguma demanda, ele conseguiu reaver o carro que havia financiado, mas jamais viu a cor do dinheiro que já havia sido investido. Segundo ele, Hugo nunca sequer havia abastecido o carro pagando o combustível com seu próprio dinheiro.

Refletindo sobre o ocorrido, Marcos assume que parte do preço que tinha pagado era presumível quando resolveu correr o risco de assumir uma relação às escondidas e com alguém que pouco conhecia. Mas que achou que a negociação valeria à pena na medida em que o “segredo” estivesse garantido, pois, para ele, sendo o companheiro “de fora”, haveria menores ricos em torno da exposição.

Seu segredo era garantido na medida em que, do ponto de vista público, Hugo havia saído da casa de sua mãe para, morando com um amigo, tentar a vida em São Carlos. De modo análogo, exceto para duas de suas sobrinhas e um irmão que, embora soubesse, jamais tocava no assunto, Marcos havia escolhido sair de casa para viver com mais privacidade, dividindo as despesas com um amigo de outra cidade. Dessa maneira, o negócio pareceu, à primeira vista, vantajoso para ambos.

Seus pais, segundo me contou, foram “poupados”, especialmente em virtude da alegada fragilidade física e emocional. Apreensivo pela idade bastante avançada de ambos, ele diz que teme, pois acha que “eles não aguentariam o baque”. Ele conta que as tentativas de convívio e interação social com sua família, quando acompanhado por Hugo, foram todas marcadas pela hostilidade de seu irmão e permeadas por brigas e desentendimentos. Também diz que seus “amigos bem que tentaram avisar, mas eu estava cego de paixão e nem dei bola”.

Marcos diz que, do ponto de vista de suas amigas mais íntimas, portanto, “as pessoas que sabiam de tudo”, o relacionamento desde sempre teve o “interesse” de Hugo como pano de fundo, já que era mais jovem e com menos recursos financeiros. Ele diz que em

todas as vezes que os amigos “tentaram alertar” com relação às supostas ambições do companheiro, lembra que respondeu de forma ríspida e que, por conta disso, mais de uma vez chegou a abandonar as baladas e mesas de bares em que estavam.

Situações desse tipo chegaram a níveis tão severos que, durante um certo período de tempo, Marcos afastou-se completamente do convívio familiar e dos amigos, limitando-se a fazer apenas visitas esporádicas aos pais em horários nos quais, estrategicamente, certificava-se de que seu irmão não estaria por lá.

Ao refletir sobre todo o processo de envolvimento e separação, Marcos emprega adjetivos como “revolução”, “bagunça” e “estardalhaço” para descrever os efeitos da presença de Hugo em sua vida. Depois de separados, Marcos progressivamente fortaleceu os laços com sua família. Desde então, ele não voltou a se relacionar de maneira estável com mais ninguém, mas ainda vai aos finais de semana para Ribeirão Preto, embora tema a possibilidade de encontrar seu ex.

Nas ultimas ocasiões em que nos encontramos e conversamos sobre sua vida, Marcos contou que atualmente voltou a se relacionar com maior proximidade com o irmão, mas que até hoje nunca mais tiveram a mesma intimidade. Ele diz que, depois de tudo, pôde se aproximar mais das sobrinhas, que ele julga compreenderem as coisas “com uma mente mais aberta”. Embora, em nosso último encontro, ele tenha mencionado o desejo por uma relação estável “ou algo como um namoro”, logo em seguida Marcos completou dizendo: “mas eu não quero saber de mais ninguém, ainda mais agora. Acho que isso não dá certo pra mim mesmo. É melhor continuar nas escapadas de sempre”.

Rogério

Rogério tem 24 anos de idade, é natural de Ariquemis, no Estado de Rondônia, e viveu lá até os nove anos de idade. Ele é filho de pai fazendeiro e mãe professora e, ainda criança, veio morar na cidade de São Carlos, no ano de 1998, para concluir seus estudos, ficando sob os cuidados das três tias maternas e a avó. Atualmente, Rogério faz a segunda graduação e mora em São Paulo. Com certa frequência, volta à cidade para visitar a família. Foi numa dessas ocasiões de visita familiar que nos encontramos pela primeira vez.

Ele é um rapaz de estatura mediana – aproximadamente 1,70m –, usa óculos, é magro, com pele parda, cabelo e olhos pretos. Na ocasião em que nos encontramos, usava bermuda, camiseta e tênis esportivo. Enquanto andávamos com seu carro aleatoriamente conversando pelo centro de São Carlos, ainda um pouco retraído com alguém que havia conhecido a pouco,

ele sugeriu que fossemos até à UFSCar, onde poderíamos descer e conversar mais tranquilamente.

Meu primeiro contato com ele se deu através do Scruff© e, depois de algum tempo de conversa pelo aplicativo, trocamos nossos números de telefone e começamos a conversar pelo Whatsapp©. Durante a conversa, explicitiei que estava realizando uma pesquisa e prontamente ele se dispôs a me ajudar. Disse que possuía carro e que poderia me apanhar em casa para conversarmos pessoalmente. Era um domingo, dia 08 de setembro de 2013, por volta das 15 horas, quando nos encontramos pela primeira vez.

Nosso encontro durou cerca de três horas e, mediante o seu consentimento, pude gravar uma entrevista de aproximadamente uma hora e meia de duração. Depois desse dia, mantivemos contato por alguns meses através dos aplicativos de conversa, o que permitiu nos aproximarmos complementando as informações colhidas na primeira entrevista. Conforme o combinado, no horário marcado, ele estava em frente ao prédio onde moro.

Rogério começou nossa conversa dizendo:

– Eu sabia que eu era gay desde os seis anos de idade, mas me assumi com quatorze quando escrevi uma carta para um amigo virtual e minhas tias pegaram. Eu comecei a conversar pela internet quando tinha treze anos. Eu achava que nunca ficaria com meninos, mas naquela época, eram poucas pessoas que tinham internet e a maioria dos meus amigos virtuais morava na capital. Por isso eu tinha o hábito de escrever cartas para eles. Era uma forma de dar cara pra pessoa, você via a letra e tal. Era uma forma de dar mais intimidade, de criar mais proximidade, sei lá. Foi numa dessas cartas que eu acabei contando para um amigo que morava em Belo Horizonte um lance que tinha rolado com um colega da escola de quem eu estava a fim, só que antes que eu colocasse a carta no correio, minhas tias foram lá e pegaram. Elas leram o que estava escrito e aí foi aquela coisa, né?!.

Ele conta que foi apresentado à internet com a primeira leva de usuários, logo após a chegada da conexão discada no Brasil, em 1997. Ele se reconhece como parte da primeira geração de usuárixs que, desde o começo da adolescência, teve o computador como parte da paisagem doméstica.

Ele comenta que, hoje em dia, pode soar estranho que, no calor do lançamento da internet comercial, alguém apreciasse a troca de correspondências pelo antigo método postal, ainda mais se tratando de um amigo virtual. Mas, do seu ponto de vista, a troca de cartas funcionava como uma estratégia para conferir mais subjetividade e substancialidade às amizades virtuais através da caligrafia.

A carta interceptada pelas tias rendeu discussões familiares sobre a sua educação e a sua sexualidade. Assim, as irmãs comunicaram à mãe dele o que havia ocorrido. Segundo ele, suas tias atualmente justificam a revelação feita à sua mãe sob o argumento de que criá-lo,

naquele contexto, implicava também em assumir todas as responsabilidades pela sua educação e formação. As três tias de Rogerio são solteiras e, assim como sua mãe, são professoras universitárias com formação em educação.

Refletindo, ele sugere que talvez esse cenário de proximidade com o mundo acadêmico tenha fornecido a elas elementos e, até mesmo, um vocabulário que permitiram tratar o assunto com uma razoável naturalidade, embora não sem espanto. Ele considera o ambiente “razoável”, pois, com apoio familiar desde cedo, aos 14 anos, pôde experimentar publicamente a possibilidade de viver uma “*identidade gay*” sem o medo do rechaço familiar. Ele diz que, do modo como vê, a internet e o (re)conhecimento de sua homossexualidade acabaram se tornando indissociáveis, sobretudo após o episódio que, em seguida, se desdobrou na escola.

– Eu achava que nunca ficaria com meninos. Até que um amigo do colégio chegou e veio pedir para ficar comigo. Eu disse que sim e ele saiu contando pra todo mundo. Daí todo mundo ficou sabendo. Eu acho que ele também queria se assumir, mas não queria que fosse sozinho e aí me jogou no meio. Mas com minhas tias já sabendo foi mais fácil pra todo mundo.

Após o episódio da escola, ele conta que decidiu assumir-se como gay para seus colegas de escola, vizinhxs, colegas da rua e para outrxs amigxs virtuais. Mas, para o pai, de quem vivia distante, esse ainda era um segredo cuja possibilidade de revelação causava grande ansiedade tanto nele quanto nas mulheres de sua família. Ele conta que, desde o início, a mãe e as tias acharam que seria melhor não revelar sobre sua sexualidade ao pai e que a distância geográfica foi um fator que colaborou significativamente nesse arranjo.

Religiosas e frequentadoras do universo do catolicismo, as tias de Rogério ainda insistiram para que voltasse a frequentar a igreja, mas sem sucesso. As tensões que se desdobraram a partir daí passaram a alimentar ainda mais o desejo dele de mudar de cidade.

– Eu nunca fui de paquerar pela internet. Eu preferia fazer amizade por lá e ficar com os caras nas festas. Mas em São Carlos era um saco. Eu até pegava alguns carinhos que conhecia ou que acabava conhecendo pela cidade. Teve uma vez que eu fiquei com um cara que conheci pelo chat e com esse foi bem legal. Foi uma das minhas primeiras experiências. Ele era meu vizinho e disse que já tinha me paquerado várias vezes na rua. Eu fiquei pensando: olha que coisa, como a homossexualidade é uma coisa complicada! Eu sendo paquerado e achando que isso não ia acontecer porque esse não é o lugar propício. Hoje em dia eu olhando pra trás penso que mudar pra mim foi o melhor de tudo. Atualmente eu moro com um amigo gay e a maioria dos meus amigos também são. Em São Paulo todas as possibilidades são maiores. Eu nunca quis morar em nenhuma cidade pequena. Eu sempre quis morar lá, não poderia ser nenhum outro lugar.

Assim, aos dezoito anos de idade, movido pelo desejo de viver em São Paulo, Rogério resolveu prestar o vestibular em uma universidade paulistana, optando pela graduação em Letras. Pouco tempo depois do ingresso, a insatisfação com o curso o levou a abandonar a área, optando por fazer uma nova seleção, dessa vez em um curso de moda. Atualmente, em vias de terminar a graduação, Rogério não pensa em voltar a morar no interior de São Paulo, tampouco em sua cidade natal. Seu desejo é se estabelecer e viver permanentemente na capital.

Ele pondera que, vivendo em São Paulo, suas relações com as tias e a mãe progressivamente tenderam a se estabilizar, diferente do que se passou com o pai, de quem pouco a pouco foi se distanciando, sobretudo depois que ele e a mãe se separaram. Atualmente casada com outro homem, ela mantém com o filho uma relação próxima, mas, segundo ele, não sem conflitos com o padrasto, para quem a sexualidade do enteado também é um tabu. Rogério e a mãe costumam se encontrar algumas vezes ao ano, especialmente naquelas datas comemorativas inescapavelmente familiares.

Ao falar sobre seu pai, Rogério explica que

– Ele era a última pessoa que não sabia. Dele sim eu tinha medo, e nem era por temer que ele tirasse minha grana, era de violência mesmo. Eu não sabia qual seria a reação. Meu pai é um baiano bruto, vive no Brasil profundo, mexe com mulher na rua e eu me criei sob a guarda das minhas tias.

Ele diz que a relação com sua mãe e suas tias sintetizam a percepção que tem sobre o que efetivamente é uma família. “Meu pai tem mais dois filhos, isso que a gente sabe, são mais velhos e não são pessoas com quem convivi, ele foi descobrindo depois”. Embora tenha vivido até os dez anos de idade com os pais na cidade natal, Rogério conta que, desde muito cedo, foi acostumado com a ausência do pai que o via apenas aos finais de semana quando ia para a fazenda ou quando o pai vinha para a cidade: “Meu pai trabalhava na colheita de cacau. Ele ficava muito tempo fora e voltada de épocas. Nessas ocasiões foi fazendo filhos”. Atualmente, seu pai casou-se novamente com outra mulher na cidade onde nasceu e os dois mantêm pouquíssimo contato ou quase nenhum, sobretudo depois do último encontro que tiveram em julho.

– Recentemente fui pra lá. Eu encontrei com ele e fui vê-lo jogar futebol. Eu fiquei rememorando minha infância e entrei em pânico pensando como eu me distanciei de todo aquele modo de vida. Ele estava me levando embora na moto e, quando eu desci, tirei o capacete, criei coragem e disse: eu sou gay! Foi uma conversa muito difícil. Mas ele na hora pareceu ter entendido e disse que no próximo sábado nós conversaríamos sobre isso, mas ele

nunca apareceu. Depois um amigo em comum falou que no dia seguinte ele estava transtornado e chegou a dizer que eu não era mais filho dele. Até hoje não falamos mais.

Durante o período em que mantivemos contato, Rogério disse nunca mais ter encontrado ou conversado com seu pai. Não o procurou mais e nem voltou a visitar a cidade natal. Disse apenas que ficou sabendo de notícias esporádicas por amigos da família e pessoas conhecidas, mas preferiu não entrar em detalhes. Ele conta que, embora às vezes sinta falta da família por perto, é melhor viver afastado porque assim tem a possibilidade de “viver”.

Para ele, atualmente, uma das vantagens dos aplicativos em relação às salas de bate-papo é a praticidade. Diferente das antigas salas, que exigiriam tempo e disponibilidade para recompor um interlocutor decomposto em medidas e descrições sobre preferências, os aplicativos oferecem a agilidade na interação mediada pela imagem e a textualidade que compõe o perfil.

Como alguém habituado ao uso das mídias digitais, ele diz que conhece uma variedade de aplicativos. Segundo ele, o Scruff© é preferível, pois

– De todos esses aplicativos que eu já experimentei, acho que ele tem um público mais ‘homão’. É um tipo que eu gosto. No Grindr© e no Hornet© tem muito cara bombadinho de academia. E, além disso, no Scruff© eu consigo conversar com os caras que visitaram meu perfil, nos outros não.

Ainda sobre os atrativos dos aplicativos, Rogério diz

– Os aplicativos me prendem por trazer a possibilidade de você fazer exatamente isso: amizade, trepar e conversar com pessoas que você não conhece, mas que estão por perto e procurando a mesma coisa. Eu odeio machismo, odeio racismo e todas essas coisas de gente preconceituosa. Mas, com os caras que eu conheço pelo aplicativo e chego a trepar, nem sempre eu vou chegar a conversar sobre isso. Eu faço uma separação. Sexo é fácil, você não precisa compactuar com a filosofia de vida do cara pra trepar com ele. Se o cara é brother, você pensa: que legal, dei sorte.

Ele considera que existe uma maior tolerância ao uso dos aplicativos em São Paulo e vê nessa tecnologia uma vantagem, na medida em que criam uma forma de rearticular as possibilidades de estabelecer contatos em locais presumivelmente heterossexuais.

– Até em Rondônia eu consegui conhecer gente legal pelo aplicativo. Outro dia eu estava no bar com algumas amigas heterossexuais e todo mundo estava no telefone celular mexendo. Nisso, uma delas virou e me disse assim: você estão no Scruff©? Porque se vocês tiverem no Scruff© tudo bem, mas se estiverem vendo o Facebook© eu vou ter que lembrar que estamos num bar. Eu entendo o Scruff© porque eu posso paquerar aqui e vocês não. E o aplicativo é justamente isso, eu posso estar num bar flertando com um cara da mesa ao lado sem que ninguém perceba. E não é que não pode. Embora São Paulo seja mais aberto, a

gente é induzido a se proteger. Você nunca sabe quem é exatamente o cara com quem a gente está indo se encontrar. Eu não tenho problemas com a minha sexualidade. Eu sou assumido, etc, mas eu não frequento só o meio gay e em lugares héteros o aplicativo me garante que o cara também curte. [...] Primeiro a gente precisa conhecer o aplicativo e se o cara está lá é porque é do meio. Se está lá ele ao menos está disposto a se expor. E o próprio fato de ser um celular requer que o cara tenha pelo menos um celular, então não é qualquer pessoa que está no aplicativo. Eu já fiquei com caras mais ricos e mais pobres que eu, mas não variava muito, é quase todo mundo do mesmo nível social”.

Embora assiduamente estabeleça contatos digitalmente mediados, ele conta que nunca namorou, mas que gostaria de encontrar alguém “para sair da pegação”. A relação mais duradoura que ele manteve foi ainda na primeira graduação, com um colega de turma.

Saulo

Saulo nasceu e cresceu na cidade de Rio Claro²⁴, localizada na região centro-leste do Estado de São Paulo. Quando nos encontramos pela primeira vez, em setembro de 2013, ainda era recente sua mudança para São Carlos. Naquela ocasião, ele havia acabado de aceitar uma proposta de trabalho na produção de uma emissora de televisão local. A decisão de mudar de cidade, segundo ele, também foi motivada pela relação que mantinha com um rapaz daqui e de quem havia separado ainda recentemente.

Nosso primeiro contato foi através do aplicativo e, depois de uma semana conversando, Saulo me convidou para ir até o seu apartamento, na região central da cidade. Nesse dia, nosso encontro durou aproximadamente três horas das quais, mediante seu consentimento, pude gravar a primeira entrevista com aproximadamente uma hora e meia de duração.

Saulo tem 30 anos de idade, é branco, aproximadamente 1,75m de altura, 65 kg, com diversas tatuagens em diferentes lugares do corpo. Quando nos encontramos, o boné, a bermuda jeans, a camiseta e os chinelos compunham um ar despojado de quem havia acabado de chegar do trabalho. Era uma terça-feira, por volta das 16 horas.

Recém-chegado na cidade e ainda superando os dilemas de uma conturbada relação terminada com seu companheiro, Saulo começou me explicando que seu cachorro também era novo e que por isso ainda era mal-educado. Aproveitando, recomendou que eu não me

²⁴ São Carlos e Rio Claro ficam localizadas a 65 quilômetros de distância uma da outra. As duas possuem características similares. Em termos de estrutura urbana, ambas são descritas como cidades “modernas” por comportarem polos tecnológicos e parques industriais, assim como grandes universidades públicas. O estilo de vida das duas combina características urbanas e rurais. Também possuem semelhanças em termos populacionais, com números próximos de 200 mil habitantes.

importasse com alguns latidos e possíveis inconvenientes causados pelo filhote. Também comentou sobre a dificuldade de educar um animal de estimação quando se vive sozinho, sobretudo quando o trabalho exigia que passasse a maior parte do dia fora.

Saulo foi criado pela avó paterna, que atualmente tem setenta e um anos de idade. Segundo conta, seus pais se separaram quando ainda tinha dois anos de idade, período em que passou a viver com a mãe, o irmão e a irmã mais novos. Filho de uma família pobre, a escassez de recursos financeiros apenas permitiu, com muito sacrifício, que a mãe construísse uma casa simples no mesmo terreno onde ficava a casa da avó. Ao longo da nossa conversa, diversas vezes ele mencionou que cresceu vendo as dificuldades de conviver com um pai alcoólatra e violento, o que afetava toda sua rotina e a vida familiar. Além disso, diz que durante a infância passou ao largo dos cuidados da mãe.

– Minha avó trabalha até hoje na casa de uma família. Quando ela começou a trabalhar com eles eu era criança. Isso já faz 22 anos. Ela cuidou dos filhos, dos netos e se bobear tá cuidando dos bisnetos da família. Ela não é do tipo velhinha, não! Ela é super ativa. Meu pai tá muito mais velho, ele tem cirrose hepática e tá todo doente. Eu só encontro com ele raramente, quando vou ver a minha avó. Eu apelidei ele de Fernandinho Beiramar.

Por conta do abandono e da violência vividos na infância, Saulo, aos treze anos, pediu para morar na casa da avó. Embora fosse curta a distância geográfica que separava as duas casas, para ele a dissensão simbólica era o fundamental. Com sua avó incentivando-o nos estudos, ele diz que pôde almejar para si um futuro diferente daquele que teria seu irmão e sua irmã.

– Com minha avó eu estudava, tinha hora pra tudo, conseguia fazer minhas coisas. Meus irmãos não. Mas minha avó desconfiava que eu era gay, acho que por isso ela se prendia em mim, porque via que eles me tratavam mal. Ela sempre dizia que eu era diferente dos meus irmãos. Quando eu tinha treze anos ela pediu pra minha madrinha que morava em São Paulo me levar para lá numa psicóloga. Ela achava que eu tinha algum problema. Eu era diferente porque eu conversava melhor do que meus irmãos. Daí eu fui e a psicóloga falou que eu era normal e daí ela se acalmou. Eles são meio caipirões, sabe?

Antes que terminasse o ensino médio, aos dezessete anos, Saulo conseguiu um emprego, a princípio temporário, como vendedor em uma rede de lojas da cidade. Segundo ele, aspirando crescer com as oportunidades que apareciam, dedicou-se ao trabalho com a expectativa de garantir a vaga definitivamente. Para ele, ter o próprio trabalho sempre representou o mesmo que ter as suas próprias coisas.

Depois de alguns meses, já efetivamente contratado e estabilizado no cargo, Saulo foi promovido à gerência da loja. Nesse período, namorava Paty, uma vizinha com quem se

relacionou por quase dois anos. Na época pensava em se casar com ela, mas logo justifica o desejo como um impulso da juventude que apenas passava por sua cabeça por ainda não conhecer “as coisas”.

Visando progredir no trabalho, ele conta com orgulho que chegou a coordenar a montagem de outras lojas da rede em cidades do interior paulista e em capitais, como Rio de Janeiro e São Paulo. Esse período foi fundamental para que conhecesse outros lugares e outros estilos de vida, já que, até então, nunca havia saído de Rio Claro.

– Eu viajei muito nessa época, conheci o Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Espírito Santo e vários outros lugares. Nessa época, no começo, eu namorava a Paty ainda. Olha, eu namorava muita mulher. Até com uma prima eu tive um caso. Mas se for ver eu até que me assumi novo, quando tinha 19 anos. Começou um boato na cidade sobre mim e meu patrão era gay, então isso já ajudava. Na adolescência eu até tinha conhecido um menino, até tinha chegado a ficar, mas eu achei que começaram a desconfiar e daí a gente se afastou. Foi esse patrão quem me apresentou o mundo gay. Eu nunca tinha visto dois homens se beijando na frente de todo mundo e logo ele me levou em uma boate em São Paulo. Achei interessante, fiquei um pouco assustado, mas tive vontade e comecei a provar. Mas daí começou esse lance dos boatos em Rio Claro e eu me irritei e pensei: se vocês querem tanto saber então eu sou, pronto! Eu já me mantinha com meu trabalho, tinha minhas coisas e não dependia de ninguém. A Paty ficou tão decepcionada quando ficou sabendo que se mudou de lá.

Ao refletir sobre o ocorrido, Saulo menciona que, nessa época, sentiu “medo” apenas pelo fato da avó ser evangélica, pois não sabia exatamente de que maneira ela lidaria com a situação.

– Minha mãe gosta de vida boa. Meu pai batia muito. Minha infância foi assim, ele sempre me batia. Acho que por isso eu tenho ressentimento. Fui eu quem pedi pra ir morar com minha avó.

Atualmente, o contato com a família é quase nulo, exceto com a avó, para quem ele liga com certa frequência.

– Eu quase não vejo minha família e acho que não tem a ver com isso. Eu fiz uma opção por ficar sozinho. Eu gosto de uma condição de vida e eles de outra. A gente é muito diferente. Eles são muito simples, sabe. Eu gosto de coisa boa, eu trabalho pra isso. Eles não ligam pra uma vida melhor. Meu irmão é viciado. Minha irmã casou com um cara lá. Meu irmão mais novo não trabalha. Minha avó sustenta e faz tudo pra todo mundo. Meu pai está muito debilitado. Minha mãe também mora lá e está doente, esperando uma biópsia. E minha avó leva todo mundo nas costas. Se eu for lá, eu vou falar o que acho e todo mundo vai brigar comigo. Eu não procuro eles, por que eles também não me procuram. Nunca me ligam nem vêm me visitar. Se não me ligam e nem procuram eu também deixo pra lá. Aprendi assim.

Na ocasião, Saulo aceitou o convite e assumiu a responsabilidade de ajudar na implantação de uma nova planta da rede de lojas em Goiânia, onde morou por um ano e, daí em diante, não parou mais de viajar.

– Eu supervisionava diversas lojas de roupa indiana e artigos importados e ficava viajando, morei em Presidente Prudente dois meses, no Rio por um ano, em Minas por outro e daí as lojas foram franqueadas. Eu resolvi nessa época parar e ficar em São Paulo.

Durante todo esse tempo, ele permaneceu sem estabelecer nenhum contato com a família, até que, no final de 2002, com a situação financeira difícil e vivendo em São Paulo, ele optou por se mudar para Limeira – SP. Lá, trabalhou como garçom em um bar durante algum tempo. Sem vislumbrar maiores horizontes naquele trabalho, Saulo resolveu aceitar o convite de uma amiga para trabalhar com ela em um salão de beleza localizado na cidade de Leme.

Trabalhando no salão, em pouco tempo Saulo descobriu, com a ajuda da internet, como poderia inovar, desta vez maquiando as clientes do salão. Autodidata, ele conta que, nesse período, conseguiu juntar uma boa quantia em dinheiro que o permitiu comprar todos os móveis para a casa em que vive atualmente.

Em 2013, conheceu Luiz através da internet e depois de seis meses resolveu “apostar na relação” mudando-se para São Carlos. Foi assim que Saulo começou a distribuir currículos pela cidade até que recebeu uma proposta atrativa na emissora de televisão em que trabalha atualmente. Logo depois que se mudou para a mesma cidade que Luiz, a relação “mudou” e, diante das brigas constantes por ciúmes, Saulo achou melhor terminar.

Ele manteve seu perfil no aplicativo por aproximadamente seis meses, mas em outubro de 2014 preferiu sair da rede, pois havia conhecido um rapaz, com quem estava namorando.

Ao refletir sobre *Como dar conta de si mesma*, Butler (2009) nos convida a pensar sobre o modo como nenhuma vida pode se referir a si mesma e produzir um relato convincente do seu desenvolvimento sem levar em consideração as condições sob as quais se deu sua chegada ao mundo. Ela explica que a própria narrativa seria completamente inviabilizada se não fossem levadas em consideração as normas sociais sob as quais o mundo se apresenta como habitável. Em sua reflexão, somos atraídos a considerar também os limites

implicados na constituição do sujeito e o peso da interferência do Outro e do mundo social que se impõem na constituição de cada vida.

Ao apresentar as narrativas iniciadas pelas primeiras experiências envolvendo a (homo)sexualidade, não busco, portanto, algo como as raízes inconscientes do desejo. De outro modo, elas se constituem como relatos espontâneos que assumiram a forma narrativa para refletir sobre o mecanismo social que regula o desejo, o erotismo e os limites da sua aceitação social. Que eles tenham se passado na infância e resultem em memórias cristalizadas nas narrativas, considero que são apenas relatos reveladores de como se dão os primeiros contatos com a política do gênero. Vistas a contrapelo, são narrativas que ponderam sobre os efeitos da política do gênero e sobre como os sujeitos se engajam em produzir estratégias em busca de vidas mais habitáveis.

Experiências desse tipo não poderiam ser consideradas como menos fundamentais, sobretudo quando funcionavam como a porta de entrada pela qual esses homens refletiam sobre si. Mais ainda, quando, a partir dessas reflexões, eles calculavam sobre o impacto na vida da mãe, do pai e dos irmãos e irmãs. Manter o “segredo” pode configurar uma estratégia de proteção, ainda mais quando a homossexualidade é entendida como vergonha ou resulta em abjeção.

Seria ilusório achar que as crianças não estão aptas a perceber quais são os segredos politicamente relevantes e as demandas que envolvem o gênero, em especial a masculinidade. A masculinidade é, sobretudo para os meninos, desde sempre um problema de infância (HOCQUENGHEM, 2009; CONNELL, 2003).

Como explica Butler (2009, p. 24), “dar conta de si mesmo” não é o mesmo que contar uma história de si:

O dar conta adquire forma narrativa, a qual não só depende da possibilidade de transmitir um conjunto de acontecimentos sequenciais com transações plausíveis, mas também apela à voz e à autoridade narrativas, dirigidas a uma audiência com propósitos de persuasão. O relato deve estabelecer, então, se o eu foi ou não a causa do sofrimento e proporcionar um meio persuasivo em virtude do qual possa ser entendida a agência causal do eu.

Em cidades pequenas do interior de São Paulo, a dinâmica das relações sociais se dá em um contexto em que muitos se conhecem, de forma que, em alguns nichos de sociabilidade, a “vida alheia” não passa despercebida. Dito isto, é possível traçar um paralelo com estudos sobre comunidades menores e mais coesas, como aquelas estudadas pela antropóloga Claudia Fonseca (2000). Nesse estudo, esta autora nos oferece uma interpretação sobre o poder e sua íntima ligação com a violência, o humor, a honra e a fofoca. Esses

elementos deslocam um conjunto de códigos, formas e simbolismos imiscuídos nas dinâmicas de gênero e classe social, operando como um mecanismo de controle social disperso entre “fortes” e “fracos”, especialmente quando circunscrito a acusações morais acerca das sexualidades.

Pierre Bourdieu (1996) sugere que o espírito de família nada mais é do que uma ficção bem fundamentada que transforma as disposições afetivas em obrigações de amar. É mediante a obrigação do afeto familiar que esses homens se veem enredados pelo desejo de manter os vínculos a despeito de serem desfeitos no contato com a família. Ora, se é então a família o porto seguro fundamental, como a mídia de massas costuma pregar, porque é justamente perto da família que a autenticidade deve desaparecer em função das expectativas normativas socialmente sancionadas?

Guy Hocquenghem (2009), de maneira crítica, formula que as famílias estão cada vez mais nas cabeças e menos nas instituições. Para este autor, a família se converte em espaço do gozo consentido pela lei. Daí a culpabilidade em torno da homossexualidade como gozo transgressor e fora da norma.

A feminista Monique Wittig (2006, p. 28), radicalizando sua crítica ao contrato heterossexual, aponta que

O sexo é uma categoria totalitária que para provar sua existência dispõe de seus inquisidores, sua justiça, seus tribunais, seu conjunto de leis, seus terrores, suas torturas, suas mutilações, suas execuções e sua polícia. Forma o espírito e o corpo porque controla toda a produção mental. Possui nossos espíritos de tal maneira que não podemos pensar fora dela.

Dito isto, é possível perceber que, nesse contexto, a fofoca não é apenas um mecanismo de controle, mas, sobretudo, um mecanismo de controle que visa à manutenção da heterossexualidade relegando às outras formas de expressão do desejo (como a homossexualidade) o espaço da vergonha e da abjeção. Para Cleber, Marcos, Rogério e Saulo, o desejo de viver em uma grande cidade era indissociável do desejo por outros homens e da busca por anonimato como uma saída estratégica para se liberar das demandas e pressões decorrentes da heterossexualidade.

As reflexões por eles conduzidas mantêm em comum o desejo que nutriam de experienciar a dinâmica que consideram própria da vida metropolitana em oposição à vida no interior e revelam como os códigos para a homossexualidade são irradiados a partir dos grandes centros urbanos. Estes são os elementos simbólicos que, no começo do século XX, foram descritos pelo sociólogo alemão George Simmel (2005) como sendo tipicamente

associados à dinâmica simbólica da vida nas grandes metrópoles. O desejo da metrópole, para o qual chamei a atenção, constitui uma estratégia de sobrevivência balizada pela busca por anonimato – objetivação – (p. 579), pela monetarização na dinâmica das relações – intercambiabilidade – (p. 586) e pela aceleração do tempo (p. 580), vista em oposição ao tédio e à monotonia, tipicamente atribuídos à vida no interior.

Neste ensaio, Simmel (2005) parte da “vida nervosa” dos habitantes da cidade frente à variedade de estímulos que transbordam a capacidade de apreensão e diferenciação do indivíduo. Diante da impossibilidade de reagir a todos eles, para este autor, como resposta, o indivíduo exposto ao contexto metropolitano desenvolve um caráter intelectualista que permite anular parte da sua ação na vida cotidiana. Essa anulação na relação com o entorno deriva na reserva das pessoas e em relações puramente formais, caracterizadas principalmente, pela atitude blasé típica da vida metropolitana.

Ao desejarem a vida na cidade, os quatro interlocutores revelam também o desejo por uma vida atomizada como garantia da preservação de sua individualidade e, principalmente, privacidade. Além disso, o desejo pela vida na metrópole pressupõe a possibilidade de uma vida intensificada mediante a convivência com estranhos, pela exigência de autonomia e, sobretudo, pela promessa da liberdade e autonomia individuais como sinônimo de felicidade.

Para Cleber, as pressões sociais e o medo com relação à incompreensão de sua família resultaram na estratégia de cursar a graduação em outra cidade que, embora não fosse uma metrópole, lhe permitia o acesso ao anonimato. Para Marcos, o silêncio velado por parte da família em torno de suas relações, combinado com a possibilidade de deslocar-se pelas cidades do interior, foram os ingredientes que deram a tônica das relações invisíveis que manteve por anos sem colocar em evidência suas preferências sexuais. Para Rogério, ideais desse tipo se fizeram visíveis a partir do acesso à internet via conexão discada disponível no final da década de 1990. Além do alto custo, o que talvez ajude a explicar sobre o pequeno número de usuárixs financeiramente mais abastados, o contato a partir da rede com pessoas que viviam em grandes capitais brasileiras lhe deu horizontes sobre as possibilidades decorrentes da vida em uma metrópole. Por outro lado, Saulo, limitado pelas condições financeiras de uma família com poucos recursos, viu no trabalho a possibilidade de alcançar a autonomia e o afastamento do restante da família vista como “acomodada”.

Em todos esses casos, o distanciamento geográfico e as possibilidades de mobilidade empregaram a distância geográfica como condição de proximidade simbólica e de manutenção dos vínculos afetivos e familiares.

Cleber teve que aprender a lidar com a manutenção de um duplo segredo que exigia, e que exige até os dias de hoje, uma postura com reservas diante dos parceiros com quem aspira desenvolver relações duradouras. Por assim dizer, ele precisa constantemente lidar com um duplo estigma que combina as imagens negativas da homossexualidade ao HIV. A doença de seu pai comprometeu as capacidades intelectuais e, portanto, agora não haveria porque esperar dele qualquer reação negativa. Nesse contexto, a aproximação com a mãe e a irmã foi viabilizada sob o discurso da união familiar em torno de uma causa maior, a doença do pai.

Marcos, por outro lado, estabelecido em termos financeiros, consegue manter sua autonomia diante da família, mas sem desejar com isso romper os laços familiares. Daí as tentativas frustradas de reunir Hugo e seu irmão no mesmo ambiente. As expectativas em torno da união apontam para um desejo de normalização e pela constituição de uma “família” em continuidade com o modelo heterossexual. Por isso a preocupação em torno da homossexualidade e o trabalho. Para ele, perder o trabalho significaria algo equivalente a perder a liberdade garantida pela autonomia financeira. Sem isso, ele considera que seria inviável manter-se em pé diante da família e teria que aceitar as inferências e objeções do irmão mais velho sobre suas escolhas.

A idade avançada dos pais, já quase centenários, é o ponto de equilíbrio sobre o tensionamento entre ele e seu irmão e decorre da percepção de que ambos “não compreenderiam”. No entanto, é mais do que isso. Marcos, como filho de uma família tradicional, participa constantemente de atividades e eventos sociais junto à comunidade nipônica. Segundo ele avalia, a repercussão de sua homossexualidade entre a comunidade poderia resultar, inclusive, no desprezo e, conseqüentemente, em sua expulsão. Daí a manutenção do vínculo com Hugo em termos de amizade e a atual preferência por ficar só como se fosse uma escolha.

A narrativa de Rogério nos permite pensar sobre como as identidades sexuais não necessariamente dependem de um exercício efetivo da sexualidade para que sejam habitadas. A partir de sua história, podemos pensar sobre a identidade como um efeito decorrente de um circuito de interpelações e de reconhecimento alimentado por um conjunto de convenções (nesse caso, sobre o gênero) que organiza uma economia social e que posiciona os sujeitos em relação ao Outro.

Com efeito, como afirma Hocquenghem (2009, p.71), “o mundo social explora o desejo homossexual como nenhum outro convertendo a força libidinal em sistema de representação”. A descontinuidade causada pela revelação da (homo)sexualidade de Rogério

induziu a uma leitura por parte de suas tias que encadeava a extrusão com as convenções heterossexuais à uma quebra anterior, a saber, com a igreja.

Além do mais, o afastamento e as relações conturbadas com os homens da família – pais e irmãos – permanecem como um ponto em comum a todas as narrativas, do mesmo modo que a aproximação familiar resulta do esforço em torno de recompor as relações, da aceitação e do acolhimento por parte das mulheres – mães, irmãs, tias e avó.

Rogério, assim como Saulo, não mantém contato algum com o pai, que também parece não se interessar em restabelecê-lo. De todo modo, permanece a tensão com o padrasto, que resulta no afastamento da mãe e na substituição dos vínculos com ela pelas relações de proximidade com as tias.

Segundo ele avalia, pode ser que a proximidade com o meio acadêmico tenha fornecido às tias e à mãe elementos e até mesmo um vocabulário que as permitiram tratar o assunto com uma razoável naturalidade, embora não sem espanto. Ele considera favorável, pois, com apoio familiar desde cedo, aos catorze anos pôde experimentar publicamente a possibilidade de viver uma “identidade gay” sem o medo do rechaço familiar. Para ele, a internet e o (re)conhecimento de sua homossexualidade acabaram se tornando indissociáveis.

Saulo, por outro lado, filho de uma família pobre, viu na figura da avó a possibilidade de garantir um ambiente favorável para o seu desenvolvimento. As dificuldades no convívio familiar com o pai alcoólatra e o abandono da mãe resultaram em uma estratégia bastante madura para um menino ainda com quase treze anos de idade. Desde cedo, ele aprendeu que precisaria se esforçar para garantir a sua autonomia e para que pudesse “ter as suas coisas”. Foi esse desejo por autonomia que lhe motivou a dedicar-se aos estudos e a abraçar a oportunidade de trabalho oferecida pelo patrão.

A experiência de viver em uma grande cidade “abriu os horizontes” para ele, que nunca havia saído da cidade onde se criou e permitiu que conhecesse e “experenciasse” novos ambientes, reacendendo o seu interesse por rapazes. Além do mais, o convívio com o círculo de amigos do patrão permitiu que Saulo vivesse uma experiência de reconhecimento que não passava mais pelos termos negativos convencionalmente associados à homossexualidade pela família. Mas o preço pago por viver de maneira autônoma e dissociada da família resultou no contato escasso com a avó e no julgamento negativo que faz sobre o irmão e a irmã.

5 O SEGREDO É A ALMA DO NEGÓCIO – CONSIDERAÇÕES FINAIS

"Pois quando eu te vejo eu desejo o teu desejo"
(Caetano Veloso)

Nesse sentido, creio que o discurso sobre o desejo homossexual não é, estritamente falando, o mesmo que o desejo que o verbaliza. E quando pensamos que estamos atuando homossexualmente ao falar de homossexualidade estamos cometendo um pequeno erro. Se quisermos fomentar uma produção crítica de homossexualidades alternativas, seria importante desvincular a homossexualidade das figuras mediante as quais se transmite o discurso dominante, sobretudo quando assumem a forma de agressão e enfermidade. De fato, do mesmo modo que é necessário produzir outras figuras para garantir o futuro da performatividade e, portanto, da homossexualidade, será preciso manter a distância entre algo chamado “homossexualidade” e aquilo que não pode ser completamente interpelado com essa chamada, o que debilitará o poder de qualquer figura que desejar dar a última palavra sobre a homossexualidade. E creio que o mais importante é precisamente se antecipar em relação a esta palavra.

(Judith Butler – Palavra contagiosa, 2004a, p. 206).

Ao longo desta dissertação, procurei compreender o uso estratégico que homens do interior de São Paulo fazem das mídias digitais móveis visando criar relações com outros homens em segredo. No início, tomei os aplicativos como uma “tecnologia de gênero” situada em um contexto sociotécnico de recepção das mídias, sugerindo rearticulação dos seus usos e limites.

Em diálogo com meus interlocutores, problematizei a permanência do desejo pelo “homem de verdade” como um elemento central na busca por parceiros. Considerando o trabalho de Néstor Perlongher, procurei apresentar aspectos de continuidade entre as “negociações” que antes eram delineadas na carne dos michês e que agora operam pelas categorias pré-formatadas pelos aplicativos. Ao falar sobre os aplicativos e sua dimensão discursiva, sublinhei que os códigos para os seus usos são forjados sob a pornografia *gay* como um metadiscurso que adjetiva a homossexualidade, descolando-a do campo semântico estigmático da patologia e do efeminamento (MOLWABOCUS, 2010).

Do mesmo modo, irradiados a partir dos grandes centros, os códigos para o desejo homoerótico mantêm com eles uma estreita relação que se expressa nas falas dos interlocutores sob a forma do desejo pela metrópole como sinônimo de autonomia, anonimato e liberdade. Nesse sentido, a difusão da internet como um “espaço relacional” (McQUIRE, 2011) acelerou a troca de imagens, códigos e simbolismos associados não apenas à homossexualidade, mas, sobretudo, à masculinidade.

Sugeri como um aspecto positivo que, para alguns destes homens, a partir do uso das mídias digitais, a homossexualidade pode ser comunicada e vivida de maneira distinta das gerações anteriores. A partir do trabalho de campo, foi possível notar que a busca pelo segredo e pela discrição são prerrogativas, em especial, para os homens com cerca de 30 anos de idade. Visto a contrapelo, é possível sugerir que, para os homens mais jovens, o desejo homossexual e a homossexualidade não são mais compreendidos sob os tropos da patologia e da insanidade. Em suma, para as gerações mais novas, as mídias digitais colocaram um vocabulário em circulação que permite um sentimento de “normalidade” para si mesmos que é diferente do que se passava com as gerações anteriores.

Embora ainda permaneça a necessidade de negociar sua sexualidade com a família, o trabalho e o ambiente educacional, esses homens podem agora se perceber a partir de uma gramática que adiciona outros predicados ao desejo. A “discrição” exigida é muito diferente da “marginalidade” da era do *cruising*, da pegação, dos relacionamentos e casamentos de fachada e outros componentes do antigo “armário homossexual”, embora ainda sirvam de suporte à heteronormatividade. Esses deslocamentos se refletem, principalmente, nas transformações dos horizontes aspiracionais desses homens.

Ao falar das negociações na busca, aponte que os aplicativos deslocam os usuários entre as posições do “michê” e do “cliente” no escrutínio da masculinidade. Não se trata de uma negociação monetária, mas de uma transação que evidencia o caráter relacional da gramática erótica que rege a busca nos aplicativos. Acompanhando Georg Simmel (2011), não tomei o segredo como algo absolutamente oculto, mas como uma “economia da informação” que pressupõe um arranjo ativo que distribui e regula incluídos e excluídos do conhecimento sobre algo.

Revelar o segredo, ou seja, assumir-se homossexual, tem ligações profundas com ideais geracionais, fantasias de classe e de gênero normativas a respeito da (homo)sexualidade. As especificidades das convenções morais no interior paulista, aliadas à localização geográfica central, à ampla oferta de emprego, à educação e a uma estrutura que sobrepõe em continuidade o rural e o urbano, são parte do contexto sociotécnico das cidades situadas na região.

Ao apresentar o contexto de produção dos aplicativos, procurei, em primeiro lugar, sublinhar as diferenças entre o contexto de produção e de recepção dos aplicativos. Considerei que a dimensão arquitetural dos aplicativos, tal como os manicômios, os conventos, as escolas, os hospitais e as prisões, podem ser entendidas como um discurso no sentido

elaborado por Foucault, ou seja, como um conjunto de práticas que nomeiam incessantemente os objetos aos quais se referem.

Em diálogo com Judith Butler (2007, 2009), Sharif Mowlabocus (2010), Sherry Turkle (1997) e Eva Illouz (2011), procurei delinear a dimensão performativa implícita à atividade de “converter-se” em um perfil. Nesse jogo, a internet permitiu uma ampliação em torno das possibilidades de atuação e encenação em volta de práticas e identidades. No entanto, ao mesmo tempo em que enuncia seus usos, a internet suscita seus limites. Uma vez restritos ao público gay, os aplicativos se converteram também em prolongamentos dos antigos espaços de pegação, tais como banheiros e saunas e, por isso, se prestaram também às estratégias do segredo.

A partir dos dados obtidos em campo, procurei delinear o perfil dos usuários dos aplicativos. Trata-se de um público masculino, massivamente composto por jovens, brancos e de classe média. O segredo aparece como um elemento fundamental na busca, especialmente para os homens com idade por volta dos 30 anos, o que sinaliza uma marca geracional na associação entre homossexualidade e estigma. Embora pareça otimista a leitura sobre os “mais jovens” e suas “posturas contestatórias”, vale lembrar que a maioria é composta por universitários e que vive em cidades diferentes do local de origem. Alguns, inclusive, confessaram trocar as fotografias quando voltam para a casa dos pais, visando evitar que alguém “conhecido” os reconheça no aplicativo.

A partir do trabalho etnográfico, procurei explicitar os elementos centrais nas negociações em torno do segredo sem, com isso, deixar de lado as posturas contestatórias, em geral vindas por parte dos mais jovens. As demandas por masculinidade, discrição, virilidade e o “jeito de homem” são senhas empregadas para driblar o estigma do efeminamento como elemento que denuncia o desejo. Dessa perspectiva, trata-se de uma gramática de controle sobre os corpos e a performatividade masculina.

No discurso dos interlocutores, “jovens” e “velhos” funcionam também como categorias acusatórias que acrescentam ou subtraem a masculinidade e a virilidade, ao mesmo tempo em que justificam as posturas e ideais. A maioria das forclusões vem dos perfis que ocultam o rosto nas fotografias e, ao mesmo tempo, a maior parte das expressões contestatórias parte daqueles homens que não ocultam o rosto.

Analisando-as, é possível perceber a cadeia ironicamente tautológica que se monta na avaliação dos parceiros possíveis e desejáveis. Dessa perspectiva, os “homens de verdade” têm, portanto, “atitude”, “voz”, “tipo”, “pegada”, “cheiro” e “postura” considerados como atributos autênticos e atraentes. Estas são as principais características que permitem aos

homens considerados “verdadeiros” resistirem ao escrutínio público, sendo presumidos a partir das lentes da heterossexualidade compulsória.

Entre os usuários que não mostram o rosto, a ênfase na masculinidade é maior, talvez como garantia da manutenção do segredo mediante a capacidade de sustentar uma heterossexualidade presumida. Destaco que a heterossexualidade não precisa ser afirmada, mas presumida. Nem todos que não se assumem como gays necessariamente se assumem/se afirmam como heterossexuais. Daí descrever e analisar as estratégias que esses homens empregam em busca de conciliar a manutenção dos vínculos familiares.

O segredo é a alma do negócio em um contexto que não oferece condições culturais e políticas de reconhecimento recíproco para as pessoas que se afirmam publicamente como “homossexuais”. Nesse cenário sociotécnico, as mídias digitais e os aplicativos emergem como soluções provisórias para criar redes de contatos e circulação de pessoas em busca de encontros ao abrigo do olhar público. Em certo sentido, as mídias permitem recriar as dinâmicas tipicamente associadas à metrópole (anonimato, monetarização e aceleração) no contexto no interior (SIMMELL, 2005).

Particularmente, como alguém que cresceu nesta região, eu também, em algum momento, me vali destas estratégias e fui marcado por experiências parecidas com as narradas pelos meus interlocutores. Renato, o meu amigo a quem dediquei este trabalho, foi vítima das suas próprias. Ele cessou a própria vida aos 23 anos de idade depois de cinco anos de conflitos que resultaram em recorrentes escândalos e episódios de violência, passando pela sua expulsão de casa, pelo rompimento familiar completo que o levaram a um quadro de depressão acentuado e que culminou em seu suicídio.

A internet não é a salvação, mas uma possibilidade provisória que acentua o aspecto “estratégico” do segredo. Ao mesmo tempo em que a rede permitiu reformulações nas antigas estratégias de invisibilidade, a circulação de códigos outros para a homossexualidade permitiu um deslocamento sobre o antigo sentido de marginalidade. O pano de fundo dessa investigação são as estratégias e negociações com as normas sociais que permitem a esses homens chegarem ao reconhecimento e levarem vidas mais habitáveis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AULADELL, Felip Vidal; SCOTT, Joan W; ILLOUZ Eva K. En la agencia de publicidad: aportaciones para el análisis de la noción de experiencia en el discurso publicitário. *Daimon. Revista Internacional de Filosofía*, n. 63, p.175-190. 2014.

BECKER, Howard S. *Outsiders: estudos de sociologia do desvio*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BOURDIEU, Pierre. *Razões Práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas: Papirus, 1996.

BUTLER, Judith. *Cuerpos que importan: sobre os limites materiales y discursivos del "sexo"*. 1. ed. Buenos Aires: Paidós, 2002.

_____. *Lenguaje, poder e identidad*. Madrid: Síntesis, 2004a.

_____. *Deshacer el género*. Barcelona: Paidós, 2004b.

_____. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo*. In: LOURO, Guacira Lopes. (org.) *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 151-172.

_____. *Dar cuenta de sí mismo - Violencia ética y responsabilidad*. Buenos Aires: Amorrortu, 2009.

_____. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

CONNELL, Raewyn. *Masculinidades*. México: Universidade Autônoma do México, 2003.

DÍAZ-BENÍTEZ, Maria Elvira. O sexo sempre é culpável? Notas sobre prazeres, perigos e fissuras na sexualidade. *A Folha do Gragoatá*. Niterói, 08 jun. 2014. Disponível em: <<http://afolhadogragoata.blogspot.com.br/2014/06/o-sexo-sempre-e-culpavel-notas-sobre.html>>. Acesso em: 26 nov. 2014.

DUQUE, Tiago. “Bichas podres”: política identitária e categoria acusatória. *Revista Periodicus*. Salvador, v. 1, n. 2, p. 227-243, Nov-2014/Abril-2015.

FONSECA, Claudia. *Família, fofoca e honra – etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares*. Porto Alegre, Editora da Universidade, 2000.

GOFFMAN, Erving. *A Representação do Eu na Vida Cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 1985.

_____. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1988.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

_____. *Sin garantías: trayectorias y problemáticas en estudios culturales*. Tradução e organização de Eduardo Restrepo, Catherine Walsh e Víctor Vich. Instituto de estudios sociales y culturales Pensar. Quito: Universidad Javeriana, Instituto de Estudios Peruanos, Universidad Andina Simón Bolívar sede Ecuador. 2010.

HOCQUENGHEM, Guy. *El deseo homosexual*. España: Melusina, 2009.

HUMPHREYS, Laud. *Tearoom trade: impessoal sex on public places*. Chicago: Aldine, 1970.

_____. A transação da sala de chá: sexo impessoal em lugares públicos. In: RILEY, Matilda; NELSON, Edward (orgs.). *A observação sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

ILLOUZ, Eva. *O amor nos tempos do capitalismo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

LAURETIS, Teresa. La tecnologia del género. Tradução de Ana María Bach e Margarita Roulet. *Revista Mora*. Buenos Aires, n.2, p.6-34, Nov. 1996.

LEAL-GUERRERO, Sigifredo. Cuerpos deseados / machos representados: aphrodisia, fórmulas representacionales y fotografía en la interacción homoerótica mediada por internet. *Sex., Salud Soc.*, Rio de Janeiro, n. 13, apr. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-64872013000100007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 7 fev. 2015.

LENCIONI, Sandra. Reestruturação Urbano-Industrial no estado de São Paulo: a região da metrópole desconcentrada. In: SANTOS, Milton (org.). *Território, Globalização e Fragmentação*. São Paulo: Anpur, Editora Hucitec, 1994.

McQUIRE, Scott. A casa estranhada. *Revista do Programa de Pós-graduação da Escola de Comunicação da UFRJ*. Dossiê: cidades midiáticas. Rio de Janeiro, v.14, n.1, p.27-66. 2011.

MISKOLCI, Richard; PELÚCIO, Larissa. Esse não mais obscuro negócio do desejo (Prefácio). In: PERLONGHER, Néstor. *O negócio do michê: a prostituição viril em São Paulo*. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2008.

MISKOLCI, Richard. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. *Sociologias*. Porto Alegre, ano 11, n.21, p.150-182, Jan./jun. 2009.

_____. A Gramática do Armário: notas sobre segredos e mentiras em relações homoeróticas masculinas mediadas digitalmente. In: PELÚCIO, Larissa et al. (orgs.). *Olhares plurais para o cotidiano: gênero, sexualidade e mídia*. 1ª ed. Marília: Cultura Acadêmica, 2012. p. 35-55.

_____. Machos e Brothers: uma etnografia sobre o armário em relações homoeróticas masculinas criadas on-line. *Revista Estudos Feministas*. UFSC. Impresso, v. 21, p. 301-324. 2013.

_____. San Francisco e a nova economia do desejo. **Lua Nova**. São Paulo. n. 91. p. 269-295. 2014a.

_____. Estranhando as Ciências Sociais: notas introdutórias sobre a Teoria Queer. *Revista Florestan Fernandes*, n. 2, Ano 1, 2014b.

MISSE, Michel. *O estigma do passivo sexual: um símbolo de estigma no discurso cotidiano*. Rio de Janeiro: Booklink: NECVU/IFICS/UFRJ: LeMetro/IFICS/UFSRJ, 2007.

MOWLABOCUS, Sharif. *Gaydar Culture: gay men, technology and embodiment in the Digital Age*. London: Ashgate Publishing, 2010.

PERLONGHER, Néstor. Disciplinar os poros e as paixões. *Lua Nova*. São Paulo, v.2, n.3, Dez. 1985.

_____. *O negócio do michê: a prostituição viril em São Paulo*. São Paulo. Editora Perseu Abramo. 2008.

PRECIADO, Beatriz. Terror anal. In: HOCQUENGHEM, Guy. *El deseo homosexual*. Madri: Melusina. 2009.

RUBIN, Gayle. El tráfico de mujeres: notas sobre la 'economía política' del sexo. *Nueva Antropología*. México, v. VIII, n.30, p. 95-145. 1986.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A Epistemologia do Armário. Trad. de Plínio Dentzien. *Cadernos Pagu*. Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero Pagu, n. 28, p.19-54, Jan-jul. 2007.

SIMMEL, Georg. As grandes cidades e a vida do espírito (1903). *Mana*. Rio de Janeiro, v.11, n.2, Out. 2005.

_____. *Sentidos, segredos*. Tradução de Simone Carneiro Maldonado. 1ª ed. Curitiba. Honoris Causa. 2011.

SONTAG, Susan. O heroísmo da visão. In: SIMMEL, Georg. *Ensaio sobre a fotografia*. Lisboa: Publicações Dom Quixote. Coleção Arte e Sociedade, n. 5. 1986.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. Reestruturação urbana e segregação socioespacial no interior paulista. *Revista Eletronica de Geografia y Ciencias Sociales*. Barcelona, v. XI, n. 245, Ago. 2007.

TURKLE, Sherry. *A vida no ecrã: a identidade na era da internet*. Lisboa: Relógio d'Água, 1997.

WAGNER, Roy. *A invenção da cultura*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

WIRTH, Louis. O urbanismo como modo de vida. In: FURTUNA, Carlos (org.). *Ensaio de Sociologia, Cidade, Cultura e Globalização*. Oeiras, Portugal: Ed. Editora Celta, 2001.

WITTIG, Monique. No se nasce mujer. In: _____. *El pensamiento heterosexual y otros ensayos*. Madrid: Editora Egales, 2006.